

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

RAQUEL GHETTI MACEDO BÊNIA

**PERVERSÃO EM ANÁLISE: DOS FUNDAMENTOS FREUDIANOS AOS
ASPECTOS CLÍNICOS CONTEMPORÂNEOS**

Brasília, setembro de 2013.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

RAQUEL GHETTI MACEDO BÊNIA

**PERVERSÃO EM ANÁLISE: DOS FUNDAMENTOS FREUDIANOS AOS
ASPECTOS CLÍNICOS CONTEMPORÂNEOS**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientador: Professor Doutor Luiz Augusto Monnerat Celes.

Brasília, setembro de 2013.

RAQUEL GHETTI MACEDO BÊNIA

**PERVERSÃO EM ANÁLISE: DOS FUNDAMENTOS FREUDIANOS AOS
ASPECTOS CLÍNICOS CONTEMPORÂNEOS**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Comissão Examinadora:

Presidente: Professor Doutor Luiz Augusto Monnerat Celes
Universidade de Brasília - UnB

Membro: Professora Doutora Sandra Francesca Conte de Almeida
Universidade Católica de Brasília – UCB

Membro: Professora Doutora Márcia Teresa Portela de Carvalho
Universidade de Brasília – UnB

Suplente: Professora Doutora Terezinha de Camargo Viana
Universidade de Brasília – UnB

Brasília, setembro de 2013.

AGRADECIMENTOS

À Universidade de Brasília, por meio do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura, pelo amparo à construção do meu caminho no Mestrado.

Ao professor Luiz Celes, primeiramente, pela oportunidade. E também pelas decisivas intervenções, com suas escutas e leituras atentas. Pelo respeito ao meu percurso e pelo interesse por minhas contribuições.

À Ruskaya, pelo bom encontro com a psicanálise e pelos incontáveis aprendizados desde então. Pela generosidade na transmissão de seu saber e pela disposição a me apoiar e auxiliar neste trabalho e em tantos outros projetos.

Às professoras Sandra Francesca Conte de Almeida, Márcia Teresa Portela de Carvalho e Terezinha de Camargo Viana, pela disponibilidade de participarem da banca examinadora e pela atenção com o meu trabalho.

Aos alunos da disciplina “Teorias Psicanalíticas”, pelo estímulo constante ao trabalho e à reflexão.

À Márcia, por ter me encorajado, em um momento crucial, a tentar o que parecia impossível. Às amigas Nayara, Stephanie, Simone e Christielle, pela importante contribuição que tiveram e ainda têm em minha formação. À Christielle e à Giovanna, pela companhia nos desafios em terras brasilienses.

À minha analista, por estar presente, de forma determinante. E à minha análise, por me possibilitar dar novos destinos a antigas inquietações.

Aos meus pais, pela base. À minha irmã Isabela, pelos ensinamentos e acolhimentos. Ao meu irmão Bruno, pelo exemplo de bravura. À minha afilhada Luísa, pela grande dose de amor e doçura.

Ao Tiago, pelo amor, cumplicidade, companheirismo e apoio, tão importantes para mim.

“Na realidade, os pervertidos são, antes, uns pobres diabos, que têm que pagar extremamente caro pela satisfação que obtêm a duras penas.”

(Sigmund Freud).

RESUMO

A presente dissertação discute os fundamentos freudianos sobre a perversão e os desdobramentos teóricos posteriores, levando em consideração também os seus aspectos clínicos. Para promover essa articulação, foi percorrido o caminho teórico a partir de três perspectivas freudianas: uma generalista, considerando a categoria da perversão como um todo, e duas perspectivas mais específicas, o masoquismo e o fetichismo, o que as promove a paradigmas da perversão. São expostas, em detalhes, as perspectivas freudianas, seguidas de uma apresentação de algumas das principais contribuições posteriores a Freud, privilegiando-se as propostas lacanianas. Nos dois primeiros capítulos, são trabalhados os preceitos freudianos sobre a perversão como um todo, a saber, as noções de que ela está presente nos primórdios da sexualidade infantil e que, quando não recalcada, permanecerá na sexualidade adulta, possibilitando uma diferenciação da sexualidade neurótica, ou mesmo normal. Aspectos como a fixação, a regressão e a exclusividade são desenvolvidos e enfatizados como características da perversão, de forma geral. Além disso, estabelece-se uma relação entre complexo de Édipo e perversão. No capítulo que aborda o masoquismo, o norte utilizado enquanto explicação é o da íntima relação do supereu com a pulsão de morte, e as contribuições lacanianas quanto ao imperativo superegoico de gozo na perversão, a partir do masoquismo. Pela via do fetichismo, as grandes contribuições freudianas são quanto ao mecanismo da *Verleugnung* e sua correspondente cisão no eu. No capítulo destinado à discussão clínica, apresenta-se um caso clínico de um fetichista, de forma a fomentar a articulação entre teoria e prática. São levantadas questões acerca da clínica da perversão, que englobam tanto os aspectos do universal da categoria, quanto os aspectos da singularidade de cada caso, de forma a esclarecer sobre a necessidade de se compreender as teorias freudianas sobre a perversão como um todo. Para um melhor posicionamento por parte do analista frente a uma demanda de análise de um perverso, é necessário que o analista entenda que os paradigmas do masoquismo e do fetichismo fornecem um ganho teórico imprescindível para a compreensão do funcionamento psíquico do perverso. Isso sem deixar de levar em consideração os aspectos da singularidade que aparecem em cada perversão.

Palavras-chave: *perversão; masoquismo; fetichismo; supereu; Verleugnung; clínica.*

ABSTRACT

The present dissertation discusses the Freudian fundamentals about perversion and its subsequent theoretical developments, also considering its clinical aspects. To promote this link, the theoretical path was traversed through three Freudian perspectives: a generalist one, considering the perversion category as a whole, and two specific views, masochism and fetishism, which are promoted to perversion's paradigm. The Freudian perspectives are exposed, in details, followed by a presentation of the most important contributions subsequent to Freud, privileging the Lacanian propositions. The first two chapters show the Freudian precepts about perversion as a whole, namely the notion of its presence in the early childhood sexuality and, when not repressed, its persistence in the adult sexuality, which permits us to differ perversion to the neurotic or even the normal sexuality. Aspects such as the fixation, the regression and the exclusivity are developed and emphasized as characteristic of perversion in general. Beyond that, a relation is established between the Oedipal Complex and the perversion. In the chapter that discusses the masochism, the close relationship between the superego and the death drive and the Lacanian contributions around the superegoic imperative of enjoyment in the perversion are used as a theoretical path. By way of fetishism, the great Freudian contributions are the *Verleugnung* mechanism and its correspondent ego split. In chapter for the clinical discussion, we present a clinical case of a fetishist, in order to foster the linkage between theory and practice. Questions about the clinical of the perversion are raised, covering both the universal aspects of the category, as respects the uniqueness of each case, in order to clarify the need to understand the Freudian theories on perversion as a whole. For a better positioning on the part of the analyst, front of an analysis demand of a perverse, the analyst must understand that the paradigms of masochism and fetishism provide a theoretical essential gain to comprehension of the perverse psychological functioning. Besides that, the analyst must continue considering the uniqueness aspects that appear in each perversion.

Keywords: *perversion; masochism; superego; Verleugnung; clinical.*

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Primeira perspectiva freudiana da perversão.....	6
1.1 – Breve retomada dos textos em que Freud aborda a perversão por uma via generalista.....	6
1.1.1 - Correspondências a Fliess.....	7
1.1.2 – “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”: uma perspectiva generalista da perversão.....	9
1.1.3 – Desdobramentos das premissas dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”.....	13
1.1.4 – Primeiros passos para uma nova perspectiva: a fantasia neurótica de espancamento e o par sadismo/masochismo.....	23
1.2 – A primeira perspectiva freudiana da perversão enquanto base para o desenvolvimento de autores pós-freudianos.....	28
Capítulo 2 – O complexo de Édipo e a perversão: possíveis articulações.....	34
2.1 – O complexo de Édipo para Freud.....	34
2.2 – O complexo de Édipo e a perversão: perspectiva lacaniana.....	38
Capítulo 3 – Segunda perspectiva freudiana da perversão: o masochismo.....	47
3.1 – Pulsão de morte e supereu: a perspectiva do masochismo em Freud.....	47
3.1.1 – Pulsão de morte.....	47
3.1.2 – Possíveis articulações do masochismo feminino com a perversão.....	53
3.1.3 – O supereu.....	57
3.1.4 – O masochismo moral.....	63

3.2 – As contribuições lacanianas para a perversão a partir da perspectiva do supereu.....	67
3.2.1 – A questão do supereu em Lacan e sua relação com o masoquismo.....	70
Capítulo 4 – Terceira perspectiva freudiana da perversão: o fetichismo.....	78
4.1 – Breve retomada dos textos em que Freud aborda a perversão pela via do fetichismo.....	78
4.1.1 – O fetichismo enquanto paradigma da perversão.....	78
4.1.2 – Clivagem do Eu (<i>Ichspaltung</i>) e fetichismo.....	80
4.2 – Desenvolvimentos posteriores a partir das ideias de Freud acerca da <i>Verleugnung</i>	86
4.2.1 – A <i>Verleugnung</i> como desautorização.....	86
4.2.2 – Contribuições lacanianas sobre a <i>Verleugnung</i>	89
Capítulo 5 – Clínica e perversão: entre o universal da categoria e a singularidade.....	96
5.1 - A perversão e a clínica psicanalítica.....	96
5.1.1 - O fetichismo de Blaise.....	98
5.1.2 - A posição subjetiva é da ordem da singularidade.....	104
Considerações Finais.....	108
Referências Bibliográficas.....	113

INTRODUÇÃO

A presente dissertação justifica-se enquanto um esforço de articular as principais concepções teóricas sobre a perversão à prática clínica, a partir das diferentes perspectivas abordadas por Freud. A principal ideia defendida aqui é a de que Freud, ao longo de seu percurso, aborda a perversão por vias diferentes e complementares e que cada uma dessas distintas perspectivas fornecem as bases para os avanços teóricos posteriores a Freud. Então, pressupõe-se que as contribuições teóricas que se tem sobre a perversão repercutem sobre a prática clínica e suas premissas, o que provoca o trabalho de retomada da teoria psicanalítica da perversão.

Um dos objetivos deste trabalho foi o de acompanhar o percurso teórico de Freud sobre a perversão. Alguns autores renomados já realizaram essa retomada do conceito de perversão na teoria freudiana, dentre eles Valas (1990), Chasseguet-Smirgel (1991) e Ferraz (2000). Cada um desses autores realizou, à sua maneira, um retorno à teoria freudiana da perversão, tendo em comum a constatação de que há diferentes teorias da perversão em Freud, de acordo com os diferentes momentos teóricos. Entretanto, apresentaram construções distintas, que variam quanto à interpretação que fizeram sobre quais foram as teorias da perversão em Freud e sobre a relevância de cada uma delas. Com o intuito de evitar dispersões de nosso objetivo, optamos por percorrer um caminho semelhante ao dos comentadores clássicos, entretanto diretamente na obra freudiana, de forma a assegurar uma construção teórica coerente com as particularidades propostas por este trabalho.

Em seus estudos iniciais, principalmente anteriores a 1920, Freud partiu de uma perspectiva mais generalista e ampla ao abordá-la. Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/1989), já estão contidas as ideias e princípios básicos correspondentes à perversão, em linhas gerais. Entretanto, diante da mudança de alguns dos

principais postulados teóricos da teoria psicanalítica, como o estabelecimento de um novo dualismo pulsional (Freud, 1920/1976) e da segunda tópica (Freud, 1923a/1976), nota-se uma mudança do horizonte por ele adotado até então: de uma compreensão inicial mais generalista, para perspectivas mais específicas, dando especial atenção ao masoquismo (Freud, 1924a/1976) e ao fetichismo (Freud, 1927/1974).

Essa mudança de perspectiva não ocorreu de forma a romper com a anterior. Mais que isso, possibilitou um ganho qualitativo à teoria relativa à perversão, na medida em que a tornou mais complexa ao possibilitar o estabelecimento conceitual de elaborados mecanismos psíquicos. Houve, portanto, um aprofundamento teórico, necessário para acompanhar, de forma detalhada, as novas construções que estavam acontecendo no âmbito da teoria psicanalítica. E é importante que se destaque que as novas contribuições de ordem mais específica, forneceram, retroativamente, um acréscimo de sentido às concepções generalistas anteriores.

A partir dessas três perspectivas freudianas sobre a perversão, a saber, uma mais generalista (perversão como uma categoria) e duas mais específicas (masoquismo e fetichismo), foram discutidas as contribuições teóricas posteriores a Freud, em especial as de Jacques Lacan, atendendo a outro objetivo deste trabalho, que foi o de retomar o que de relevante foi desenvolvido por outros autores a partir das bases fornecidas por Freud sobre a perversão.

E, por fim, foi promovida uma discussão sobre as possibilidades da clínica psicanalítica da perversão. Então, objetivou-se percorrer as principais questões relativas à clínica da perversão, articulando-as aos desenvolvimentos teóricos discutidos.

A realização deste estudo se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica, dividida em cinco capítulos, os quais foram delineados de forma a responder a algumas perguntas que nortearam a delimitação do tema, conforme as seguintes especificações.

A questão que guiou o primeiro capítulo foi: quais são as conceituações iniciais de Freud sobre a perversão? Foram discutidas as noções propostas nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1989), que partem de concepções mais generalistas: a perversão enquanto universal na infância e a perversão enquanto uma categoria diferenciada da neurose no adulto. Conceitos bastante utilizados por Freud para explicar a perversão, de forma geral, foram discutidos nesse primeiro capítulo, tais como a noção de exclusividade, de fixação e de regressão. E também foram retomados alguns recortes teóricos de psicanalistas que se basearam nessas premissas iniciais de Freud para fomentar suas construções sobre o assunto.

O segundo capítulo, ainda de cunho mais generalista, abordou o seguinte questionamento: quais as relações do complexo de Édipo com a perversão? Freud, ao relacionar os conceitos de fixação e regressão à perversão (Freud, 1905/1989; 1917e/1976) e, posteriormente, ao estabelecer o mecanismo do desmentido (Freud, 1927/1974), torna necessária a compreensão do complexo de Édipo. Enquanto complementação teórica, foi retomada também a contribuição de Lacan (1957-1958/1999) quanto ao que denominou três tempos lógicos do Édipo, já que o autor aborda de forma detalhada como a relação da criança com o falo materno ocorre e, inclusive, como essa relação se dá no caso de uma perversão.

O terceiro capítulo respondeu a outra questão: como a noção da pulsão de morte afeta a teorização freudiana sobre a perversão? Em “Além do princípio de prazer”, Freud (1920/1976) propôs um novo dualismo pulsional, o que transformou toda a teoria psicanalítica. Nota-se que, a partir da noção de pulsão de morte e de suas relações com o supereu, a ênfase freudiana sobre a perversão se deu de uma forma mais específica, pela via do masoquismo. Essas contribuições são de extrema importância e, assim como na noção generalista, Freud também postulou que há um tipo de masoquismo universal, a saber, o erógeno (Freud, 1924a/1976). Então, mais uma vez, foi demonstrado que as novas teorizações de Freud pela via específica do masoquismo forneceram um acréscimo para as concepções

previamente estabelecidas, bem como promoveram um avanço teórico significativo ao fundamentar novas concepções relativas ao arranjo tipicamente perverso. As contribuições de Lacan sobre o assunto também foram amplamente debatidas, principalmente quanto à relação entre o supereu e seu imperativo de gozo na perversão.

O quarto capítulo tratou do fetichismo e de seu mecanismo de defesa frente à castração materna: o desmentido (*Verleugnung*). Essa perspectiva freudiana é de tal importância para o meio psicanalítico que constantemente é tratada como uma espécie de paradigma da perversão. O mecanismo do desmentido, detalhadamente descrito por Freud (1927/1974) e retomado por outros autores pós-freudianos (por exemplo, Figueiredo, Mannoni, Lacan), foi discutido no referido capítulo para possibilitar uma articulação frente a seguinte pergunta: qual é a relação da perversão com a castração materna?

Por fim, o quinto capítulo teve como principal foco localizar como está a clínica da perversão atualmente. Isso porque a teoria que embasa a clínica da perversão se estabeleceu de forma complexa e sua prática exige que o analista articule as construções teóricas à singularidade do sujeito que busca a análise. Para isso, foi utilizado um caso clínico publicado por Serge André (1995) para embasar a discussão, fomentada a partir da seguinte pergunta: como pensar a clínica da perversão a partir de todo o aparato teórico disponível, problematizando suas aplicações e até mesmo suas limitações?

Entende-se que a principal relevância do presente trabalho é clínica. Afinal, demonstra que a perversão, enquanto conceito teórico, pode ser entendida por diversos vieses, desde os mais generalistas aos mais específicos. Mas quando se trata da prática clínica, é de extrema importância que o analista não se limite a atuar a partir de uma ou de outra concepção sobre a perversão como se fossem estanques, pois correrá o risco de reduzir as possibilidades da clínica psicanalítica com perversos. É somente se embasando nessa teoria tão complexa, como um todo, e também se atentando para o que há de mais singular em cada caso, em cada

demanda de análise, que um analista poderá tornar a psicanálise ética e responsável enquanto prática. É o que discutiremos a seguir.

CAPÍTULO 1

PRIMEIRA PERSPECTIVA FREUDIANA DA PERVERSÃO

1.1- Breve retomada dos textos em que Freud aborda a perversão por uma via generalista

Freud, desde seus estudos primordiais, tratou a perversão enquanto objeto digno de sua atenção, apesar de não ter sido seu foco principal, tendo em vista que desenvolveu sua teoria a partir do tratamento da histeria. Ainda assim, ao longo de sua obra, não fugiu ao compromisso de teorizar sobre as questões da sexualidade perversa, reconhecendo que, na origem, ela é universal.

O objetivo de Freud com o estudo da perversão se deu, então, inicialmente, enquanto via para a compreensão da neurose. Isso porque as aproximou, perversão e neurose, muito mais do que a concepção até então vigente permitia. Foi bastante enfático, ao longo de seus escritos iniciais, ao ressaltar a grande semelhança entre a sexualidade infantil e a sexualidade perversa, demonstrando que a perversão está mais próxima da neurose do que se supunha até então.

Além disso, sustentou, desde muito cedo, a tese de que a histeria e/ou a neurose é o negativo da perversão, chegando mesmo a utilizar a terminologia “perversão positiva”, para se referir à perversão enquanto fenômeno sexual, e “perversão negativa” para designar a histeria (Freud, 1905/1989, p. 222). Postulou que as neuroses e as perversões tinham grandes semelhanças, estando as últimas presentes nas fantasias inconscientes das primeiras, o que aponta para uma posição que jamais será abandonada em sua teoria: a perversão é universal na origem, e o recalque é apenas um de seus destinos possíveis.

Acompanhando o caminho percorrido por Freud, retomaremos, inicialmente, algumas das correspondências a Fliess, já que nelas se encontram as origens de seus desenvolvimentos teóricos posteriores.

1.1.1- Correspondências a Fliess

Freud inicia seus escritos sobre a perversão abordando-a enquanto diferenciada da neurose em sua etiologia. É no Rascunho K, datado de 1º de janeiro de 1896, segundo nota de rodapé do editor inglês James Strachey (Freud, 1950a[1896]/1990, p. 309), que ocorre pela primeira vez a relação entre perversão e neurose na teoria freudiana. Ali, surge enquanto uma questão, ainda sem resposta, sobre o que poderia levar, em condições semelhantes, ao surgimento da perversão ao invés da neurose.

Na Carta 52, de 6 de dezembro de 1896, Freud (1950b[1896]/1990) aborda a perversão enquanto uma das possíveis consequências de experiências sexuais prematuras. Seria, então, o resultado de um momento em que, diante dessas experiências sexuais prematuras, a defesa psíquica não foi suficiente, ou mesmo sequer chegou a ocorrer, por causa da imaturidade do aparelho psíquico em questão.

Nessa mesma carta, Freud (1950b[1896]/1990) discute a relevância do tema enquanto objeto de estudo ao ligar a histeria à perversão, por meio de uma determinação causal. Aqui é explicitada a teoria da sedução enquanto fator explicativo para a formação de uma histeria: um adulto perverso teria sido o responsável pela histeria de outrem por tê-lo seduzido na infância. Então, para cada histérico, haveria um adulto perverso sedutor, geralmente o próprio pai. Isso explicaria, inclusive, o motivo de haver uma alternância de aparecimento de perversões e histerias entre as gerações de uma mesma família, o que Freud (1950a[1897]/1990) continua argumentando na Carta 55, de 11 de janeiro de 1897.

A partir dessa linha de raciocínio, Freud formula também que a questão da histeria está diretamente relacionada a um repúdio à perversão, e não à sexualidade

simplesmente. Percebe-se que essa noção do repúdio à perversão não será abandonada, mas sim aprimorada com o refinamento teórico posterior, quando voltará a receber destaque mais adiante em sua obra, momento em que Freud (1917c/1976) generaliza o repúdio à perversão para todas as neuroses, ao formular que, nesses casos, sempre se trata de uma perversão recalçada.

Entretanto, já em 21 de setembro de 1897, na Carta 69, Freud (1950c[1897]/1990) declara não acreditar mais em sua “neurótica” (teoria da sedução na neurose), sendo um dos motivos de sua descrença a conclusão lógica a que sua teoria levava: a perversão teria que ser mais frequente do que a histeria, já que, para que cada histérico existisse, seria necessário ao menos um perverso e, mais ainda, um pai perverso. Diante do improvável, Freud coloca em questão a teoria da sedução enquanto fator causal da histeria. Entretanto, curiosamente, apesar de constatar que o fato é improvável, não cede de que o que a histeria promove é um repúdio à perversão.

Se a perversão chega a ser repudiada, é justamente porque está presente na sexualidade infantil, inclusive para os histéricos. É isso que aponta para a importância que a fantasia, essencialmente perversa na neurose, terá em todo o desenvolvimento teórico de Freud sobre a histeria, na medida em que denuncia essa perversão como originária também na neurose. Ainda que o contato de um histérico com a perversão não tenha se dado exatamente na realidade, na relação direta com o pai, como Freud postulou inicialmente, a relação de proximidade com a perversão é inegável, pois está nos primórdios da infância.

Retomando a Carta 57, de 24 de janeiro de 1897, Freud (1950b[1897]/1990) menciona a perversão por meio de seu negativo, que à época considerava ser a histeria. Constata que a perversão traz consigo algo de um ato sexual primevo, mítico, semelhante a um ritual. E esse resquício seria a causa de uma característica bastante essencial à perversão, que será retomada por muitos autores posteriores a Freud, conforme veremos ainda neste

capítulo: há uma padronização da execução das ações pervertidas e Freud propõe que tais ações sempre trazem um significado, apesar de uma espécie de rigidez. Essa padronização refere-se à necessidade que o perverso tem de, em seu ato, repetir uma mesma cena para conseguir obter sua satisfação.

É interessante notar a presença, já nessas correspondências a Fliess, de algumas ideias que acompanharão Freud por todo o seu percurso. Nota-se a presença de duas premissas sobre a perversão, as quais são interligadas: a perversão é originária e universal; e o que acontecerá com ela poderá determinar a existência ou não de uma neurose. Em outras palavras, a neurose é um acontecimento posterior à perversão originária, que poderá ou não acontecer. Não se efetivando o recalque dessa perversão infantil, a perversão permanecerá na vida sexual adulta, se configurando em uma categoria cujo funcionamento é diferente do da neurose.

Essa perspectiva, sustentada pelas duas premissas mencionadas, irá embasar os posteriores desenvolvimentos sobre o assunto. A ideia de que a neurose é o negativo da perversão, por exemplo, é oriunda de ambas as premissas, pois leva em consideração tanto que há algo que deixa de acontecer na neurose, a saber, a sexualidade perversa, quanto a noção de que há uma diferença que merece destaque entre neurose e perversão. Muito do que é discutido em psicanálise sobre a perversão, tanto em Freud quanto em seus seguidores, foi desenvolvido a partir das ideias iniciais, que foram formalmente estabelecidas no importante texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, publicado em 1905.

1.1.2- “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”: uma perspectiva generalista da perversão

É nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” que Freud (1905/1989) de fato teoriza sobre as perversões e suas características. Aborda a perversão como patologia,

distinta da noção de normalidade, porém o faz de forma a ressaltar que o limite entre a sexualidade perversa e a sexualidade sadia é pouco preciso:

“Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão.”
(Freud, 1905/1989, p.151-152).

Por meio de aproximações e distanciamentos entre a sexualidade perversa e a sexualidade sadia, defende que na primeira encontram-se duas características: a fixação e a exclusividade.

Na sexualidade sadia, segundo Freud (1905/1989), há os caminhos paralelos, as chamadas relações preliminares, que são atividades prazerosas e que intensificam a excitação, proporcionando o alcance do alvo sexual definitivo, a saber, o coito. O que acontece nas perversões é uma espécie de acento em tais caminhos que deveriam ser secundários, de forma que a exclusividade de uma determinada prática, normalmente tida como preliminar, se dá enquanto condição imprescindível para a satisfação sexual. Então, não se trata de analisar o alvo sexual¹ em questão para se determinar a existência de uma perversão, mas sim o quão exclusiva a prática precisa ser para que o sujeito obtenha a satisfação sexual.

É muito interessante notar que Freud consegue, ainda em um momento tão inicial de sua teoria, postular critérios de diferenciação entre a sexualidade normal e a perversa, os quais se sustentarão até o fim de seu percurso, ainda que esse percurso permita diferentes ênfases quanto à questão da perversão. No “Esboço de psicanálise”, texto bastante posterior, Freud (1940a/1975) volta a utilizar-se de algumas das ideias contidas nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, agora para diferenciar a perversão da neurose: fixação

¹ Definição de “alvo sexual”: “(...) ação para a qual a pulsão impele.” (Freud, 1905/1989, p. 127).

da libido a fases anteriores do desenvolvimento da sexualidade, independente do objetivo sexual do coito.

É relevante, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, a aproximação entre a perversão e a neurose. Freud (1905/1989) aponta para o fato de o sintoma ser uma expressão da vida sexual dos neuróticos. Isso porque, para a neurose se configurar, houve o recalçamento dos desejos investidos pelas pulsões sexuais os quais, por terem se tornado inconscientes, não puderam se realizar de forma direta. O sintoma neurótico é aquilo que possibilita uma substituição das aspirações das pulsões sexuais perversas, o que na histeria se dá, de forma clara, com a descarga que ocorre na conversão.

Para cada sintoma neurótico, então, supõe-se um conflito entre intensa necessidade sexual e excessiva renúncia a essa necessidade. O sintoma só surge porque essas pulsões perversas não puderam se expressar de forma direta devido ao recalque. Nas palavras de Freud (1905/1989, p. 155), “(...) os sintomas se formam, em parte, às expensas da sexualidade anormal; a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão.” (p. 155).

Se houve a necessidade teórica de diferenciá-las, é justamente porque neurose e perversão têm algo em comum, na origem. Freud (1905/1989) defende que a perversão é “(...)algo inato em todos os seres humanos(...)” (p. 161). Em comum, há uma raiz perversa que permanece presente no inconsciente dos neuróticos, com tendências que são geralmente atribuídas à perversão. São encontrados indícios de perversão nos neuróticos, tanto por suas fantasias, quanto nas manifestações de seus sintomas, os quais são mantidos pelas correntes sexuais perversas inconscientes. Em termos de diferenciação, a neurose ou “perversão negativa” se difere da “perversão positiva” (p.157) porque, na última, uma corrente específica ganha destaque, se tornando exclusiva e presente conscientemente.

Então, pode-se pensar no recalque como um grande diferencial entre neurose e perversão, na medida em que é um mecanismo interno impeditivo de realização pulsional

direta. Portanto, o sintoma se mantém ao utilizar a força da pulsão sexual recalçada, pois há renúncia à satisfação direta da pulsão sexual na neurose.

Importante mencionar que já estavam presentes nesse texto também os primeiros esboços de análises de tipos específicos de perversão, como sadismo, masoquismo e fetichismo. Aqui, Freud (1905/1989) caracteriza o fetichismo como um tipo de “transgressão anatômica” (p. 141) justamente por ser uma substituição imprópria do objeto sexual para que o alvo sexual seja alcançado, enfatizando, novamente, a propriedade da fixação na sexualidade perversa.

As noções de sadismo e masoquismo também se encontram presentes, porém pela perspectiva do alvo sexual a ser obtido por um posicionamento ativo e/ou passivo. Inclusive, Freud (1905/1989) atribui a esse par os mais frequentes e significativos tipos de perversões. Além disso, defende que o par sadismo/masoquismo preserva a base das características universais da sexualidade, relativas à atividade e à passividade.

É pela via do sadismo/masoquismo que Freud estabelece, já nessa época, a íntima relação entre a pulsão sexual e a crueldade, ou seja, constata a existência de um fator agressivo na libido. Isso demonstra que a ideia da destrutividade em conjunção com a libido no masoquismo é muito anterior ao dualismo pulsão de vida/pulsão de morte na teoria freudiana. Entretanto, somente conseguirá explicar o fator agressivo da libido quando lançar mão desse último dualismo pulsional. E por causa desse efeito de retroação que seu desenvolvimento teórico produz sobre o que já havia percebido em 1905, Freud (1905/1989, p. 149) acrescenta uma nota de rodapé em 1924, através da qual explicita que o par sadismo-masoquismo, justamente por estar na origem das pulsões, tem lugar de destaque em relação às outras perversões. E esse lugar de destaque será também privilegiado neste trabalho, no capítulo 3.

Por ora, entende-se que a maior contribuição dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1989) é a proposição de uma teoria mais generalista da perversão, de forma a descrever características comuns à categoria como um todo.

Tanto que no “Resumo” que segue tal obra, Freud (1905/1989) ressalta seu ponto de vista de que as perversões são originárias e universais, enquanto relativas às pulsões sexuais humanas. O comportamento sexual do adulto deveria decorrer de um processo de maturação sexual, o qual unificaria as pulsões parciais sob a primazia da pulsão genital. Nesse mesmo momento, percebe-se a relevância daquilo que acontece durante as fases pré-genitais, ou pré-edípicas, na constituição das perversões.

Vale ressaltar que o “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1989) é um dos textos de maior relevância teórica sobre o assunto e as principais concepções estabelecidas não serão abandonadas, já que sustentarão todo o percurso freudiano e mesmo pós-freudiano. O que acontecerá é que a sua perspectiva sofrerá alteração no sentido de um acréscimo teórico importante, na medida em que Freud começa a perceber processos psíquicos mais elaborados por meio do estudo de tipos específicos de perversões.

1.1.3- Desdobramentos das premissas dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”

Seguimos com a conferência “Cinco lições de psicanálise” (1910a/1970), em que a linha do raciocínio freudiano permanece a mesma: defender que a perversão é originária. O que de particular acontece diante dessa disposição patológica será relativo aos acontecimentos da vida sexual do indivíduo, sendo a ontogênese de grande valor. A suposição da normalidade enquanto submissão das variadas correntes sexuais à supremacia genital é novamente enfatizada, bem como a noção de que na perversão há o destaque de uma das correntes sexuais que deveriam ter se subordinado à genital, porém não aconteceu.

Segundo Freud (1910a/1970), a vida sexual infantil é desordenada, por causa das pulsões parciais que buscam suas satisfações de forma independente. E o destino esperado

para a sexualidade, na medida em que começa a se organizar, é o de seguir duas tendências: a subordinação das pulsões parciais à pulsão genital e uma escolha objetal que proporcione o abandono do autoerotismo.

Para acontecer a perversão, então, é necessário que uma pulsão parcial, que deveria ter se subordinado à genital, não o faça e se torne independente, substituindo a finalidade sexual, dita “normal” (Freud, 1910a/1970, p. 42), por uma própria. Além disso, é frequente que o autoerotismo não tenha sido abandonado pelo perverso, o que permite a Freud uma comparação entre a perversão, enquanto categoria, e a sexualidade infantil. Para que se efetive uma perversão, é necessário que haja um desvio daquilo que é suposto enquanto norma para o desenvolvimento da função sexual.

No caso da neurose, também há perturbação do desenvolvimento sexual. Entretanto, a perturbação ocorre por causa do recalque, que empurra esses impulsos perturbadores para o inconsciente, de onde continuarão a agir, tornando possível a constituição de um sintoma.

Outro aspecto relevante para a compreensão da perversão é a contribuição da teoria pulsional de Freud. Apesar de não abordar especificamente o tema no texto “Os instintos e suas vicissitudes”, Freud (1915/1974), ao teorizar sobre as pulsões, fornece um acréscimo às noções já propostas sobre a perversão. Aqui, retomaremos brevemente os aspectos mais relevantes tratados no texto, com o objetivo de possibilitar discussões mais precisas quanto ao aspecto pulsional em sua relação com o nosso tema, a perversão.

Define pulsão por “conceito situado na fronteira entre o mental e o somático” (Freud, 1915/1974, p. 142), e postula quatro termos componentes da pulsão, os quais são: a pressão, que é a força ou intensidade de sua medida de exigência de trabalho; a finalidade, que é sempre a sua satisfação; o objeto, que é o meio pelo qual a pulsão se satisfaz, sendo o que há de mais variável numa pulsão por não estar ligado a ela na origem; e a fonte, parte do

corpo cuja estimulação é representada psiquicamente por uma pulsão. No que se refere ao objeto, utiliza o termo fixação para dizer sobre uma ligação bastante próxima entre pulsão e seu meio de satisfação. A fixação dificulta o desligamento e a mobilidade da pulsão ocorre com mais frequência nos períodos iniciais do desenvolvimento pulsional.

Aqui, o dualismo pulsional vigente é tomado sob a perspectiva das neuroses, em que um conflito psíquico resulta em recalque. Pulsões do eu ou de autopreservação se opõem à realização das pulsões sexuais. Quanto às últimas, sua finalidade se restringe ao que denomina prazer do órgão, enquanto não se submetem a uma espécie de confluência a serviço da reprodução. Antes disso, de se submeterem a essa suposta confluência, surgem com as pulsões de autopreservação e delas se separam posteriormente. Por exemplo, a pulsão sexual ligada à oralidade surge com a satisfação alimentar, quando o bebê suga o leite do seio materno obtendo, além de leite, uma satisfação de outra ordem, o prazer.

E as vicissitudes pulsionais, segundo Freud (1915/1974), são os diversos destinos possíveis dessas pulsões, podendo também ser entendidos por tipos de defesa em relação a elas. São eles: recalque, sublimação, reversão em seu oposto e retorno em direção ao eu. É para falar dos dois últimos destinos que Freud recorre à noção de perversão. Sobre a reversão em seu oposto, Freud utiliza as pulsões parciais que têm pares de opostos, como sadismo-masochismo e escopofilia-exibicionismo. Isso porque entende que nesses pares, respectivamente, há finalidade ativa e passiva que, portanto, podem ser alteradas, sempre do ativo para o passivo no caso do primeiro par de opostos. Vale lembrar que, a partir de 1920, Freud iniciará uma mudança sobre essa perspectiva ao abordar o masochismo como originário, e não o sadismo, como até então concebeu.

Quanto ao retorno em relação ao próprio eu, toma como essencial a mudança do objeto, entretanto com finalidade inalterada. Se o sadismo consiste em obter satisfação ao maltratar o outro, seu retorno consiste em maltratar o próprio eu, tomando-o por objeto

(masoquismo). Entretanto, por mais que tais vicissitudes sejam realizadas, nunca se trata de toda a pulsão, mas sim de uma parcela dela.

Freud (1915/1974) também propõe a existência de três tipos de polaridade no psiquismo, que são: sujeito x objeto; prazer x desprazer; e ativo x passivo. Relaciona, então, as vicissitudes pulsionais à submissão desses impulsos às três polaridades da vida psíquica, que representam, respectivamente: a real, que relaciona o eu e o mundo externo, na medida em que aborda a questão do sujeito e de seus investimentos objetivos; a econômica, que aborda prazer e desprazer em termos de quantidade de excitação psíquica; e a biológica, que liga a sexualidade a uma parceria ativo/passivo, tal qual o modelo masculino/feminino. Essas referências nortearão as elaborações freudianas até o fim de sua obra, porém sofrerão, em alguns momentos de sua teoria, alterações. Por exemplo, em 1924, Freud (1924a/1976) precisará recorrer ao aspecto qualitativo para redefinir o princípio de prazer, de forma a tentar solucionar o que ele denominou de “Problema econômico do masoquismo”. No capítulo reservado ao tema, essa discussão será retomada.

Por ora, merece destaque a construção freudiana de que as pulsões sexuais têm como finalidade a satisfação, relativizando, então, a importância de um objeto específico para a satisfação pulsional. Essa ideia, inclusive, já estava presente nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, quando Freud (1905/1989) afirma que há algo mais “essencial e constante na pulsão sexual” (p. 140) do que o objeto. E, relacionado a isso, uma grande diferença entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego é justamente que as sexuais possuem “(...) em ampla medida a capacidade de agir vicariamente umas pelas outras, e por serem capazes de mudar prontamente de objetos.” (Freud, 1915/1974, p. 147).

Talvez essa proposição freudiana possa indicar uma diferenciação entre uma neurose e uma perversão fetichista, já que o sintoma neurótico representa essa possibilidade de satisfação desviada. Paradoxalmente, para a perversão fetichista, há a existência de uma

“substituição imprópria do objeto sexual” (Freud, 1905/1990) por outro objeto específico, que não é um objeto essencialmente sexual – somente o é para o próprio feticista. Essa espécie de exigência pulsional pela exclusividade em um objeto substituto possivelmente dificulta a amplitude de satisfação sexual neste tipo de perversão, limitando em grande escala a possibilidade de descarga pulsional por vias indiretas, tal como ocorre na neurose.

Essa primeira perspectiva da perversão, embasada nas ideias inicialmente lançadas por Freud (1905/1989), também é retomada na parte III das “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”, denominada “Teoria Geral das Neuroses”. Nessas conferências, Freud (1917a/1976) enriquece suas contribuições sobre a perversão, abordando em detalhe alguns dos mecanismos psíquicos nela envolvidos. Desenvolve os principais argumentos que já vinha defendendo desde os tempos das correspondências a Fliess: a perversão enquanto positiva à neurose, enquanto prova de que não se deve tomar sexualidade por genitalidade, questões sobre a exclusividade, a fixação libidinal, dentre outras novas contribuições, como a importância das fases anteriores ao Édipo para a compreensão de uma perversão.

É precisamente na Conferência XX, “A vida sexual dos seres humanos”, que Freud (1917c/1976) retoma a questão da sexualidade humana pela via da perversão. Sua proposta principal é demonstrar a existência da sexualidade infantil.

Freud (1917c/1976) parte do raciocínio da não correspondência entre “sexual” e “genital”. Para sustentar seu argumento, usa o exemplo de algumas perversões. Há pessoas cujo objeto sexual foi modificado (por exemplo, o feticista) e há também aqueles que renunciaram à finalidade sexual de reprodução, sendo a corrente sexual principal aquela que deveria estar subjugada à genital, mas não está (por exemplo, o *voyeurista*). A ideia defendida por Freud é a de que é inegável que a satisfação dos perversos com seus rituais,

aparentemente desviados, seja de ordem sexual. Isso põe em cheque que a função reprodutora, ou mesmo a primazia genital, seja referencial exclusivo para a definição da sexualidade.

Interessante observar a menção que Freud (1917c/1976) faz aos sacrifícios que muitos desses “pervertidos” (p.358) têm que fazer para obter a satisfação pulsional por vias paralelas, que não as genitais, sugerindo que a perversão sexual, ao contrário do que comumente se espera, pode ser motivo de sofrimento, na medida em que pode implicar renúncias sociais importantes. E mais: argumenta a favor de uma postura mais realista, de que os fenômenos de perversão sexual são “muito comuns e difundidos” (p.359). Além disso, defende que é de extrema necessidade a compreensão das formas patológicas para que se entenda a sexualidade dita normal. É tarefa, portanto, do psicanalista compreender a sexualidade humana e essa inclui, inevitavelmente, a sexualidade perversa na visão freudiana.

A ideia freudiana é bastante clara: se a neurose utiliza-se dos sintomas para a obtenção de uma satisfação da pulsão sexual, ao transformar partes neutras do corpo em zonas heterogênicas, ou na sexualização dos rituais obsessivos, pode-se supor que os impulsos sexuais pervertidos existem nas neuroses também, porém inconscientemente. Há uma descarga da pulsão sexual substitutiva promovida pelo sintoma, o que é explicado por Freud (1917c/1976, p. 360): “(...) os sintomas neuróticos são substitutos da satisfação sexual (...) daquilo que são necessidades sexuais pervertidas (...)”. O sintoma está no lugar de algo sexual que não pôde se efetivar.

Freud (1917c/1976) acentua seu argumento mencionando o fato de que basta haver uma impossibilidade de realização dos impulsos sexuais, por obstáculos na realidade, para que o neurótico demonstre suas inclinações perversas, como desvio de objeto sexual em situações de isolamento, por exemplo. Não há perversão nessas pessoas em situações habituais, mas a satisfação perversa logo surge diante da impossibilidade de satisfação habitual na realidade. Em nada surpreenderia um caso de um homem solitário que, no meio

rural, tem relações sexuais esporádicas com animais, retomando o exemplo de Freud (1905/1989, p. 139). Se a perversão pôde surgir em casos excepcionais, é porque existia em algum lugar do psiquismo. Vale lembrar a máxima até então fortemente defendida por Freud, de que a neurose é o negativo da perversão. Se a perversão está recalcada, ou seja, está inconsciente, logo se supõe que esteja para todos nos primórdios, justamente na infância: “a sexualidade pervertida não é senão uma sexualidade infantil cindida em seus impulsos separados” (Freud, 1917c/1976, p. 363).

A lógica freudiana é a de apontar, então, para a existência de uma sexualidade infantil e, mais: uma sexualidade infantil perversa, polimorfa, em que as pulsões parciais não estão subjugadas a nenhuma pulsão em especial, muito menos estão relacionadas a fins reprodutivos. São impulsos cuja busca de obtenção de prazer é, em partes, autoerótica, e em partes voltada para o objeto, denunciando, com tais características, que são pulsões independentes.

Na Conferência XXI, “O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais” (1917d/1976), Freud mantém sua coerência teórica e seu posicionamento frente à relevância que percebe no estudo das perversões. Fornece uma interpretação aos que as condenam e não as tomam por objeto de estudo da sexualidade, ainda que sejam tão esclarecedoras: tais manifestações exercem repulsa, lembram atitudes monstruosas, ou despertam “secreta inveja” (p. 376) naqueles que não suportam tais experiências, alertando, aqui, para a questão do recalque da perversão existente nos neuróticos.

Mais uma vez, nota-se a complacência de Freud em relação aos que ele chama de pervertidos: “Na realidade, os pervertidos são, antes, uns pobres diabos, que têm de pagar extremamente caro pela satisfação que obtêm a duras penas” (1917d/1976, p. 376). Tal colocação, tão inaugural para a época, enfatiza uma perspectiva que abordaremos nos capítulos seguintes, relativa à questão de a perversão sexual não necessariamente resultar

apenas em uma sensação de prazer. Muitas vezes é, inclusive, fonte de um árduo trabalho. Afinal, como já mencionado aqui, frequentemente implica renúncias importantes para o sujeito, que pode acabar tendo que construir toda uma estrutura de vida para que consiga obter sua satisfação sexual, como será claramente demonstrado no caso clínico de Blaise, no capítulo 5. Lembrando que o trabalho aqui também é psíquico, já que se trata de uma exigência pulsional, o que foi ressaltado por Freud (1905/1989) ao conceituar pulsão:

“A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica.” (p. 157-158).

A satisfação sexual que Freud atribui aos perversos é suposta pelo indício do orgasmo e ejaculação, que são obtidos exclusivamente quando o determinado desvio sexual acontece. O prazer do órgão genital é preservado na perversão, mas é obtido por práticas que excluem objetivos reprodutivos ou mesmo o coito.

Portanto, para o perverso há exclusividade de uma prática sexual, que não o coito, que condiciona sua satisfação sexual. E nisso há uma retomada do que foi elaborado anteriormente, na Carta 57 (Freud, 1950b [1897]/1990), sobre a rigidez e padronização das ações sexuais do perverso. A explicação está no fato de uma pulsão parcial, que deveria ter se submetido à corrente genital, se tornar a corrente que submete todas as outras à sua supremacia na perversão.

Há, portanto, uma centralização das correntes pulsionais também na perversão, porém não é uma centralização da corrente genital. E nisso está a grande diferença da sexualidade perversa para a infantil, já que a última carece dessa centralização. É como se pudéssemos diferenciar a sexualidade adulta, perversa ou não, da sexualidade infantil por haver na primeira uma centralização, uma corrente que subjuga as outras. E a sexualidade

perversa se diferenciaria da normal ou da neurótica² pelo tipo da corrente dominante: nas últimas, obrigatoriamente genital.

Essa primazia já estaria em constituição antes mesmo da latência, na infância, nas fases denominadas pré-genitais. Vale a pena lembrar que Freud (1917d/1976) ressalta que as pulsões parciais não são sem objeto, apesar de não convergirem ou se restringirem em apenas um, ou seja, as pulsões sexuais visam o prazer do órgão erógeno. Tais são características marcantes dessa fase anárquica, porém precursora do que ocorrerá na vida sexual adulta, supostamente organizada pela primazia genital, no caso de um adulto não perverso ou pela primazia de outra corrente, no caso de um adulto perverso.

Na Conferência XXII (Freud, 1917e/1976), a abordagem da perversão novamente é feita a partir de uma comparação com a neurose. A novidade é o destaque no mecanismo da regressão. Se a neurose se estabelece por uma combinação entre recalque e regressão aos pontos de fixação que restaram do desenvolvimento da libido, Freud aponta aqui, sob esse enfoque, a diferença do que é a perversão: é a regressão a pontos de fixação ainda mais atraentes e intensos, porém com ausência de recalque. Nas palavras de Freud (1917e/1976):

“Uma regressão da libido, sem repressão [recalque], jamais produziria uma neurose, mas levaria a uma perversão. Assim, os senhores podem ver que a repressão [recalque] é o processo mais característico das neuroses e é de todos os mecanismos o mais característico.” (p. 402).

Também discute a questão da tenacidade libidinal, que é uma tendência maior ou menor da libido em termos de adesividade, fator que varia individualmente, e que também pode ser apontado como influente na etiologia de uma neurose, bem como na da perversão.

² Freud (1905/1989), ao descrever o mecanismo do recalque, aproxima a vida sexual do neurótico à vida sexual normal, sendo a primeira um pouco mais restrita que a segunda, porém “complementada pela doença psiconeurótica.” (p. 223).

No segundo caso, o peso recai sobre uma fixação da libido exagerada, muitas vezes precocemente desenvolvida, que atrai intensamente a libido em movimento regressivo. Sobre isso, diz Freud (1917e/1976):

“(...) na anamnese de pervertidos, muito amiúde encontrava-se uma marca muito precoce de alguma tendência instintual [pulsional] ou de alguma escolha objetal anormal a que a libido da pessoa permanecia ligada por toda a vida. Muitas vezes, é impossível dizer o que é que possibilitou a essa marca exercer uma atração tão intensa sobre a libido.” (p. 407).

Freud (1917e/1976) exemplifica isso utilizando um caso de fetichismo, em que uma cena da infância foi a causa da eleição de único objeto de satisfação sexual – determinada forma com que um pé calçasse um sapato –, objeto o qual se tornou ponto de fixação libidinal intenso, de escolha prematura, fonte de atração regressiva irresistível. Posteriormente, ao retomar a questão no texto “Fetichismo”, Freud (1927/1974) perceberá que o fetiche é resultado de toda uma organização psíquica frente ao evento traumático da visão da castração materna, o que tornará a questão da fixação no fetiche um pouco mais complexa do que aparenta aqui.

Ademais, na perversão, o eu adota uma atitude permissiva ou mesmo infantil frente a essa tendência regressiva, enquanto que na neurose o eu entra em conflito com o desejo sexual e utiliza-se do recalque, de forma a não ter sequer acesso consciente àquilo que corresponde ao ponto de fixação. A questão do conflito psíquico, então, que é fundamental para a neurose, parece ser bem menos determinante na constituição de uma perversão.

É interessante notar que Freud faz uma diferenciação entre dois tipos de desenvolvimento, da libido e do eu, e as consequências disso para uma formação de neurose e perversão, baseada em seu primeiro dualismo pulsional: pulsões sexuais x pulsões do eu (ou de autopreservação). O desenvolvimento libidinal pré-genital passa pelas fases oral, anal e fálica, acrescentada posteriormente (Freud, 1923b/1976). Isso não significa que a libido

passará tranquilamente por elas; muito provavelmente, deixará pontos de fixação em tais fases ou em objetos que foram catexizados nessas fases. Esses pontos de fixação funcionarão como pontos de atração para um movimento regressivo posterior. No caso da perversão, há uma intensidade maior dos pontos de fixação, que atrairão fortemente o movimento regressivo.

E quanto ao desenvolvimento do eu, esse tenderá, com o passar do tempo, a funcionar segundo o princípio da realidade, o que significa dizer não, em muitos casos, aos impulsos libidinais e seu imediatismo. Esse eu desenvolvido, funcionando sob influência do princípio da realidade, estaria do lado oposto ao das pulsões sexuais, estabelecendo, assim, o conflito psíquico que promove o recalque, típico da neurose.

Então, na perversão, deduz-se que não haveria o conflito psíquico promotor do recalque: haveria, sim, uma tendência irresistível à satisfação do impulso sexual, além de um eu complacente e infantil, que aceita tal medida sem recorrer à formação substitutiva do sintoma. Resta uma questão: o funcionamento do psiquismo do perverso seria submetido ao extremo do Princípio de Prazer, sem renúncias? Tal discussão será retomada à frente com a introdução do último dualismo pulsional freudiano, com os textos a partir de 1920.

1.1.4- Primeiros passos para uma nova perspectiva: a fantasia neurótica de espancamento e o par sadismo/masochismo

Em 1919, Freud escreve um estudo inovador, cujo principal foco é a abordagem da presença da fantasia perversa nas neuroses. “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (1919/1976) é um texto que descreve uma fantasia comum entre os neuróticos que procuram a psicanálise, sejam eles histéricos ou obsessivos.

Essa fantasia, que gera prazer e satisfação masturbatória, é relatada com dificuldades, devido aos sentimentos de vergonha e culpa e pode ser enunciada, com pequenas variações particulares, pela fórmula geral: “Uma criança é espancada”. Freud analisou quatro

casos femininos e dois masculinos, sendo que nenhum deles era um caso de perversão. O que reafirma as conclusões dos estudos iniciais de Freud: o neurótico apenas fantasia o que o perverso realiza, pois a neurose é o negativo da perversão.

Ademais, a fantasia é um indício de que a perversão esteve ali, na infância. Essa perversão infantil “(...) pode ser submetida a repressão [recalque], substituída por formação reativa ou transformada por meio da sublimação.” (Freud, 1919/1976, p. 228). Caso isso não se suceda, a perversão persiste até a maturidade e se efetiva. Nos casos em que se efetiva, há uma fixação a eventos ou impressões da infância, eventos que muitas vezes parecem não ter tanta importância, mas que acidentalmente tomaram o lugar principal nos casos em que um componente sexual se destacou de forma intensa e prematura.

Freud (1919/1976) parte dos casos femininos e analisa as fantasias de espancamento por meio de três fases. A primeira fase, a mais primitiva delas, pode ser enunciada por: “O meu pai está batendo na criança (que eu odeio)”. Ou seja, no relato, a criança que fantasia não é a que está apanhando. Na segunda fase, a criança que apanha é a mesma que fantasia, o que pode ser enunciado por “Estou sendo espancada pelo meu pai”. Esta segunda fase, apesar de ser a mais importante delas, quase nunca está consciente, sendo apenas resultado de uma construção em análise. A sua importância está justamente no caráter da posição masoquista. A terceira fase, que se parece com a primeira, retira o pai da posição de agressor e exclui a criança que cria a fantasia da cena, podendo, inclusive, haver o espancamento de várias crianças, geralmente meninos. Essa fantasia traz consigo excitação sexual, seguida de satisfação masturbatória.

O conteúdo da primeira fase pode corresponder a uma situação de ciúme, como, por exemplo, o nascimento de um irmão. Então, quando se fantasia que o pai bate noutra criança, pode-se tomar isso por “O meu pai não ama essa outra criança, ama apenas a mim”, uma forma sádica de satisfação. A escolha objetual incestuosa está aqui clara, porém

está destinada ao fracasso ou, melhor dizendo, ao recalque. Justamente por terem sido recalcados, esses desejos incestuosos se tornam inconscientes, o que justifica a produção fantasmática e também a inversão da posição na segunda fase, oriunda de um sentimento de culpa. Para tal culpa, fantasia-se um castigo: agora, quem apanha do pai é a própria criança.

Há também, diante do recalque, o fator regressivo da libido ao estágio anterior, o que está de acordo com a excitação sexual que tal fantasia promove. É uma posição de satisfação masoquista e permanece inconsciente devido à sua grande intensidade. Já na terceira fase da fantasia, há um retorno à forma sádica da primeira fase, entretanto com satisfação masoquista: afinal, há substitutos do pai e da criança, mas, no final das contas, Freud postula que é a criança criadora da fantasia que está em questão.

O que Freud (1919/1976) destaca como principal contribuição dessas elaborações acerca das fantasias de espancamento é o esclarecimento da origem das perversões, em particular do masoquismo. Há a questão do crescimento prematuro de um componente sexual, mas aqui Freud volta a enaltecer a relação da perversão com o complexo de Édipo, já que tal complexo se dá pela escolha objetal incestuosa.

Mesmo nos casos em que a perversão da infância persiste, pode haver uma tentativa de percurso normal da sexualidade durante a puberdade. Entretanto, tendo em vista a forte fixação libidinal, a força para percorrer normalmente os caminhos da sexualidade não é suficiente e, diante de um obstáculo, retornará ao ponto de fixação. Afinal, pode-se supor a sexualidade humana em dois tempos, já que o ser humano inicia suas atividades sexuais duas vezes, sendo a primeira na infância, o que permanece interrompido durante a latência, e retorna com a puberdade. No caso das neuroses, as fantasias de espancamento e outras fantasias perversas seriam a marca do recalque do complexo de Édipo, o núcleo das neuroses. Essa perspectiva é bastante interessante por colocar os fatores pré-edípicos e edípicos juntos, enquanto fatores determinantes da perversão também.

São conclusões de Freud, aqui, em relação ao masoquismo: primeiramente, origina-se do sadismo que retorna contra o próprio eu como um sentimento de culpa; não há equivalência entre passividade e masoquismo, tendo em vista que este é oriundo do sadismo. Entretanto, essas conclusões de Freud acerca do masoquismo não são definitivas, já que ocorrem consideráveis alterações teóricas em relação ao tema a partir de 1920, iniciadas em “Além do Princípio do Prazer” (Freud, 1920/1976), ainda mais consolidadas com a noção do supereu, em o “O ego e o id” (Freud, 1923a/1976), e formalmente debatidas em “O Problema econômico do masoquismo” (Freud, 1924a/1974).

Se o texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/1989) é um marco na obra de Freud sobre a formalização daquilo que denomina perversão, enquanto uma categoria diferenciada da neurose e da normalidade, pode-se propor que o texto “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (Freud, 1919/1976) retoma as ideias propostas por Freud, porém abrindo possibilidades de desenvolvimento teórico sobre a perversão.

Destacam-se três contribuições de extremo valor e relevância para a teorização sobre a perversão em psicanálise. A primeira, já mencionada, está na associação dos fatores pré-edípicos aos edípicos para a compreensão da perversão, ao enfatizar a importância da fase anal-sádica nas fantasias de espancamento. Apesar de as fases de desenvolvimento da libido apresentarem importância durante toda a elaboração teórica de Freud, percebe-se que, nessa obra, ganham destaque justamente por possibilitarem a constatação de que esses períodos pré-edípicos têm influência também por causa do modo de satisfação sexual que esteve em jogo. Influenciam a forma como se chegará ao Édipo e sofrerão seus efeitos retroativamente. Daí a relevância das posições sádicas e masoquistas nas fantasias.

A questão da escolha objetal é outra contribuição deste texto. A escolha incestuosa de objeto volta a ganhar destaque, o que inevitavelmente nos leva ao Édipo, agora

para entender a perversão, o que significa que a função normativa desse complexo só pode acontecer dependendo do caminho percorrido anteriormente, nos períodos pré-edípicos. Além disso, abrir mão dessa primeira escolha objetal ao final do Édipo não é o que parece estar em jogo na perversão, conforme discutiremos no próximo capítulo.

Mais uma contribuição de destaque está no fato de que Freud passa a lançar o olhar à perversão pela via do masoquismo, formalizando o seu movimento de dar ao par sadismo/masoquismo papel de destaque entre os tipos de perversão. Percebe-se que Freud permanecerá acentuando as raízes perversas dos seres humanos pela via da compreensão do masoquismo, que passará a ocupar o lugar de originário para todos – perversos ou não - até o fim de sua obra. E isso ganhará ainda mais ênfase com o auxílio dos postulados da pulsão de morte e do superego, com a proposição da segunda tópica.

Interessante destacar também que Freud menciona os casos em que as fantasias infantis de espancamento de seus pacientes homens tinham, em geral, profunda relação com a perversão sexual adulta, ultrapassando o nível da satisfação neurótica pela via fantasmática. Sua destreza clínica mostra-se, mais uma vez, de grande importância para o tema, ao enunciar a questão de que o perverso raramente procura análise, sendo o caso apenas quando não consegue obter sua satisfação sexual por qualquer motivo que seja. Inclusive, alerta os analistas para um questionamento extremamente pertinente e atual quanto ao tratamento analítico para um “sintoma” que possa efetivar uma perversão, já que não se sabe o suficiente sobre a dinâmica do distúrbio. “É uma surpresa desagradável se a análise revela que a causa da impotência ‘meramente psíquica’ é uma atitude tipicamente masoquista, talvez profundamente arraigada desde a infância” (Freud, 1919/1976, p.245).

Pode-se perceber, então, que as elaborações freudianas acerca da perversão enquanto uma categoria diferenciada da neurose são, basicamente, precoces em sua teorização. Iniciam-se antes mesmo de serem formalizadas, aparecendo já nas

correspondências de Freud a Fliess, e permanecem em posição de destaque, ainda que indiretamente, ao serem sempre a referência para a construção da teoria das neuroses. Isso porque Freud assinala que a perversão é universal na origem, mas para os neuróticos ela será recalçada. Entretanto, tendo em vista que nem todos são neuróticos, há de se reconhecer a existência de uma perversão também na vida adulta, que se manifesta às claras e que, portanto, também se torna objeto de estudo para Freud.

1.2- A primeira perspectiva freudiana da perversão enquanto base para o desenvolvimento de autores pós-freudianos

Aqui, faremos uma breve retomada sobre algumas das principais contribuições de autores pós-freudianos sobre a perversão, as quais têm como base as construções iniciais de Freud.

Ferraz (2010) aborda a questão do tempo na perversão pela via da fixação nos processos pré-edípicos. Enfatiza essa fixação não apenas no que se refere à obtenção de prazer obtida no corpo, mas também em relação a um momento específico desse desenvolvimento sexual defendendo, assim, uma articulação entre corpo e tempo. Daí a característica de “parada”, que impede que haja a suposta subordinação de todas as outras correntes à genital. Então, defende que essa fixação a um determinado comportamento a ser repetido sempre é a expressão de uma espécie de exclusão da temporalidade.

Na mesma linha em relação ao tempo, segue a análise feita por Chasseguet-Smirgel (1991), ao atribuir à atividade perversa a característica de ser “fora do tempo”, no sentido de ser uma atividade cujo modo de satisfação é infantil. É como se o perverso, na sua infância, tivesse tido horror a seguir em frente, ou tivesse tido excesso de gratificação em determinado ponto. A isso, também acrescenta a possibilidade de a sedução materna

desencorajar a continuidade do desenvolvimento e favorecer a permanência, o estancado, tanto em termos libidinais, quanto em termos temporais, no que se refere ao modo de satisfação infantil.

André (1995) também enfatiza a questão da presença da fixação na perversão, somada a uma precocidade, em um exemplo do que chama de “cenário masoquista”, ao relatar um caso clínico em que um homem tem o “dever” de repetir uma determinada cena da infância que lhe trouxe extrema satisfação, sentida no corpo. Tratava-se de uma brincadeira infantil em que fora amarrado a uma árvore por sua amiga e deixado nessa condição por um período longo, momento em que experimentou um desespero inicial, logo seguido por uma “espantosa sensação de bem estar a lhe percorrer pelo corpo inteiro” (André, 1995, p.33). Tal cena vivida com tamanha intensidade na infância deixou sua marca de fixação, passando a tornar-se pré-requisito para que fosse atingido o gozo sexual na posição masoquista dali em diante.

Miller (1985/1997), embasando-se na leitura que faz da teoria lacaniana, que liga essa fixação da perversão à fantasia, aborda o que denomina “estática da fantasia”, que claramente aparece na perversão. Cita a obra de Sade para mencionar certa monotonia que desperta em seu leitor, sendo uma leitura que não gera divertimento, mas sim tédio. Isso porque mudam os personagens, porém a cena é basicamente a mesma, o que pode ser totalmente associado com a questão da fixação libidinal naquela montagem específica.

Ainda sobre a fantasia, Miller (1989/2001) enfatiza que a noção freudiana de diferenciação de neurose e perversão pode se dar por meio da questão do ato. Ou seja, não se pode tomar a fantasia perversa, que é comum inclusive aos neuróticos, enquanto algo que aponte para a perversão, senão por essa dimensão do “a mais”, que parte para a execução. E Lacan (1968-1969/2008), retomando Freud, diferencia que “sonhar” com a perversão, no

sentido de fantasiá-la, é algo extremamente necessário ao neurótico para sustentar seu desejo, ressaltando, porém, que não é disso que se trata na perversão.

Sobre a obra de Sade, Lacan (1966 [1963]/1998) refere-se à fantasia enquanto aquela em que a satisfação pulsional, ou gozo, está petrificada(o), não deixando alternativa quanto à sua execução no caso da perversão. Nas palavras de Lacan (1966[1963]/1998): “Quando o gozo se petrifica aí, ele se torna o fetiche negro em que se reconhece a forma efetivamente oferecida em certo tempo e lugar, ainda nos dias atuais, para que nela se adore seu deus.” (p. 784). Essa rigidez, que remete à fixação, leva a uma espécie de atualização de algo ocorrido noutra tempo/lugar, invertendo a lógica do que acontece, por exemplo, com a fantasia perversa do neurótico. Para o último, é por meio dela que se chega a sustentar o desejo. Entretanto, para o perverso, ela serve como algo da ordem de uma obrigação, o que o coloca na condição de “servo do prazer” (p.784). Isso nos remete à colocação freudiana de que o perverso é “pobre diabo”, que chama a atenção para o esforço necessário para que obtenha sua satisfação “a duras penas” (Freud, 1917d/1976, p. 376). E toda essa manobra com a fantasia cristalizada na perversão se dá com uma importante missão: tirar o perverso da dimensão de sujeito faltoso, dividido, desejoso, segundo Lacan (1966[1963]/1998). Essa noção será amplamente discutida durante os capítulos seguintes.

Outro campo fértil para as elaborações posteriores está na perspectiva da renúncia pulsional lançada por Freud enquanto característica da neurose. Green (2010) desenvolve a questão por meio da noção de trabalho do negativo. As representações inconscientes, segundo Green, são a expressão de que houve um trabalho do negativo, no sentido de que têm sua origem a partir da lembrança do objeto de satisfação pulsional quando este está ausente. Para que a dimensão do desejo esteja presente, é necessário que falte o objeto, ou seja, que haja uma negativização da pulsão. É necessário que ela não se satisfaça de imediato ou completamente para que possa haver algo da renúncia pulsional.

Se a neurose é o negativo da perversão e se em vários momentos da teoria inicial de Freud ele usa a terminologia “perversão positiva”, pode-se, por meio das contribuições de Green, entender que a dimensão pulsional positivada está diretamente relacionada à perversão, enquanto que algo da renúncia está ligada à neurose. E somente pode vir a existir desejo, enquanto vinculado àquele algo que faltou e, por isso, evitou a satisfação pulsional direta. O conflito desejo x defesa relativos ao recalque só se torna possível a partir do momento em que algo dessa pulsão não se realizou diretamente. Na perversão, desejo não implica ausência, nem conflito psíquico: implica satisfação pulsional direta, sem possibilidade de renúncia.

Sobre o conceito de regressão, tão intimamente relacionado à perversão na perspectiva freudiana, Green (2010) o afasta da modalidade do negativo. Afinal, a regressão está relacionada a uma dificuldade de desprendimento da positividade, a uma certa intolerância à renúncia pulsional, a partir do momento em que impele o retorno a um momento em que houve o sucesso da positividade. Diante de uma situação em que a renúncia pulsional está eminente, há uma tendência à regressão a um momento em que a satisfação pôde ser encontrada idealmente, os pontos de fixação. Aqui, está reafirmada a semelhança entre a sexualidade perversa e a infantil, no sentido da não submissão à renúncia necessária.

Tomando por base o texto freudiano de 1915, “As pulsões e suas vicissitudes”, Lacan (1968-1969/2008) ressalta que, curiosamente, Freud abandona as pulsões até então mais enfatizadas em sua teoria, pulsão oral e pulsão anal, para articular sobre as propriedades das pulsões (fonte, finalidade, objeto e força), passando a dar completo destaque às pulsões escopofílica e sadomasoquista naquele momento. A partir dessa posição freudiana, Lacan (1968-1969/2008) avança em relação às perversões relacionadas à fixação nessas pulsões, rompendo com a perspectiva freudiana de que são pares de opostos simétricos, apenas. Propõe

que o exibicionista é aquele que faz surgir o olhar no Outro, enquanto o *voyeurista* promove o olhar que falta ao Outro.

Seguindo o mesmo raciocínio, o masoquista é aquele que promove a voz do Outro, “(...) aquilo a que dará a garantia de responder como um cão, isso é o essencial.” (Lacan, 1968-1969/2008, p. 249). E o sádico é o que precisa impor ao Outro a própria voz. Por isso não se pode pensar em uma simetria de pares de opostos, pois, mais do que do objeto em questão, trata-se da função desse objeto para o Outro. Por exemplo, o *voyeur* não coloca seu olhar em qualquer cena, já que seu olhar tem a função de interrogar o que não pode ser visto. O que o tira da simetria em relação ao exibicionista, que quer provocar o olhar do Outro. A satisfação de um em nada implica a satisfação do outro; em nada satisfaria um *voyeurista* olhar um exibicionista, e vice-versa. Há uma passividade no exibicionista, no sentido de que ele se dá ao olhar, porém não há parceria entre *voyeurista* e exibicionista, pois é do gozo do Outro que se trata, gozo no sentido de tamponar a falta. “O perverso é aquele que se consagra a tapar o buraco no Outro”, diz Lacan (1968-1969/2008, p. 245).

Percebe-se, portanto, que as premissas freudianas iniciais generalistas embasam grande parte das elaborações psicanalíticas posteriores sobre a questão da perversão. As noções de ausência de recalque, e presença de fixação e regressão enquanto norteadores para uma diferenciação em relação às neuroses, além da existência de uma perversão originária universal, são ideias presentes nas construções dos psicanalistas que abordam a perversão, não tendo a sua importância diminuída. Entretanto, não esgotam a discussão.

Se essa primeira perspectiva freudiana sobre a perversão, basicamente formalizada com as ideias dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1989), não esgota o que se compreende por perversão, outros conceitos freudianos posteriores possibilitam um salto de complexidade para essa compreensão.

A questão do par sadismo/masoquismo, ou mesmo a questão do fetichismo e seu mecanismo diferenciado do recalque, conforme proposto pelo próprio Freud, são exemplos de outras contribuições teóricas fornecidas por Freud, com um viés mais específico aos determinados tipo de perversão, que não se esgotam no que fora discutido até então. Será pela via inversa, partindo de tipos particulares de perversão, que se obterá o complemento à teoria da perversão enquanto uma categoria. Daí a relevância da compreensão das elaborações freudianas mais posteriores às discutidas aqui, conforme veremos adiante.

CAPÍTULO 2

O COMPLEXO DE ÉDIPO E A PERVERSÃO: POSSÍVEIS

ARTICULAÇÕES

É de extrema importância para este trabalho um retorno à teoria freudiana do complexo de Édipo. Afinal, além de núcleo das neuroses, também é referência para a estruturação do sujeito e de sua sexualidade, já que estão articuladas no Édipo questões sobre a diferenciação sexual e sobre a angústia de castração (Moreira, 2004). Além disso, só se pode compreender uma das dimensões do superego freudiano, “herdeiro do complexo de Édipo”, se percorrido tal caminho.

2.1- O complexo de Édipo para Freud

Retomaremos aqui mais detalhadamente a última elaboração de Freud sobre o complexo de Édipo, tópico que o acompanhou em grande parte de seu percurso e que sofreu algumas alterações, principalmente quanto à suposta equivalência entre o que aconteceria com o Édipo masculino e feminino (Freud, 1917d/1976). Como se sabe, Freud (1924b/1976) muda de posição em relação a isso ao longo de suas elaborações e por fim postula que, na menina, o complexo de castração não é o motivo que a leva a sair do Édipo, mas sim o que a leva para o Édipo, diferente do que acontece com o menino (Freud, 1925/1976). A principal consequência a que tal diferença acarreta, segundo Freud, é que o complexo de castração conduz a menina à inveja do pênis (*penisneid*) e o menino à angústia de castração. Tendo em vista que a perversão está intimamente relacionada à forma com que a criança lida com a angústia de

castração, abordaremos o Édipo do menino enquanto referência para nossas discussões sobre a perversão.

Na teoria freudiana (Freud, 1905/1989), o caminho da sexualidade infantil se inicia pelo componente oral. Se, no início, a satisfação sexual se dá vinculada à satisfação da necessidade de alimento, com o passar do tempo, se torna independente dessa, na medida em que a criança começa a tomar parte de seu próprio corpo como objeto. Ou seja, há um primeiro abandono do objeto externo, rumo a uma satisfação autoerótica. Ao longo do tempo, a satisfação com o próprio corpo será parcialmente abandonada em favor da unificação dos objetos parciais da pulsão, constituindo um objeto único, à semelhança do próprio sujeito. Este primeiro objeto inteiro quase sempre coincide com a fonte daquele primeiro objeto parcial, o seio materno. Segundo Freud (1925/1976), então, a mãe é a primeira escolha objetal da criança. A partir dessa primeira eleição de objeto de amor, que já é uma espécie de efeito da síntese dos objetos parciais, desenrola-se o complexo de Édipo.

O menino, dominado pelo amor pela mãe, passa a querer a posse de sua mãe exclusivamente, demonstrando todo interesse e curiosidade sexuais, o que o leva a sentir o pai como rival, chegando ao ponto de por ele desenvolver ódio e desejar-lhe o mal. Tendo em vista essa primeira escolha incestuosa, desencadeiam-se várias proibições a essa criança. É sem dúvida um período de vivências intensas, e a partir do momento em que a criança abandona o Édipo, tudo isso é recalçado, afastado para longe da consciência.

O resultado ideal disso seria que o filho conseguisse desvincular-se libidinalmente da mãe e se reconciliasse com o pai, o que na neurose não acontece: “(...)o filho permanece por toda a vida subjugado à autoridade do pai e é incapaz de transferir sua libido a um objeto sexual externo.” (Freud, 1917d/1976, p. 393).

Apesar de até então ter vigorado a ideia de que a grande diferença da sexualidade infantil para a adulta estava no fato de a segunda implicar uma subordinação das

pulsões parciais à primazia genital, Freud (1923b/1976) retifica sua posição em relação a isso, passando a atribuir a existência de uma fase genital infantil. Há um momento na infância em que apenas o genital adquire grande importância: o falo está em primazia para ambos os sexos, por isso tal fase é denominada fálica.

Segundo Freud (1923b/1976), é nessa fase fálica, contemporânea ao Édipo, que o pênis passa a ser o órgão genital de real importância, para ambos os sexos. Diante dessa relevância, naturalmente acompanhada de uma respectiva erogenização, o órgão passa a ser manipulado com muito maior frequência do que antes, fazendo da masturbação infantil algo recorrente e, por isso, alvo de grandes ameaças por parte dos adultos. No caso do menino, ele atribui a existência do falo para todos, rejeitando as primeiras evidências da ausência de pênis na mulher. Por algum tempo, tenta “solucionar” o problema, com justificativas que sugerem que o clitóris ainda crescerá, até o momento em que o raciocínio inverso ocorre: o pênis já esteve ali, mas foi cortado. E essa constatação da possibilidade de castração obriga o menino a pensar na castração em relação a si mesmo. Então, é um pressuposto freudiano que a criança esteja na fase fálica, privilegiando o falo, para que o complexo de castração possa ter algum valor, inclusive de ameaça. É somente na medida em que o falo é privilegiado que a criança teme perdê-lo.

As ameaças de castração, segundo Freud, são as responsáveis pela destruição da organização fálica da criança, porém isso não acontece de imediato, apenas quando retroagem sobre antigas experiências de perdas da criança, tais como o seio materno (fase oral) e as fezes (fase anal). É interessante notar o valor dado por Freud (1924b/1976) ao fato de uma nova experiência de perda retroagir sobre as anteriores, pois, quando ocorreram, essas experiências não foram, de imediato, sentidas dessa maneira. É somente depois, em um segundo momento, quando uma nova perda se torna eminente, que a primeira é significada pelo sujeito. E a visão da genitália feminina é o que aponta para a possibilidade real da

efetivação daquilo que, até então, não passava de ameaça para o menino. Ao ver a ausência de pênis na mulher, a própria perda se torna algo imaginável, o que possibilita que a ameaça de castração possa ter efeitos.

Paralelamente a isso, a criança está atravessando o complexo de Édipo. Retomaremos o texto “O ego e o id” (1923a/1976), momento em que Freud discorre com detalhes sobre o Édipo a partir de seu caráter triangular, porém levando em conta também o que ele chama de bissexualidade constitucional de cada indivíduo. A partir do caso de um menino que, desde os momentos mais primitivos de sua vida, elege a mãe enquanto objeto, há uma tendência a identificar-se com o pai. Ocorre que, na fase fálica, essa catexia objetual na mãe se intensifica, bem como os sentimentos hostis em relação ao pai, que começa a ser visto também como rival e como obstáculo para a realização dos desejos incestuosos. A ambivalência afetiva em relação ao pai estabelece-se, então. Afinal, o pai não é apenas rival, já que também ocupa um lugar de modelo a ser seguido pelo menino, modelo esse oriundo de uma identificação bastante primitiva, até mesmo anterior à fase edípica.

Para que haja a saída do Édipo, é necessário que essa catexia objetual em relação à mãe seja abandonada, para que em seu lugar surja ou uma identificação com a mãe ou uma intensificação da identificação já existente com o pai, o que, no segundo caso, consolida a masculinidade. A identificação com o pai é o desfecho de um Édipo positivo simples no menino. Porém, o que determina uma ou outra identificação?

Freud (1923a/1976) aqui aponta para o fator constitucional bissexual; se uma das disposições sexuais é mais forte do que a outra, isso influenciará a identificação com o pai ou com a mãe. Entretanto, pode-se supor que, por mais que o indivíduo tenha uma corrente mais forte, a outra identificação também acontecerá, porém de forma mais branda. Afinal, o menininho muitas vezes também se comporta como uma menina em relação ao pai, sentindo até mesmo ciúmes da mãe que, neste momento específico, torna-se a sua rival. Mas, na

dissolução do Édipo, supõe-se que uma dessas identificações prevalecerá e garantirá que uma das disposições sexuais seja preponderante.

Então, surge um precipitado no eu oriundo da junção dessas identificações, o qual se modificará e se confrontará com os outros conteúdos, passando a funcionar como um ideal do eu. Tal ideal do eu, que nesse momento da obra de Freud se aproxima muito do que virá a ser o conceito de supereu, apresenta um aspecto duplo, derivado da missão de promover o recalque do complexo de Édipo. Ao mesmo tempo em que o ideal do eu é quem aproxima o eu do menino de seu pai, enquanto modelo a ser seguido, é também ele quem proíbe que o menino tenha os mesmos direitos do pai: há coisas que são exclusivas dele (pai) e proibidas à criança. Daí a máxima freudiana de que “o superego [supereu] é herdeiro do complexo de Édipo” (1923a/1976,p. 51).

Freud (1925/1976) atribui ao complexo de castração, então, a saída do Édipo para o menino. É esse o preço, a castração, que o menino percebe que terá que pagar, caso não renuncie às intenções incestuosas. E tal pressuposto se confirma enquanto possibilidade de realização diante da visão dos órgãos genitais femininos. A aceitação da ameaça de castração é o que promove o desenrolar de uma neurose, no sentido de ser a principal motivação para a saída do Édipo.

Entretanto, diante desta mesma visão da ausência de pênis nas mulheres, há um grupo de meninos que reage de outra maneira: são aqueles que, ao invés de formarem uma solução neurótica, farão uso de uma solução fetichista, o que será discutido adiante, no capítulo 4.

2.2- O complexo de Édipo e a perversão: perspectiva lacaniana

Para a retomada da perspectiva freudiana a partir de uma leitura lacaniana, serão priorizadas, neste momento, as elaborações do seminário de Lacan sobre as formações do inconsciente (Lacan, 1957-1958/1999), em um de seus retornos a Freud. É uma abordagem relevante para este trabalho porque estabelece a análise do Édipo em três tempos, detalhando a movimentação do triângulo edípico em cada tempo. E Lacan, mais do que Freud, é, em vários momentos dessas elaborações iniciais, explícito ao mencionar as relações entre o Édipo e a perversão.

É importante, de saída, que se ressalte que Lacan (1957-1958/1999) enfatiza a relação do Édipo com as fases anteriores, ditas pré-edípicas. Propõe que é necessário que um caminho tenha sido percorrido pelo sujeito para que alcance o Édipo e, a partir de seu desfecho, tudo o que aconteceu anteriormente é tocado, por efeito de retroação. Claramente, Lacan atribui a origem da perversão a uma íntima relação com as etapas pré-edípicas do desenvolvimento do sujeito, porém não apenas pela via da perspectiva freudiana acerca de fixação, regressão e exclusividade.

A ênfase aqui é muito relacionada às questões imaginárias, tão presentes na perversão. Lembrando que o registro imaginário é aquele que pressupõe a completude, uma vez obtida a partir da imagem virtual da criança refletida pelo espelho, tomada como realidade pelo eu. É uma imagem completa e organizadora do eu. E é justamente essa via imaginária que embasa a relação dual com o outro enquanto semelhante, a exemplo das relações entre irmãos, imersa em identificações egoicas, predispondo a rivalidade e hostilidade (Lacan, 1953-1954/1986). Então, as relações imaginárias em Lacan são aquelas em que o eu está em jogo, tomando o outro sempre como seu semelhante.

A via simbólica, instaurada pelo Nome-do-Pai, é o que possibilita a barra a esse excesso de imaginarização. É o Nome-do-Pai que organiza o sujeito pela via do desejo, ou seja, pela assunção da falta, relativizando a ilusão egoica de completude. Mas, para que o

Nome-do-Pai seja instaurado, é necessário que a criança faça um percurso e atinja a identificação pelo Ideal do eu, função herdeira do Édipo. Na perversão, algo de diferente acontece durante esse caminho que é suposto à neurose.

Segundo Lacan (1957-1958/1999), há uma primeira simbolização na criança, a qual é obtida por meio dessa relação primitiva dual com a mãe. A mãe vai e vem, sem que a criança saiba exatamente o porquê, sem que a criança controle. A ausência da mãe, à revelia da criança, é o que possibilita essa simbolização, dita primordial. É justamente isso que abre para a criança a possibilidade de perceber que a mãe deseja algo além da criança, ou seja, que algo falta à mãe. E esse algo que falta é o falo, definido aqui como o objeto do desejo materno.

A relação do filho com o falo depende, então, de como ele se posiciona frente à relação da mãe com a própria falta. O desejo do Outro, que aqui é o desejo materno, comporta algo que está além da criança, algo que está fora da relação mãe/criança, algo que está ausente na relação dual. Para o filho ter acesso a isso, é necessário que o pai, simbolicamente, faça a mediação. No caso das perversões, Lacan sublinha que algo já se inaugura nesse momento tão primitivo, pois essa primeira assunção da mãe enquanto aquela que também se submete ao Outro simbólico – o que a tira de lugar de onipotente, inicialmente dado pela criança a ela – é falha nas perversões, apesar de acontecer em algum grau.

A mãe é privada de falo, aquilo que imaginariamente a completaria, e essa privação, quando constatada pela criança na realidade, exige uma simbolização. Uma interessante contribuição lacaniana está na ênfase da ideia de que é necessário que alguma simbolização já esteja em jogo para que o complexo de castração ofereça algum risco à criança, no sentido de lançá-la para a angústia de castração. Diz Lacan (1957-1958/1999, p.191): “Está bastante claro que o pai não castra a mãe de uma coisa que ela não tem. Para que fique postulado que ela não tem, é preciso que isso de que se trata já esteja projetado no

plano simbólico como símbolo.”. Na perversão, há uma falha nessa simbolização do falo, na medida em que a criança não admite a falta materna. Para que a simbolização aconteça, é necessário que o falo se apresente enquanto ausência e, no caso da perversão, o falo permanece imaginarizado, enquanto presença possível.

Lacan (1957-1958/1999, p.169), ao se referir à questão da imagem na perversão, diz: “(...) trata-se de manifestações patológicas nas quais o campo da realidade é profundamente perturbado por imagens.”. Por isso, pode-se questionar até que ponto a simbolização do falo se efetiva na perversão, já que a mesma permanece tão submetida às inundações imaginárias, tão típicas das experiências pré-edípicas.

Para situarmos a questão da perversão no complexo de Édipo, retomaremos o que se passa na gênese do Édipo segundo a proposta lacaniana. Lacan (1957-1958/1999) propõe a análise de três tempos lógicos, que implicam uma sucessão entre si, porém não exatamente uma sucessão cronológica. No primeiro tempo do Édipo, a posição da criança é de assujeito, na medida em que o sujeito desejante é a mãe. A questão do falo já está colocada para a mãe e cabe à criança situá-la. Em resposta a isso, a criança busca ser o objeto que satisfaz o desejo materno, identificando-se imaginariamente ao falo. O pai está velado nesse momento.

Já no segundo tempo, o pai aparece enquanto figura proibidora, que priva a mãe, que subjuga a lei materna à sua própria lei. O pai é o portador da lei, é quem proíbe e interdita a mãe, funcionando como uma espécie de “tribunal superior” da mãe. É interessante a contribuição de Lacan para essa etapa, que joga para o pai a questão de intervir na relação mãe – filho não só pela via da criança, mas ao interditar a voracidade materna em relação ao filho. “Não reintegrarás teu produto” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 209) é a mensagem que o pai endereça à mãe, o que permite que a criança possa sair dessa posição de assujeito, de identificação ao objeto materno.

Esse “não” vindo do pai é o que possibilita que a criança questione a onipotência materna, já que constata que a mãe se submete a um Outro, a saber, o pai. Graças a essa etapa, o sujeito pode se desalojar da relação em que reciprocamente se satisfazia com a mãe, a relação de completude imaginária. À criança, não basta mais se situar em relação à presença ou ausência da mãe: a partir deste momento, ela precisa também se situar em relação à palavra do pai, à lei do pai, que incide sobre a mãe. É necessário que a criança renuncie da posição de objeto de satisfação materna para que apareça a falta da mãe, o que permanecia tamponado na relação imaginária.

Essa brecha na relação imaginária de exclusividade com a mãe é o que possibilita a chegada da criança ao terceiro tempo lógico do Édipo. Nesse momento, o pai entra enquanto portador, doador, não sendo apenas o privador. É aquele que tem o falo e pode dá-lo, na visão da criança, e está justamente aí a possibilidade de uma saída do Édipo, em que o menino pode adquirir o direito de ter um pênis, um direito que se assemelha a um título de posse. Essa aproximação do pai é o que possibilita o que Lacan atribui a essa última etapa, o momento em que o sujeito pode constituir o “núcleo da identificação máxima” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 235): o Ideal do eu.

A partir da intervenção paterna, o sujeito pode internalizar esse outro sujeito, pai, constituindo uma intersubjetividade interna. Não se trata de internalização de um objeto, mas de algo a mais para o sujeito, na medida em que promove uma transformação subjetiva: “(...) o que é adquirido como Ideal do eu permanece, no sujeito, exatamente como a pátria que o exilado carregaria na sola dos sapatos – seu Ideal do eu lhe pertence, é, para ele, algo adquirido.” (Lacan, 1957-1958/1999, p.300). O Ideal do eu em Lacan é uma identificação simbólica, obtida através da relação com o Outro enquanto aquele que fornece significado e “marca todo o desenvolvimento psicológico do sujeito” (Lacan, 1957-1958/1999, p.271).

Em suma, o que a criança obtém no fim do Édipo é da ordem de uma metáfora: um significante paterno ou Nome-do-Pai se instaura no lugar daquilo que era o desejo da mãe. Então, o primeiro “ternário”, imaginário, composto pelas relações criança – mãe – falo, acabará sendo uma prévia do que virá a ser o ternário simbólico, cujas relações são entre criança – mãe - pai. Assim sendo, o lugar imaginariamente ocupado pelo falo deverá ser ocupado pelo pai, enquanto função simbólica. Para que isso ocorra, é necessário que o pai apareça enquanto aquele que tem o que falta à mãe. É importante destacar que, na perversão, essa função simbólica do pai é prejudicada, aparecendo quase sempre um pai imaginário, perseguidor e agressivo.

É a falta materna que o sujeito aceita ou recusa, sendo esse o ponto nodal do Édipo. E mais: isso implica também o pai como agente dessa privação que atinge a mãe, ou seja, como castrador. Se a criança recusa essas duas vertentes do mesmo fato, de que a mãe é privada do falo e de que o agente disso é o pai, a criança se mantém identificada, de forma imaginária, ao objeto materno, que é o falo. É uma grande questão para o sujeito a de ser ou não ser o falo da mãe e quanto a isso, Lacan aponta para uma possibilidade de “escolha”:

“Ponham também esse escolher entre aspas, porque o sujeito é tão passivo quanto ativo nisso, pela simples razão de que não é ele quem manipula as cordinhas do simbólico. A frase foi começada antes dele, foi começada por seus pais, e aquilo a que pretendo conduzi-los é precisamente a relação de cada um desses pais com essa frase começada, e a maneira como convém nos exprimirmos bem, que existe, em termos neutros, uma alternativa entre ser ou não ser o falo.” (p.192).

Para Dor (2011), retomando Lacan, é um fator determinante que a mãe se coloque enquanto faltosa para a criança, sinalizando que a criança não a satisfaz por completo. É pelo discurso da mãe que a instância paterna começa a intervir. Caso isso não ocorra, há um ancoramento na identificação imaginária fálica primordial da criança, ponto em

que permanece fixada. O mecanismo do desmentido (capítulo 4) explicita que a falta materna não foi completamente simbolizada na perversão, na medida em que o fetiche é a presença daquilo que deveria estar ausente. O pai permanecerá na posição de rival fálico, jamais passando para aquele momento em que se torna o pai doador. A autoridade de pai como aquele que porta a lei não é aceita: é reconhecida somente na medida em que é contestada e desmentida.

De forma clara, Dor resume o que acontece no casal parental no caso de uma perversão: “(...) vamos mencionar o apelo sedutor e a cumplicidade libidinal da mãe, associados à complacência silenciosa do pai.” (Dor, 2011, p. 58). Também partindo da relação mãe-filho em uma perspectiva lacaniana, Miller (1989/2001) enfatiza que uma mãe narcisista, que usa perversamente seu filho como objeto de sua satisfação, colocando-o no lugar de seu objeto imaginário, é responsável por abrir grande caminho para a instalação da perversão no filho.

Aulagnier-Spairani (1967/2003), a partir de tais contribuições lacanianas, também ressalta o elo de cumplicidade existente na relação do perverso com sua mãe. Segundo a autora, há de se supor sempre na perversão a existência de uma mãe sedutora, que responde às demandas pulsionais do menino, participando veladamente do seu autoerotismo. Neste sentido, a mãe dificilmente será desalojada do lugar de onipotência, permanecendo idealizada. A autora propõe que o perverso, então, não passa pela dissolução do complexo de Édipo, já que não sublima a relação com a mãe: evita o incesto por outra via, por meio de sua idealização. Na verdade, a mãe todo-poderosa tem a função especular na relação imaginarizada com o perverso, na medida em que reflete seu próprio eu.

Lacan (1957-1958/1999) atribui ao falo, enquanto objeto metonímico, cuja significação sempre é deslizante, o ponto central do desenvolvimento subjetivo. Para as perversões, isso se dá pela via da identificação imaginária radical a esse objeto, muito mais do

que pela via de uma função parcial a que ele atenda. Essa identificação tem um papel cristalizador na perversão, dominando a vida do sujeito. Longe de ser manifestação pura da pulsão, a perversão está sempre ligada em detalhes a uma estrutura de compromisso, que aparece no não reconhecimento de algo, a saber, a castração materna.

Isso está intimamente relacionado à posição que a criança assume diante do que Lacan (1957-1958/1999, p.297) denomina “o mais radical dos obstáculos na vida da criança”: o fato de a criança não estar sozinha frente à mãe, ou seja, ter que situar-se perante o falo. Quanto a isso, só há dois caminhos: fazer-se objeto de trocas para, posteriormente, renunciar aos objetos primitivos; ou conservá-los. Quando a segunda alternativa se concretiza e a criança conserva os objetos, há uma perversão do desejo que, em essência, deveria implicar uma renúncia parcial, para se tornar uma demanda ou um desejo significado.

Em outras palavras, na perversão, pela perspectiva do Édipo, trata-se, como já antecipado por Freud, de uma renúncia que não se efetivou. A isso, Lacan contribui com a noção de que o desejo essencialmente neurótico se constitui somente a partir do momento em que essa renúncia parcial acontece e esse desejo pode se tornar alienado ao ser expresso em palavras, na medida em que é significado, passando a se tornar demanda. E daí, dessa renúncia que não se efetiva, se origina a falha na simbolização, ocorrida na perversão.

A partir disso, compreende-se a importância atribuída por Lacan (1957-1958/1999) ao eixo imaginário na perversão. Afinal, se não há a intervenção do pai enquanto metáfora, o sujeito desemboca em relação exclusiva, especular com a mãe. Não se trata, aqui, de dependência, mas sim de perversão, passando por uma relação com o falo da ordem do essencial, fazendo com que o sujeito o assuma de diversas formas nas diferentes perversões, denunciando a raiz primitiva da relação perversa com a mãe.

Miller (1989/2001) propõe duas perspectivas por meio das quais é possível entender a perversão, a partir de sua relação com o Outro: no nível do desejo e no nível do

gozo. Justifica que, no nível do desejo, a ênfase se dá na identificação imaginária ao falo, no sentido de o sujeito querer ser o falo que falta ao Outro, que remete às questões da posição que se efetiva durante o complexo de Édipo, conforme discutido.

Entretanto, há a perspectiva que abarca o nível do gozo, ou seja, uma perspectiva que ultrapassa a situação Edípica, apesar de não ser dela independente. Em termos de gozo, o que se analisa é a posição assumida pelo perverso em sua própria fantasia, posição essa que repercutirá sobre o seu modo de se relacionar com o Outro: tenta fazer-se de objeto, posição intimamente relacionada ao masoquismo.

Para uma melhor compreensão dessa perspectiva quanto ao gozo na perversão, é necessário que se percorra o caminho das elaborações freudianas relativas à pulsão de morte, bem como o desenvolvimento da segunda tópica, mais precisamente com a noção de supereu. Isso porque são elementos indispensáveis para se chegar à dimensão da perversão além do princípio de prazer, que é a proposta lacaniana ao referir-se ao gozo. É o que será discutido no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

SEGUNDA PERSPECTIVA FREUDIANA DA PERVERSÃO: O MASOQUISMO

3.1- Pulsão de morte e supereu: a perspectiva do masoquismo em Freud

A partir de 1920, a teoria freudiana passa a contar com o conceito de pulsão de morte, o que promove uma verdadeira reviravolta em grande parte do que havia sido elaborado até então, principalmente no que se refere às pulsões.

3.1.1– Pulsão de morte

Em “Além do Princípio do Prazer”, Freud (1920/1976) parte da perspectiva econômica da noção de prazer e retoma o princípio por ele já defendido de que o psiquismo tem por objetivo a redução da tensão desagradável. Então, a redução dessa tensão apresenta como resultado a produção de prazer pela diminuição da excitação não vinculada, ou a evitação de desprazer. O desprazer é oriundo de um aumento da excitação psíquica, em razão de um determinado período de tempo, e o aparelho mental tem por objetivo o esforço de manter a excitação o mais baixa possível, ou, se não isso, ao menos mantê-la constante. Assim, o princípio de prazer sustenta-se na hipótese freudiana de que há uma tendência no psiquismo a buscar a redução de excitação não vinculada, de forma a diminuir a tensão psíquica.

À medida que o organismo precisa sobreviver, consegue ter certa tolerância em relação ao desprazer, suportando o adiamento da satisfação, o que configura a existência de um princípio de realidade. O princípio de realidade, que decorre do princípio de prazer, não

perde o objetivo de obtenção de prazer, apenas possibilita a tolerância temporária ao desprazer.

Ocorre que as pulsões sexuais são pouco submissas, o que as torna poderosas em relação às outras: alcançam, se não uma satisfação direta, uma satisfação substitutiva, como ocorre no caso da formação do sintoma neurótico, o que leva Freud a afirmar que “(...) todo desprazer neurótico é dessa espécie, ou seja, um prazer que não pode ser sentido como tal.” (1920/1976, p. 21). Na neurose, então, a diminuição da tensão por meio da descarga pulsional é sentida, pelo eu, como desprazer. Pode-se entender que, longe de uma posição hedonista, que suporia uma busca egoica pela sensação de prazer, o que Freud parece defender aqui é que o princípio de prazer rege as pulsões, o que muitas vezes é percebido pelo eu como um desprazer, ou mesmo um sofrimento. Isso já abre a possibilidade de resposta para um equívoco comum: a descarga pulsional não implica, necessariamente, a sensação de prazer no eu, o que é evidente na produção sintomática de um neurótico.

É importante ressaltar que a concepção econômica de prazer não é a única que Freud desenvolve ao longo de sua obra. Em alguns momentos, principalmente nos iniciais, Freud (1905/1989) trabalha com a noção de “prazer de órgão”, a qual é intimamente relacionada ao autoerotismo da satisfação das pulsões parciais da infância. Entretanto, é válido esclarecer que não parece ser dessa perspectiva, de prazer de órgão, que Freud (1920/1976) aborda o prazer quando trata do princípio econômico que rege o psiquismo. Freud (1920/1976) se refere à forma como o eu sente o prazer ou o desprazer oriundo da quantidade de tensão psíquica e, nesse momento, desvincula a noção de prazer daquela de satisfação pulsional parcial ligada a um órgão específico.

Confrontado a três situações bastante diferentes, porém com algo em comum, Freud (1920/1976) começa a se questionar quanto ao funcionamento psíquico, que em alguns momentos parece não estar de acordo com o princípio de prazer. Detecta isso nos sonhos

traumáticos, que tanto perturbavam os veteranos de guerra; na recorrência de uma brincadeira da pequena criança com o carretel (“*fort – da*”), a cada vez que a mãe se afastava; e na repetição de padrões infantis, tão recorrentes na transferência dos neuróticos. Nos três casos, destaca-se uma repetição quase que incessante de algo ocorrido na vida do indivíduo.

Nos casos da recorrência dos sonhos traumáticos e da brincadeira do carretel, impressiona que o que se repete é justamente aquilo que gerou desprazer quando aconteceu. No caso da repetição transferencial, segundo Freud (1920/1976, p.34): “Os pacientes repetem na transferência todas as situações indesejadas e emoções penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade.” São exemplos, cada um com suas particularidades, em que algo escapa ao princípio que até então fora defendido por Freud como moderador do funcionamento psíquico, a saber, o princípio de prazer. Daí sua proposta inovadora: além do princípio do prazer, existe uma compulsão à repetição.

Essa compulsão à repetição tem por principal característica a reprodução de eventos que foram desprazerosos no passado, sendo novamente sentidos pelo eu como desprazerosos nos atos presentes. Mesmo que tivessem, no passado, se realizado de forma a obter a satisfação pulsional, a sensação de desprazer já foi conhecida pelo eu. E, ainda, assim, isso não é o suficiente para que haja um cessar dessa repetição desprazerosa. Nas palavras de Freud (1920/1976):

“Nenhuma dessas coisas pode ter produzido prazer no passado (...). Constituem, naturalmente, as atividades de instintos [pulsões] destinados a levar à satisfação, mas nenhuma lição foi aprendida da antiga experiência de que essas atividades, ao contrário, conduziram apenas ao desprazer. A despeito disso, são repetidas, sob a pressão de uma compulsão.” (p.35).

Essa compulsão à repetição é ainda mais primitiva do que o princípio de prazer e, por isso, é íntima das pulsões, já que está presente desde as primeiras atividades da vida

mental infantil, o que explica sua força sobre os processos psíquicos. Para dar prosseguimento a seu argumento, Freud (1920/1976) inova ao redefinir pulsão:

“Parece, então, que um instinto [pulsão] é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior das coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica.” (p.53-54).

Extremamente influenciado pela biologia, Freud (1920/1976) defende que, se pôde haver vida no planeta, foi por um momento de abandono desse impulso, diante de perturbações de origem externa (por exemplo, a participação do sol enquanto provocador da vida nos primórdios da Terra), e tais modificações no organismo são conservadas para uma posterior repetição. As pulsões são, então, a parte conservadora da vida, na medida em que acumulam modificações precedentes. Além disso, tendem ao estado anterior, estado inanimado, pois o “objetivo de toda vida é a morte” (Freud, 1920/1976, p.56).

Freud defende (1920/1976), ainda pela via da biologia, que há as células germinais, responsáveis pela retenção da estrutura original da matéria viva, que guardam as disposições inatas e adquiridas. Por tais características, são células que podem existir de forma independente, o que, sob condições favoráveis, levam a uma nova existência. São as células germinais que lutam contra a morte, sendo também responsáveis pelo alongamento da vida, ainda que, no final das contas, a realização do objetivo da morte seja inevitável. Tais células, então, são o que se pode chamar de pulsão de vida, que operam contra o propósito das outras pulsões, as de morte. Aqui está proposto o novo e último dualismo pulsional na teoria freudiana: pulsão de morte x pulsão de vida ou Eros, deixando para trás o antigo dualismo pulsões do eu x pulsões sexuais.

Argumentando a favor de seu novo postulado e contra a existência de uma suposta tendência ao progresso, inerente aos seres humanos, Freud atribui a essa suposta

tendência uma íntima relação com o recalque. Defende que sempre sobra uma parte da pulsão sexual, pertencente agora a Eros, um resto que não se satisfaz completamente nem mesmo pela via da formação substitutiva, mas que esse resto é também a parte pulsional que visa repetir uma experiência primária de satisfação. Ou seja, há sempre uma diferença pulsional resultante da satisfação exigida e da de fato realizada, e é justamente essa diferença que movimenta o indivíduo para o crescimento, pois o caminho de retorno está obstruído pelas resistências mantenedoras do recalque.

Ainda sobre a pulsão de vida, representada pelas já mencionadas células germinais, há nela uma característica de união, bastante enfatizada por Freud em seu “Esboço de Psicanálise” (1940a/1975). Nesse texto, em que retoma o dualismo pulsão de vida ou Eros x pulsão de morte ou de destruição, Freud já define posições menos especulativas em relação à proposta de 1920, em um tom claramente mais definitivo sobre suas elaborações. Propõe que Eros tem por finalidade formar unidades maiores, agregar, rumo à preservação da vida, tendo como energia a libido. A pulsão de vida é aquela que escapa ao que propôs enquanto definição para todas as pulsões, em 1920, de que seriam a tendência de retorno ao estado anterior. Essa última definição permanece, porém exclusivamente para a pulsão de morte, cujo objetivo é desagregar, destruir, desfazer, no sentido de alcançar o estado inorgânico.

Grande avanço teórico também se dá na proposta freudiana de que tais pulsões estão sempre agindo juntas, porém contrariamente, sendo que o que varia é a proporção de cada uma das pulsões nessa fusão. Por exemplo, a agressividade, característica da pulsão de morte, está presente em todo ato sexual, próprio de Eros. Entretanto, se há um excesso de agressividade na realização do ato, pode-se ter um crime sexual. Tal exemplo de Freud (1940a/1975) deixa clara a íntima relação da presença da pulsão de morte na manifestação de uma sexualidade perversa, abrindo uma janela para novos desenvolvimentos teóricos a partir dessa constatação.

Outro aspecto interessante definido por Freud (1940a/1975) no referido texto é sobre a presença da libido desde a época em que não há ainda diferenciação entre o eu e o isso. É justamente a presença precoce da libido que neutraliza as tendências destrutivas, que desde sempre estão presentes também. Freud (1940a/1975) enfatiza que, quando funcionando internamente, a pulsão de morte é silenciosa, sendo apenas visível quando externada, por meio da destruição que proporciona. Entretanto, Freud retoma o que propõe desde “O ego e o id” (Freud, 1923a/1976): a partir do estabelecimento do supereu, há uma fixação de cota de agressividade no eu, de forma a conduzir um processo de autodestruição, o que, somado a um *uso desvantajoso da libido*, justifica a primeira noção freudiana acerca da pulsão de morte: o indivíduo acaba morrendo de causas internas.

Nesse último momento de sua teoria, Freud (1940a/1975) conceitua o narcisismo primário como estado primeiro em que toda a libido está disponível no eu, até que comece a haver o investimento libidinal em objetos, o que transforma a libido narcísica em libido objetal. É uma importante característica da libido ser móbil, com alguma facilidade de mudança de objeto. Mas Freud não abandona sua posição em relação à fixação libidinal a determinados objetos, deixando exposta a noção de que é frequente que a libido se fixe a objetos específicos de forma persistente, por toda vida. Apesar de Freud atribuir à libido a energia de Eros, não nomeia uma energia análoga para a pulsão de morte, geralmente se referindo a ela por características como agressividade ou destrutividade.

Ainda em “Além do princípio de prazer”, Freud (1920/1976) retifica outra de suas importantes posições: a possibilidade da existência de um masoquismo primário, em contraste com o que até então era defendido, de que o masoquismo era secundário ao sadismo primário (Freud, 1905/1989). Essa ideia toma proporções tão importantes na teoria de Freud que jamais será abandonada, o que permitirá uma nova perspectiva freudiana sobre o tema das perversões, que vai além do que já havia sido até então defendido. Rudge (1999), sobre isso,

ao analisar as relações do supereu com a perversão, embasando-se também nas construções lacanianas, enfatiza o papel fundamental do masoquismo em todas as perversões. Vale destacar que a nova proposta freudiana também abrirá a possibilidade de uma importante constatação, de que o masoquismo não é exclusivo da perversão, estando absolutamente presente no psiquismo nas relações entre eu e supereu.

A grande relevância disso para este trabalho é que Freud só pôde chegar a perceber o masoquismo enquanto primário porque postulou a existência de uma pulsão de morte, enquanto “força demoníaca” que insistia em repetir o desprazer, abrindo portas para uma nova compreensão acerca do aparelho psíquico e das manifestações do sofrimento humano. E, mais uma vez, estudou a neurose pela via de uma característica íntima ao conceito de perversão, que é o masoquismo.

3.1.2– Possíveis articulações do masoquismo feminino com a perversão

No esclarecedor artigo “O problema econômico do masoquismo” (1924a/1976), Freud traz contribuições inquestionáveis quanto à noção do princípio de prazer. Tentando dar conta de sua recente constatação – de que haveria, sim, um masoquismo primário – vê-se na missão de compreender como isso se dá, em termos econômicos. Retifica o que sustentou desde o princípio de sua obra acerca da equivalência do princípio de prazer ao princípio da constância, ou princípio de Nirvana. Até então, desprazer equivalia a excesso de tensão psíquica, enquanto prazer era o alívio dessa tensão, o que, logicamente, aproximaria ambos os princípios ao objetivo da pulsão de morte, no sentido de que o alívio completo da tensão (ou tendência a zero) seria a realização do objetivo de retorno ao estado inanimado.

Entretanto, Freud detecta alguns problemas oriundos dessa suposição. O primeiro deles é o fato de nem toda excitação corresponder à sensação de desprazer, claramente o caso de uma excitação sexual. Então, constata: não há possibilidade de se definir prazer e desprazer somente pela via quantitativa, havendo um fator qualitativo envolvido.

Prossegue em seu raciocínio, concluindo: não há equivalência entre princípio de Nirvana e princípio de prazer.

O princípio de Nirvana é aquele cujo principal fator é quantitativo, tendendo à redução máxima de excitação e, por isso mesmo, sendo representante da pulsão de morte. O princípio de prazer, vinculado a uma noção qualitativa do prazer, estaria intimamente relacionado às exigências libidinais, ficando clara a sua relação com Eros. O princípio de realidade estaria, a partir de Eros, em relação às demandas do mundo externo, com a importante contribuição de possibilitar um adiamento momentâneo da satisfação, bem como algum grau de tolerância ao desprazer.

Adentrando o campo do masoquismo, Freud (1924a/1976) faz uma importante diferenciação de sua manifestação em três tipos: masoquismo erógeno, masoquismo feminino e masoquismo moral. O primeiro, erógeno, é basal, definido pela obtenção de prazer no sofrimento e é comum aos outros dois tipos de masoquismo, devendo sua origem ser relacionada a fatores constitucionais. Já o terceiro, masoquismo moral, intimamente relacionado ao sentimento de culpa ou necessidade de punição, pode ser claramente percebido nas dinâmicas entre eu e supereu, conforme será discutido à frente.

Para a questão explicitamente relacionada à perversão, a novidade está na definição de Freud do tipo que chamou de masoquismo feminino. Valas (1990) comenta que é frequente o equívoco em relação a esse conceito, confusão oriunda de uma leitura deturpada, que atribui a Freud uma suposta equivalência entre a posição feminina e o masoquismo, ou mesmo que a forma feminina de satisfação é masoquista perversa. Entretanto, a leitura atenta do texto freudiano aponta para algo absolutamente diverso do que essas deduções feitas a partir do nome dado por Freud a esse tipo de masoquismo.

Apesar de chamar o fenômeno de masoquismo feminino, Freud (1924a/1976) atribui a sua manifestação a homens cuja impotência sexual está intimamente relacionada a

fantasias com vasto repertório de espancamento e maus tratos a si mesmo, culminando com uma satisfação sexual pela via masturbatória, ou mesmo pelo desempenho real de tais fantasias.

“Os desempenhos da vida real de pervertidos masoquistas harmonizam-se completamente com essas fantasias, quer sejam os próprios desempenhos levados a cabo como um fim em si próprio, quer sirvam para induzir potência e conduzir ao ato sexual.” (Freud, 1924a/1976, p. 202).

A denominação deste tipo de masoquismo é explicada por Freud pelo fato de o indivíduo colocar-se sempre em posições tipicamente femininas, posições que de alguma maneira representam algo sobre ser castrado, ser copulado ou dar à luz. Mas também é enfatizada por Freud a semelhança em relação a uma posição infantil, como se o masoquista buscasse ser punido tal qual uma criança travessa, buscando essa punição para um sentimento de culpa expresso nas fantasias como algum crime cometido, pelo qual devesse ser punido. Nesse último sentido, o masoquismo feminino apresenta algo do masoquismo moral.

O masoquismo feminino está intimamente relacionado ao erógeno, pois indica que há prazer no sofrimento e, neste caso, prazer sexual. O masoquismo erógeno é constatado da seguinte maneira: a libido, responsável por abrandar a potência da pulsão de morte, o faz ao destinar a agressividade para fora do organismo, sendo a via sexual uma das maneiras por meio das quais isso ocorre, o que se percebe na cota de sadismo presente em todo ato sexual. Entretanto, outra parte dessa pulsão de morte permanece dentro do organismo e, quando há excitação sexual, continua presa, libidinalmente investida. A essa parte de libido que investe a pulsão de morte denomina-se masoquismo erógeno ou primário. O masoquismo primário, então, demonstra que houve uma fusão pulsional desde o princípio da vida, já que, permanecendo um resto da pulsão de morte dentro do organismo, tal resto torna-se um componente libidinal e tem o eu enquanto seu objeto. E há, ainda, a possibilidade de um

retorno do sadismo ao organismo, um masoquismo secundário que se somaria ao masoquismo primário.

O verdadeiro masoquismo sexual perverso é comumente atribuído ao masoquismo feminino (Gerez-Ambertín e col, 2012). Tal interpretação é possível por causa da aproximação que Freud (1924a/1976) faz entre ambos, quando atribui ao uso das fantasias, tanto para fins masturbatórios, quanto para realização em ato, as únicas formas com que os homens ditos masoquistas femininos conseguem sair da impotência. Ou seja, a questão da exclusividade de uma via para se atingir o gozo sexual se faz presente enquanto essencial.

Ainda, se tomarmos a própria noção de Freud sobre a perversão enquanto realização de algo que, para o neurótico, é acessível apenas em fantasia, pode-se entender certa equivalência entre masoquismo feminino e masoquismo perverso. Laplanche e Pontalis (1998) chegam a afirmar que a descrição de masoquismo feminino é a essência da perversão masoquista. Entretanto, Valas (1990) entende que Freud realiza, aqui, sob o conceito de masoquismo feminino, uma distinção entre uma pessoa masoquista, a partir de suas fantasias, e dos perversos masoquistas, que as vivenciam na realidade. É como se a posição infantil, articulada por Freud no masoquismo feminino, tivesse mais a ver com a fantasia de um neurótico vinculada à atividade masturbatória, conforme proposto em 1919, em “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais”.

De qualquer forma, para além das divergentes interpretações sobre o que postula Freud ao referir-se ao masoquismo feminino, não se pode negar a grande contribuição que o conceito traz, na medida em que enfatiza que há algo da satisfação libidinal envolvido nessa forma de sofrimento. A questão que se coloca é a seguinte: seria essa uma das possíveis interpretações acerca da noção proposta por Freud (1940a/1975) de um *uso desvantajoso da libido* (p. 175), ao tornar prazeroso algo relativo à destrutividade? Eros, ao invés de tornar a pulsão de morte inócua, estaria erogenizando a pulsão de morte, o que, de alguma maneira,

estaria tornando-a ainda mais poderosa? Se sim, o que justificaria tal fenômeno? É o que tentaremos responder com o auxílio da noção de supereu, intimamente relacionada ao terceiro tipo de masoquismo descrito por Freud, o moral.

3.1.3 – O supereu

Em “O ego e o id”, Freud (1923a/1976) postula uma nova tópica para o aparelho psíquico, já que a noção de inconsciente, pré-consciente e consciente apresentava limitações. Então, propõe a noção de isso, eu e supereu para descrever o aparelho psíquico. E, para este trabalho, é de extremo valor o desenvolvimento do conceito de supereu justamente por suas relações com o masoquismo, conforme será discutido a seguir.

O isso então é a instância mais primitiva do psiquismo, sede das pulsões, de origem filogenética, encontrando-se presente desde o nascimento. Daí tem-se uma dimensão da importância de tal conceito para Freud, já que é ao isso que atribui toda a força psíquica, instância essa regida pelas paixões, funcionando segundo as leis dos processos primários e princípio de prazer. É para o isso que vão os materiais recalçados, que são atraídos pelos conteúdos já inconscientes, o que configura a principal característica do isso: a de ser inconsciente.

Entretanto, à medida que o indivíduo precisa entrar em contato com a realidade, diante das percepções que dela tem e da necessidade de se adaptar minimamente a ela, parte do isso vai se diferenciando e se torna o eu. O eu é quem busca certa autopreservação, funcionando como mediador entre os impulsos do isso e os estímulos externos. Graças ao eu, há memória de experiências anteriores, bem como aprendizado a partir do que já foi vivido. O eu tende a funcionar, pelo menos em sua parte consciente, segundo os processos secundários e a partir do princípio de realidade. Entretanto, grande parte do eu também é inconsciente e, como tal, submete-se ao seu funcionamento, inclusive de acordo com o princípio de prazer. Na metáfora proposta por Freud, o isso e o eu teriam

relação semelhante à de cavalo e cavaleiro, respectivamente. O eu usa a força do isso, tal como faz o cavaleiro em relação ao cavalo, o guia, mas, no final das contas, o responsável por todo o movimento é o cavalo.

Sobre o supereu, não se pode afirmar que sua construção como conceito se deu somente em 1923. Foi este o momento em que foi assim nomeado, porém, desde muito antes, a noção de sua função aparecia na teoria psicanalítica. Já em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud (1914/1974) postula a existência de um agente psíquico da consciência, representado pelo ideal do eu, responsável por vigiar as atitudes daquilo que denomina eu real. Esse ideal do eu embasa toda a atuação vigilante da consciência e é transmitido ao indivíduo por meio da voz, oriunda das críticas dos pais. No texto “Luto e melancolia”, Freud (1917a/1974) também atribui a uma determinada “consciência” as funções de autocrítica e autorrecriminação, a partir de uma parte do eu que se separa, se voltando contra a outra parte do eu, que sofre todas essas autopunições.

Freud (1921/1976) volta a mencionar tal instância, do ideal do eu, pela via da identificação, no texto “Psicologia de grupo e análise do ego”, retomando o complexo de Édipo enquanto origem do processo. A partir do exemplo do Édipo do menino, traça detalhadamente o caminho da identificação. O menino apresenta muito interesse pelo pai, tomando-o como modelo a ser seguido. Entretanto, já tem a mãe como objeto de amor e isso se intensifica, até o momento em que passa a perceber o pai como um rival, dando lugar à ambivalência: ao mesmo tempo em que quer ser como o pai, gostaria de tirá-lo de cena para ficar exclusivamente com a mãe. A partir daí, o desfecho é imprevisível, podendo haver uma inversão do Édipo, o que quer dizer que o menino pode tomar o pai como objeto de amor e identificar-se com a mãe. Entretanto, a identificação com o pai é precursora e “(...) constitui a forma original de laço emocional com o objeto.” (Freud, 1921/1976, p. 136).

Outro ponto importante retomado por Freud (1921/1976) é relativo à divisão do eu na melancolia, em que uma parte do eu vocifera contra a outra, sendo a parte cruel aquela cuja consciência crítica é implacável. A parte do eu que foi alterada pela introjeção do objeto perdido é a hostilizada. A instância do ideal do eu é a parte responsável pela crítica que, para Freud, está presente em todas as pessoas, porém em alguns casos, como na melancolia, está presente de forma acentuadamente cruel.

Freud (1923a/1976) retoma a perspectiva de que há uma diferenciação dentro do próprio eu, a qual denominou antes ideal do eu, porém aqui tomando supereu por seu sinônimo. Mas, ressalta Rudge (1999), nem sempre se pode tomar os dois termos por equivalentes, pois Freud atribui ao ideal do eu, mais que ao supereu, as funções de censurar e punir, quando o eu não atinge o modelo. Para Julien (1984, apud Rudge, 1999, p. 2), essa diferenciação é velada em Freud, mas traz grandes consequências, na medida em que liga o ideal do eu à consciência moral, afastando-a de uma possível equivalência à noção de supereu. Sobre isso, há um trecho da Conferência “A dissecação da personalidade psíquica” que parece ser bastante esclarecedor:

“Resta mencionar mais uma importante função que atribuímos a esse superego [supereu]. É também o veículo do ideal do ego [eu], pelo qual o ego [eu] se avalia, que o estimula e cuja exigência por uma perfeição sempre maior ele se esforça por cumprir. Não há dúvida de que esse ideal do ego [eu] é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía.” (Freud, 1933a/1976, p.84).

Parece que, a essa altura, Freud realmente diferencia os conceitos, entretanto, coloca-os enquanto relacionados, fazendo do ideal do eu parte do supereu, o qual assume um aspecto rígido, muito influenciado pela questão pulsional envolvida.

Freud (1930/1974) vincula a severidade e intolerância do supereu de forma proporcional ao esforço da renúncia pulsional. Ou seja, o efeito da renúncia pulsional no que

diz respeito à consciência é assumido pelo supereu, em termos de agressividade contra o eu. A agressividade que deveria ter sido colocada para fora contra a primeira autoridade externa, a qual impediu a satisfação pulsional de forma direta, se volta para dentro, fortalecendo, de maneira invertida, a autoridade que foi internalizada.

As primeiras catexias objetais de um indivíduo são muito próximas a uma identificação, sendo que somente em um momento um pouco posterior, momento em que ainda há uma debilidade de força do eu, que as catexias oriundas do isso são diferenciadas pelo eu, que ou se sujeita a elas, ou as recalca. Quando ocorre o abandono de um objeto sexual, há uma alteração egoica muito próxima a uma introjeção desse objeto, como claramente ocorre na melancolia, mas comumente acontece para todos. Freud atribui a formação do caráter no eu a essas catexias objetais abandonadas, variando, de pessoa para pessoa, o grau com que cada caráter se submete ou não às influências dessa ordem. Essa alteração que ocorre no eu é também uma forma de tentar dominar o isso, ainda que, para tanto, o eu precise se submeter, na medida em que se torna semelhante ao objeto antes investido pelo isso. O eu julga que somente assim, se identificando ao objeto, poderá ser amado pelo isso tanto quanto foi amado o objeto abandonado.

Nesse processo, há um retorno para o eu da libido que antes estava investida no objeto, havendo uma espécie de dessexualização dessa libido. Então, quanto mais primitiva tiver sido a identificação, mais forte ela será, bem como mais duradoura. Por isso, quanto ao ideal do eu, pode-se relacioná-lo a uma identificação aos pais que ocorreu muito primitivamente, de forma mais direta, sendo que essa identificação primária será, posteriormente, reforçada por outras identificações.

Ao retomar o complexo de Édipo, Freud (1923a/1976) atribui à sua dissolução a formação de um precipitado no eu, oriundo das identificações com o pai e com a mãe, sendo que a preponderância de uma ou outra identificação será determinante para a disposição

sexual: ou seja, se o menino se identifica mais com o pai, tenderá a escolher objetos tais como a mãe e vice-versa. Entretanto, a formação dessa diferenciação se dá a partir dos precipitados dessas duas identificações unidas, formando o ideal do eu ou supereu. Porém, Freud é enfático ao apostar no efeito da primeira e mais primitiva das identificações na origem do supereu:

“Assim, temos afirmado repetidamente que o ego [eu] é formado, em grande parte, a partir de identificações que tomam o lugar de catexias abandonadas pelo id [isso]; que a primeira dessas identificações sempre se comporta com uma instância especial no ego [eu] e dele se mantém à parte sob forma de um superego [supereu] (...). O superego [supereu] deve sua posição especial no ego [eu], ou em relação ao ego [eu], a um fator que deve ser considerado sob dois aspectos: por um lado, ele foi a primeira identificação, uma identificação que se efetuou enquanto o ego [eu] ainda era fraco; por outro, é o herdeiro do complexo de Édipo e, assim, introduziu os objetos mais significativos no ego [eu].” (Freud, 1923a/1976, p. 64).

O supereu é, então, formado pelo que restou das primeiras escolhas objetais do isso, bem como pela força que agiu contra essas escolhas, o que dá origem ao seu caráter duplo. Enquanto relaciona-se com o eu fornecendo a ele um modelo ideal a ser seguido, é também ele quem recalca o complexo de Édipo, usando a força do pai punitivo internalizado para tanto. Pode-se pensar que quanto mais forte foi o Édipo, mais atuante e repressivo precisou ser o supereu, o que, segundo Freud, é a causa do sentimento inconsciente de culpa. Daí seu caráter compulsivo, tal qual o imperativo categórico (Freud, 1923a/1976) de Kant (Freud, 1924a/1976).

É comum, no meio psicanalítico, o uso recorrente da máxima freudiana que diz que “o superego [supereu] é herdeiro do complexo de Édipo” (Freud, 1923a/1976, p.64) para definir o supereu. Entretanto, pouco se enfatiza sobre uma importante faceta: a de ser o representante do isso, constituindo, assim, a expressão de seus mais poderosos impulsos e

destinos libidinais. Enquanto o eu representa o mundo externo, o supereu representa o isso, o que também explica o porquê de tamanha força. Nas palavras de Freud (1923a/1976):

“O que pertencia à parte mais baixa da vida mental de cada um de nós é transformado, mediante formação do ideal, no que é mais elevado na mente humana pela nossa escala de valores.” (p. 51).

É importante também ressaltar que, caso o complexo de Édipo não tenha sido devidamente “dominado” pelo eu, toda a catexia, antes envolvida no complexo, participará da formação reativa do ideal de eu, tornando-o mais investido pelas forças do isso. Daí, inclusive, o motivo do supereu permanecer inconsciente, inacessível ao eu. “O superego [supereu] acha-se sempre próximo do id [isso] e pode atuar como seu representante *vis-a-vis* no ego [eu]” (Freud, 1923a/1976, p. 65).

É por essa via que se pode compreender a associação que Freud faz do supereu à pulsão de morte, tendo em vista que toda a agressividade que deveria estar sendo colocada para fora do organismo encontra, quando da formação do supereu, um lugar interno para executar a autodestruição (Freud, 1940a/1975). Isso claramente aparece na melancolia, por meio da punição sem fim ao eu por parte do supereu. Não saindo do organismo pela via do sadismo, a agressividade retorna contra o próprio eu de forma implacável, “cultura pura da pulsão de morte” (Freud, 1923a/1976, p.70).

Para explicar a tamanha intimidade que o supereu pode ter em relação à pulsão de morte, Freud lança mão do seguinte argumento: há uma des fusão pulsional ao final do Édipo, des fusão essa oriunda da dessexualização que ocorre para que a identificação aconteça. Para que haja a introjeção dessas catexias abandonadas, é necessário que elas percam seu caráter libidinal, e o componente erótico, que antes estava unido à agressividade, perde-se. Daí a origem de tamanha crueldade por parte do supereu. Então, o eu, que tentou pela via da identificação driblar o isso e manter controle sobre a libido, corre o risco de tornar-se alvo da fúria do supereu e da força de seu imperativo “- Farás!” (Freud, 1923a/1976, p. 71), além de

ficar completamente vulnerável à ação da pulsão de morte, uma vez que Eros perde sua função protetora.

Freud, também em relação à parceria do supereu com a pulsão de morte, traz à tona a questão da reação terapêutica negativa, – o fato de alguns pacientes piorarem seus sintomas durante o tratamento – que denuncia que há algo contrário à melhora, algo próximo a um sentimento de culpa que acaba por se satisfazer com a doença. Esse fator “moral” é novamente abordado por Freud no ano seguinte, quando discute o terceiro tipo de masoquismo.

3.1.4 – O masoquismo moral

O masoquismo moral tem como principal característica um distanciamento aparente da sexualidade, sendo que o que se busca é o sofrimento em si. Porém, Freud (1924a/1976) parte de uma desconfiança sobre o fato de o nome “masoquismo” não ter sido alterado para se referir a esse tipo de pessoa, uma vez que a sexualidade parece estar desvinculada. Seria possível acreditar em um masoquismo que não envolvesse satisfação sexual?

Pela via do exemplo do tipo de pacientes que apresentam reação terapêutica negativa, Freud (1924a/1976) prossegue propondo a existência de uma necessidade de punição, subjacente a um sentimento inconsciente de culpa. O eu jamais consegue atingir o modelo de seu ideal e, por isso, o supereu se torna cada vez mais exigente e cruel. Diferente dos casos de reação terapêutica negativa, no caso do masoquismo moral há um importante papel da posição do eu, que age para ser punido, não importa se pelo supereu ou por figuras externas. Ou seja, há uma tendência do eu em buscar sofrimento: “(...) o verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha a oportunidade de receber um golpe.” (1924a/1976, p. 206).

A explicação de Freud reaproxima o masoquismo moral da sexualidade: ocorre quando a moralidade é novamente sexualizada, como que em uma regressão ao complexo de Édipo. Dessa forma, sempre buscando a punição, esse tipo de masoquista, ainda que tenha preservado o senso ético, tende a realizar “o que é desaconselhável, agir contra seus próprios interesses, arruinar perspectivas.” (1924a/1976, p. 211). Além disso, pode-se supor que parte da agressividade que não saiu do organismo aparecerá no eu, sob forma de intensificação do masoquismo erógeno, o que, em termos de efeito, se assemelha muito ao sadismo do supereu para com o eu.

Freud (1924a/1976) faz aqui uma importante ressalva: há uma diferença entre casos em que o indivíduo tem uma “ultramoralidade” e os masoquistas. Enquanto no primeiro caso é o supereu sádico a causa do conflito, no segundo trata-se de um eu masoquista em busca de punição, de forma inconsciente. Mas, no final das contas, sadismo do supereu e masoquismo do eu se unem na produção dos mesmos efeitos: sofrimento ao eu. Porém, ao contrário do que ocorre com a defusão pulsional, que está na base da formação do supereu, o masoquismo é justamente aquilo que aponta para a fusão entre pulsão de morte e Eros, justamente porque a autodestruição traz satisfação libidinal.

Diante disso, constata-se que masoquismo, em qualquer uma de suas formas, é um conceito radicalmente ligado à sexualidade, sendo “união entre a destrutividade dirigida para dentro e a sexualidade, união que transforma aquilo que, de outro modo, é uma tendência imperceptível, numa outra conspícua e tangível.” (Freud, 1930/1974, p. 142). Rudge (1999) defende que Freud promove o masoquismo a uma posição fundamental, na medida em que o desprazer pode se tornar um alvo pulsional. Nesse sentido, o supereu torna-se a via pela qual se atinge uma satisfação perversa, por se tratar de uma forma de satisfação regressiva e a serviço de uma pulsão destrutiva.

Interessante notar que, mais uma vez, Freud busca no modelo da perversão explicações para o que está além dela. Uma das formas com que Freud o faz é ao aproximar o supereu da perversão; primeiro, por associá-lo a uma crueldade sádica para com o eu; segundo, por denunciar a satisfação masoquista do eu, quando passa a visar ser castigado e punido.

Isso também ocorre quando Freud recorre ao masoquismo para explicar um fenômeno comum da clínica psicanalítica com neuróticos, a reação terapêutica negativa, momento teórico em que aproxima a neurose da perversão sem deixar claros os limites de uma ou de outra. Somente em 1933, Freud (1933b/1976) faz uma breve diferenciação entre sadismo e masoquismo na neurose e na perversão, atribuindo abertamente à questão da necessidade de serem exclusivas enquanto objetivo em si nas perversões, recorrendo aos argumentos daquela que é a primeira e mais generalista perspectiva de Freud sobre o assunto. Enquanto na neurose ou na “normalidade”, mesmo havendo doses de sadismo e de masoquismo na relação sexual, não se obtém a satisfação exclusivamente por essa via.

Percebe-se que não há, em Freud, um abandono da posição que adota nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1989). Mas o que parece é que as ideias esboçadas no referido texto passam a ter um valor secundário quando em comparação a outros vários fatores, tais como a passagem de cada sujeito pelo complexo de Édipo e a complexa questão da formação do supereu. Neste sentido, não há como se falar em perversão sem levar em consideração o dualismo pulsional, ou as fusões pulsionais, as quais demonstram que há, nesses casos, a libidinização de tendências destrutivas. A questão da exclusividade de um único modo de satisfação sexual não esgota a compreensão da perversão, portanto. Há algo envolvido no processo em si, no modo de como isso é constituído, que deve ser cuidadosamente abordado, na medida em que também está envolvido na neurose, porém em graus diferentes.

Não parece ser possível acreditar que haja um rompimento com o que até então fora discutido sobre a perversão. As primeiras e preciosas formulações de Freud sobre o fato de a fantasia neurótica ser essencialmente perversa, sobre a importância da fixação libidinal para a constituição da perversão, ou mesmo sobre a questão da exclusividade de uma única via para a obtenção da satisfação sexual, em nada parecem contradizer as conclusões da diferente perspectiva forjada por Freud para dar conta de conceitos como pulsão de morte e supereu pela via do masoquismo. Prova disso está no capítulo III do “Esboço de psicanálise”, quando Freud (1940a/1975) volta a utilizar-se da teoria da fixação libidinal a fases anteriores para definir a perversão, mesmo depois de percorrer todo um complexo caminho teórico.

Talvez se deva pensar que suas primeiras formulações são o que mantém a perversão como afastada da neurose na perspectiva freudiana, apesar de que, ao utilizar-se do masoquismo para explicar a pulsão de morte e as relações do eu com o supereu, Freud demonstra o quanto essa divisa pode ser tênue. E mais: a perspectiva de um masoquismo primário constituinte só reforça a antiga concepção freudiana de que a perversão está universalmente na origem. O que determinará sua continuidade ou a transformação em uma neurose na vida adulta dependerá de uma combinação de fatores, de origens filogênicas e ontogênicas. Há de se supor que haja diferenças individuais constitucionais, em termos de magnitude pulsional, além de diferenças na forma como o indivíduo atravessa complexo de Édipo, oriundas da própria história de vida.

Entretanto, se Freud utiliza-se da perversão em tantos momentos para explicar questões relativas à neurose, uma questão permanece intocada: se o supereu do neurótico tende a ser sádico, cruel e imperativo, o supereu do perverso segue essa mesma tendência?

Serão utilizadas, a partir de agora, as contribuições da teoria de Lacan sobre o supereu e seus enlacs com a perversão, na tentativa de se estabelecer um possível caminho para construção de uma resposta à última questão formulada.

3.2 – As contribuições lacanianas para a perversão a partir da perspectiva do supereu

Freitas e Rudge (2011) defendem que a teoria lacianiana do supereu fornece continuidade à proposta freudiana sobre sua ferocidade e violência, se impondo ao sujeito de forma a lançá-lo para um modo de funcionamento masoquista. Então, se para Freud (1923a/1976, p. 71) o imperativo categórico do supereu se faz presente por meio do ideal ditatorial: “- Farás!”, Lacan (1971/2009, p. 166) relê a proposta freudiana, substituindo tal imperativo por “- Goza!”, ordem essa sempre impossível de satisfazer.

Para a compreensão dessa proposta lacianiana e de suas possíveis articulações com a perversão, é necessária uma breve retomada sobre como Lacan aborda o conceito freudiano da pulsão de morte, ou seja, pela via da noção de gozo. No seminário “A ética da Psicanálise”, momento em que Lacan (1959-1960/1997) começa toda uma teorização sobre isso, a qual não será abandonada até o fim de seu ensino, atribui ao gozo uma relação íntima com a pulsão de morte, já que gozar é relativo a uma satisfação pulsional.

A renúncia pulsional, proporcionada principalmente a partir da lei edípica, instaura a questão do desejo, enquanto aquilo que faltou para que a satisfação se desse por completo. Para além da questão do desejo, está o gozo, enquanto esse “a mais”, esse excesso que convoca para uma repetição, pulsão de morte. Miller (1985/1997), comentando a proposta de Lacan, aproxima bastante o gozo da pulsão de morte em Freud, no sentido de que gozar é estar além do princípio de prazer, ou seja, é ultrapassar o desejo, estar para lá da renúncia pulsional. Parte do gozo está submetida ao regime do prazer, porém ultrapassa seus limites, gerando um desprazer oriundo desse excesso, como ocorre no caso da dor.

É uma proposta interessante, no sentido de que abre a possibilidade de compreensão do gozo como uma satisfação pulsional excessiva, com tendência a zero, próxima da pulsão de morte freudiana. Enquanto que a renúncia de parte dessa satisfação

pulsional, que insere a dimensão da falta, deixa o nível do desejo próximo do da pulsão de vida. E isso sem que sejam noções estanques, já que, de tão próximas, chegam a se confundir, principalmente quando se leva em consideração a dimensão egoica de prazer.

Porém, pode-se perceber que essa aproximação com a pulsão de morte pelo conceito de gozo em Lacan se dá pela via da intimidade relacional entre as pulsões de vida e de morte: jamais separadas, sempre fundidas, variando apenas a proporção de uma ou de outra em determinada fusão. Portanto, o gozo implica também uso da libido em conjunção com a pulsão de morte (Miller, 1989/1997). A proposta de Miller é a de que o gozo, em Lacan, seria o nó das duas pulsões, nó de prazer e dor, o que se assemelharia à definição de mal-estar em Freud. É como se houvesse uma clivagem na libido, que gera uma satisfação paradoxal, obedecendo às duas pulsões.

Posteriormente em seu ensino, Lacan (1968-1969/2008) abordará a questão da renúncia pulsional pela via do que denominará “objeto *a*”, noção intimamente vinculada à perda resultante do encontro com a linguagem. A partir do momento em que o sujeito precisa do significante para se representar, deixa de ser idêntico a si mesmo, no sentido de que um significante não esgota tudo, um significante não é o sujeito.

Miller (1989/1997), sobre isso, enfatiza dois acentos possíveis dados por Lacan ao gozo: um anterior e outro posterior à castração, pensando a castração inicial aquela que se dá com o encontro com o Outro da linguagem. Ao adentrar a linguagem, há a perda de gozo, “castração primária”, que será ressignificada com uma castração secundária, de origem edípica, subordinada à primeira. Então, no encontro com o Outro da linguagem, o sujeito se divide e há uma perda, “cai” um resto não simbolizável, real, a saber, o objeto *a*. Para Lacan, então, a castração implica perda de gozo e isso em muito influenciará sua teorização sobre a perversão, conforme será discutido com a perspectiva do desmentido, no próximo capítulo.

Então, para o sujeito, o objeto *a* é aquilo de que ele teve que se separar para se constituir enquanto sujeito barrado para o gozo, na medida em que houve uma renúncia de satisfação pulsional. Pensando em termos de pulsão parcial, o objeto *a* da pulsão anal são as fezes; da escópica, o olhar; da pulsão invocante, a voz. Ou seja, são os objetos que foram perdidos em relação a um gozo primordial e mítico, e que justamente por isso, são objetos causa de desejo, por se remeterem àquilo que faltará para sempre (Lacan, 1962-1963/2005).

O gozo perdido, cujos efeitos o neurótico denuncia a todo instante por meio da formação sintomática, foi proibido e a compulsão à repetição neurótica visa restabelecê-lo. A repetição acontece sempre em busca do (re)encontro faltoso. Então, para esse “menos”, oriundo da renúncia ao gozo, há de se supor que o sujeito procure um algo a mais enquanto compensação (Lacan, 1969-1970/1992).

Para Lacan (1969-1970/1992), a compulsão à repetição neurótica é uma tentativa de retorno ao gozo e isso articula o gozo à pulsão de morte. Freud (1920/1976) havia postulado que a repetição é o que se encontra além do princípio de prazer. Na neurose, o gozo obtido na satisfação paradoxal do sintoma é sentido como um mal-estar, sendo disso exatamente que o indivíduo se queixa. Enquanto na perversão, o gozo é completamente desvelado, exposto (Lacan, 1968-1969/2008), o que demonstra que há algo que interessa mais ao perverso do que o bem-estar, perseguido pelo princípio de prazer; o prazer passar a ser um obstáculo na busca do gozo (Miller, 1985/1997). Pode-se supor, então, que há uma diferença básica entre como se apresenta o gozo para neuróticos e perversos, por causa da união de mal-estar e prazer obtidos pelo gozo.

A partir dessa proposta lacaniana, retornando a Freud, tem-se uma questão. Se na neurose o prazer está do lado de Eros e o mal-estar do lado da pulsão de morte, ambos abarcados pelo gozo na proposta de Lacan, na medida em que se trata de uma fusão pulsional, há de se pensar que para a perversão isso é sentido egoicamente de forma diferente? É como

se o mal estar, ou mesmo o sofrimento na neurose, aparecesse para proteger o indivíduo de se colocar à disposição da pulsão de morte, da tendência ao zero do psiquismo. Isso porque há vinculação do princípio de prazer a algo de qualitativo, sentido como prazeroso no eu, além de simplesmente quantitativo (econômico), segundo Freud (1924a/1976), o que parece não acontecer na perversão.

Aqui cabe uma pergunta: estaria em vigor também para a perversão esse aspecto qualitativo do prazer, proposto por Freud em “O problema econômico do masoquismo”? Parece que, na perversão, há uma predominância do prazer apenas sob o aspecto quantitativo de redução de tensão, o que deixa o perverso bastante próximo da tendência à satisfação completa, meta da pulsão de morte. E se o supereu freudiano é um representante do isso, origem das pulsões, é necessário que esteja incluído nessa lógica também na perversão.

3.2.1 - A questão do supereu em Lacan e sua relação com o masoquismo

Freud (1923a/1976) atribui ao mito do pai da horda a herança filogenética na participação do isso na formação do supereu. A partir dessa relação feita por Freud, é preciso que se compreenda a leitura de Lacan (1959-1960/1997) sobre esse mito freudiano, que o leva à constatação de que é a interdição do gozo que funda a lei, e não o contrário. Retoma a noção freudiana proposta em Totem e Tabu (Freud, 1913/1974), que estabelece que as duas principais leis familiares (não matar o pai e não ter relações sexuais incestuosas) têm suas origens no mito do pai primevo. O assassinato, pelos filhos, do pai da horda, onipotente, aquele a quem tudo era permitido – neste sentido, era o pai gozador – denuncia que o gozo dos filhos foi interdito: matar o pai não permitiu a eles que gozassem de forma desmedida, pelo contrário, matá-lo proporcionou, sim, um reforço da interdição que o mesmo fazia em vida, em ato.

Devido à ambivalência de sentimentos dos filhos por esse pai da horda, que era amado e admirado, apesar de também odiado, após a união dos irmãos para o seu assassinato, houve um reforço da lei pela via do sentimento de culpa oriundo desse amor inicial. Então, o pai morto tornou-se ainda mais forte do que era quando vivo, na medida em que sua morte reforçou a lei simbolicamente.

Indo um pouco além da formulação freudiana, apesar de utilizar-se dela, Lacan (1959-1960/1997) enfatiza, pela via do supereu, um paradoxo: ao tentar interditar o gozo por meio da lei moral – a qual para Freud é o imperativo categórico do supereu - tal lei acaba se tornando veículo para o gozo, justamente porque se impõe enquanto imperativo. Além disso, enquanto o sujeito recua diante de seu gozo, submetendo-se a uma lei, seguindo, por exemplo, o mandamento “Amarás teu próximo como a ti mesmo”, há de se esperar um retorno dessa renúncia enquanto agressividade contra o próprio eu, acentuando a força do supereu.

A constatação lacaniana é a de que “(...) amar meu próximo pode ser a via mais cruel” (Lacan, 1959-1960/1997, p. 237), já que é uma via superegoica. E isso se sustenta a partir de Freud (1930/1974), que enfatiza que o supereu não se enfraquece ao contabilizar sacrifícios: ao contrário, quanto mais sacrifícios, mais insaciável o supereu se torna, mais exigente é. A essência do supereu, cuja origem está nesse pai primordial, pai do gozo puro, pai não castrado, é a de dar ordem de gozo, ordem impossível de realizar, mas que está intimamente ligada à consciência moral (Lacan, 1971/2009). Por isso, para Lacan, o supereu não é quem proíbe, mas sim aquele que impele ao gozo (Miller, 1985/1997).

Apesar de reconhecer que há uma intimidade entre supereu e consciência moral, a tese lacaniana é a de que há certa separação entre ambos: “É possível que o supereu sirva de apoio à consciência moral, mas todos sabem muito bem que ele nada tem a ver com ela no que se refere às suas exigências mais obrigatórias.” (Lacan, 1959-1960/1997, p.371). Engana-se quem acredita que obterá alívio ao submeter-se à lei moral, já que essas sempre se

tornarão mais cruéis, forma pela qual o supereu constantemente atua, posto que a lei moral apoia o gozo. Afinal, só há pecador quando estabelecido o pecado, ou seja, só pode ser transgredida a lei que já está em vigor. Deste lado estaria, portanto, a já assinalada por Freud relação do supereu com o imperativo categórico de Kant.

Lacan (1966 [1963]/1998) acrescenta a essa perspectiva do gozo em sua relação com o supereu freudiano uma proposta ousada: conjuga as máximas de Kant e de Sade, ressaltando que a verdade de Kant encontra-se justamente naquilo que parece ser o seu oposto, o que é proposto por Sade. Tomando Kant por representante da lei moral pura e Sade por representante do desejo puro, ambas posições absolutas, Lacan (1966 [1963]/1998) demonstra a íntima relação da lei e do desejo, uma conjugação entre aparente e velado. De certo modo, novamente aparece o ensino freudiano acerca da neurose enquanto negativo da perversão, na medida em que a proposta lacaniana passa pela demonstração da moral sadeana recalçada na moral de Kant.

Lacan argumenta que, por mais que Sade faça apologia à transgressão, ao crime, isso é possível justamente porque leva a lei em conta, por estar submetido à lei, ainda que acredite que não. Nesse sentido, a moralidade também se encontra em Sade. A título de ilustração, Lacan (1972-1973/2008) brinca com a escrita do nome “Sade” (p. 93), propondo a possibilidade do isso, em francês (*ça*), na leitura de seu nome: *cade*. Essa intimidade com o pulsional, com o isso, é também o que o deixa mais submetido ao supereu enquanto imperativo de gozo. A posição de Sade é a típica da perversão, no sentido de que teve o acesso à lei, passou pela castração, mas insiste em recusá-la, nem que isso custe a própria posição de sujeito.

O que Sade proclama em termos de desejo puro, ou de direito ao gozo, acaba se tornando um dever de gozo, o que tira completamente a possibilidade de uma posição de divisão subjetiva, típica da neurose. No Seminário “Mais, ainda”, Lacan (1972-1973/2008)

retoma essa questão de forma a relacioná-la diretamente ao supereu. Ter direito ao gozo está bem distante de ter o dever de gozar e quando se está neste nível, de dever gozar, se está sob comando do supereu.

Não em vão, o lugar do agente na fantasia sadéana está mais próximo do de objeto, de instrumento de gozo, ao invés de estar próximo do lugar de sujeito. Não há, nesse sentido, possibilidade para que algo permaneça no nível da insatisfação, por isso é tão difícil pensar a categoria “desejo”, tal como tida nas neuroses, no caso de Sade. Se aparece algo do desejo, no sentido daquilo que aponta para o essencialmente insatisfeito, para a falta, para a divisão, logo a proposta sadéana é de que o que há é vontade de gozo, e, mais, de fazer o Outro gozar. Entretanto, sem perceber que essa estratégia é defensiva. Diz Lacan (1962-1963/2005) em seu Seminário sobre “A angústia”:

“Mesmo na perversão, na qual o desejo se dá como aquilo que serve de lei, ou seja, como uma subversão da lei, ele é, efetivamente, suporte de uma lei. Se há uma coisa que hoje sabemos do perverso, é que aquilo que aparece externamente como uma satisfação irrefreada é uma defesa, bem como o exercício de uma lei, na medida em que esta refreia, suspende, detém o sujeito no caminho do gozo. A vontade de gozo no perverso, como em qualquer outro, é uma vontade que fracassa, que depara com o próprio limite, seu próprio freio, no exercício mesmo do desejo.” (p.166).

Outro ponto que merece destaque é o fato de Lacan tomar Sade como exemplo de um modo de gozo o qual denomina sadéano, e não sádico, apontando para uma diferença entre os dois termos. E o faz a partir da fantasia, o que torna claro que a obra sadéana pode servir como paradigma da fantasia da perversão, que é invertida em relação à fantasia neurótica. Na fantasia sadéana, há uma recusa de se ocupar o lugar do sujeito dividido, a quem falta algo e que, portanto, foi submetido à castração. Por isso, a fantasia sadéana é a de

colocar-se como objeto que restituiria ao Outro, suposto sujeito dividido, esse gozo a mais, perdido.

Lacan (1962-1963/2005) aposta ainda mais longe: se o perverso, em termos de sua fantasia, crê que busca o gozo desse Outro, crê que pode dar-se ao Outro enquanto instrumento, não sabe, porém que o que de fato busca é a angústia do Outro. Fazer faltar a falta no Outro, tamponar o desejo do Outro é o que o perverso busca de fato. Isso demonstra que apesar de um aparente “saber-fazer” com o gozo, da aparente “subversão da conduta apoiada num saber-fazer” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 93), há algo sobre a própria perversão que o perverso desconhece: que o que realmente o mobiliza é a falta do Outro e responde a isso com sua tentativa recorrente de tamponá-la, gerando angústia. Percebe-se que aqui, mesmo estando mais adiantado em seu ensino, Lacan não abandona as ideias iniciais sobre a perversão no tocante ao Édipo, quando o menino coloca-se como o objeto que falta à mãe. Entretanto, a ênfase aqui parece ser a questão do gozo; pulsional, portanto.

Ao diferenciar sadismo de masoquismo, apesar de abordar em determinado momento ambos pela via da pulsão parcial sado-masoquista, Lacan (1964/1998) enfatiza bem que a questão geralmente suposta em Freud ao masoquismo pela sua relação com a passividade e do sadismo com a atividade é “puramente gramatical” (p. 188), já que, no final das contas, a pulsão é sempre ativa. O perverso masoquista trabalha muito, ativamente, para se colocar desta forma; nas palavras de Lacan, “trabalha feito um burro” (p. 189). E longe de haver uma reciprocidade, ou uma relação complementar entre sádico e masoquista, Lacan aposta que o sadismo nada mais é do que uma denegação (*Verneinung*) do masoquismo. Neste sentido, Lacan é fiel ao que Freud percebeu a partir de 1920: o sadismo é secundário ao masoquismo.

Apesar de todo o percurso feito por Lacan a partir da obra de Sade, curiosamente, é pela via do masoquismo que ele destaca de forma mais notória a aproximação

do perverso com a posição de objeto, já que é essencialmente aí que ele busca ser tratado como objeto de forma declarada, o que muitas vezes significa uma busca pela posição de dejetivo. Neste sentido, pode-se perceber que o masoquismo é paradigmático enquanto a posição do perverso por excelência, segundo as elaborações lacanianas. E, seguindo o próprio Freud, não se pode pensar em masoquismo sem certa relação com o supereu. Daí a importância de localizarmos a função do supereu nesse modo de gozo.

Mais à frente em seu ensino, ao referir-se ao masoquismo, Lacan (1968-1969/2008) o faz de forma a enfatizar a voz enquanto aquilo que não pode faltar e que vem para tamponar o buraco do Outro. O masoquista necessita que o Outro fale, visando a voz desse Outro, para que esse objeto *a* “voz” seja o suplemento de gozo do Outro. O sádico, por sua vez, tenta completar o Outro ao impor-lhe sua própria voz. Daí nota-se, mais uma vez, a não reciprocidade entre ambos, que jamais farão parceria, já que é necessário um não querer da parte do Outro. A suposta parceria sado-masoquista não funciona na perversão; ao masoquista, é muito importante que seu parceiro goze maltratando-o, ou seja, não sinta prazer nisso, mas sim mal estar. O mesmo vale para o sádico em sua parceria.

Lacan permanece enfatizando a questão da voz enquanto o objeto *a* procurado pelas perversões masoquista e sádica e retoma também a importância da voz na constituição do supereu, conforme sondado por Freud. Na parte II de “O ego e o id”, Freud (1923a/1976) ressalta a função que os resíduos verbais oriundos das percepções auditivas têm em termos de constituição psíquica, enquanto material inconsciente. O que se ouve é de extrema importância, no sentido de ser esse tipo de percepção externa o primeiro tipo de estímulo sensorial a ser incorporado pelo psiquismo. Em outros momentos, Freud atribui à noção do supereu a “voz da consciência” (1914/1974), ou aquele que “vocifera” (1921/1976).

A partir dessa semente lançada por Freud, Lacan complementa que a questão do supereu está intimamente relacionada ao objeto *a* “voz”. Neste sentido, há autores (Gerez-

Ambertín, 2009; Gerez-Ambertín & col., 2012) que tomam como uma proposição lacaniana que o supereu, em si, pode ser tido como um objeto *a*, na medida em que corresponde à satisfação da pulsão invocante. Lacan (1968-1969/2008) atribui ao supereu uma voz pura, como suporte da articulação significante, que pode ser instaurada ou não no lugar do Outro, de forma perversa ou não. Há de se supor, primariamente, um certo masoquismo comum a todos na relação com o supereu, no sentido de se fazer vítima para esse supereu feroz e consistente, contra o que não há o não. Neste sentido, “a esse *Goza*, só posso responder (...) *eu ouço*.” (Lacan, 1962-1963/2005, p.91-92), demonstrando o fundo mortífero de tal imperativo.

Gerez-Ambertín (2009), a partir de uma leitura de Freud e de Lacan, propõe que há uma diferença entre um masoquista perverso e um “modo de vida masoquista” na relação com o supereu. No segundo caso, há o auxílio da metáfora paterna – neste sentido, aquilo que é herdado do complexo de Édipo pelo neurótico – para abrandar os imperativos do supereu, já que é um recurso neurótico para manter-se no nível do desejo, da castração, da ordenação simbólica, dentro dos limites do princípio de prazer. Há na neurose uma culpa – que em Freud aparece como sentimento inconsciente de culpa, ou mesmo necessidade de punição – que coloca a relação do neurótico com o supereu mais próxima de uma articulação significante. Essa articulação significante é o que permite a instauração de uma demanda neurótica, destinada ao Outro, de amor. Em termos freudianos, o eu passa a querer ser amado pelo supereu, o que justifica todo o seu esforço. Não sem sofrimento, já que isso pode resultar em sintomas típicos desse conflito com o supereu, como, por exemplo, o caso de um indivíduo que precisa se boicotar para ficar mal, por não poder ser bem sucedido na vida.

Entretanto, na perversão, não estão em cena os efeitos protetores da angústia de castração, pela insuficiência da metáfora paterna, conforme será discutido no próximo capítulo. Essa falha simbólica não põe em jogo o acesso à própria falta, nem ao desejo, restando apenas a dimensão do gozo absoluto – gozo absoluto que remete aos caprichos do

Outro materno, sem lei, segundo Miller (2009). É justamente isso que dá consistência à voz pura, enquanto objeto *a* desvelado, desvinculado da castração, isolado da demanda de amor. Não aparece enquanto culpa e remete sempre ao sem limite. Na perversão, o supereu é a expressão rígida de um imperativo primitivo, tomado pelo isso, sem os benefícios de abrandamento oriundos do Nome-do-Pai, ou do não-do-pai. É um supereu pulsional, real, sem a dimensão da falta, sem a moderação do princípio de prazer.

Em resumo, a contribuição lacaniana para a questão do supereu na perversão está na ênfase de que ele existe de forma muito mais rígida e feroz do que na neurose. Se há uma dose de masoquismo para todos, na perversão esse masoquismo é a principal via, justamente porque encontra no supereu o reforço imperativo para a execução da satisfação pulsional de forma desarticulada da demanda, do desejo enquanto falta. O supereu é, mais do que nunca, representante do isso e da pulsão de morte, na medida em que o gozo é fundamental para a perversão, estando além da regulação do princípio de prazer. E tudo isso por conta da falha simbólica ocorrida por não haver um uso benéfico da metáfora paterna.

Como explicar essa suposta falha simbólica na perversão? Para tanto, é necessário que se recorra a outra perspectiva, também mais específica, da perversão lançada por Freud: o mecanismo da *Verleugnung*, cujo paradigma está no fetichismo. É o que será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

TERCEIRA PERSPECTIVA FREUDIANA DA PERVERSÃO: O FETICHISMO

4.1- Breve retomada dos textos em que Freud aborda a perversão pela via do fetichismo

4.1.1- O fetichismo enquanto paradigma da perversão

Em uma importante passagem de um texto pouco posterior às cinco lições proferidas em 1909, “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”, Freud (1910b/1970) aborda pela primeira vez a questão da perversão por meio do fetichismo. Inicia o desenvolvimento de uma ideia que posteriormente, em “Fetichismo” (Freud, 1927/1974), será amplamente debatida: a do complexo de castração enquanto intimamente relacionado a esse tipo específico de perversão. Aqui, pela primeira vez, Freud acentua a importância que tem para o menino descobrir que a mãe, sua provável primeira escolha objetual erótica, não tem o pênis que nela supunha existir.

Na verdade, a atração que o menino sente por sua mãe está diretamente relacionada a este pênis suposto e, mediante a descoberta de sua ausência, caso tal época tenha sido de intenso investimento erótico, poderá deixar traços permanentes. O fetiche, então, é um símbolo substituto do pênis suposto à mãe. O órgão genital em questão deixaria, assim, sua marca de fixação, justamente por ter sido intensamente desejado pela criança. Entretanto, é no texto “Fetichismo”, de 1927, que Freud postula para esse tipo de perversão um novo mecanismo, para além do recalque.

Freud (1927/1974) retoma a ideia que iniciou em 1910, em “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”, que é a de compreender o fetiche enquanto substituto para

“(…) um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido.” (Freud, 1927/1974, p. 179). Este pênis, que deveria ter sido abandonado enquanto objeto catexizado, permanece, porém, sob forma de fetiche. O pênis de que se trata é o pênis da mulher, mais exatamente, o pênis materno. É como se o menino, ao constatar a ausência deste pênis suposto até então, tivesse uma reação de horror, na medida em que a castração materna remete à sua própria castração enquanto possibilidade.

Então, há uma diferença de vicissitudes para a ideia e para o afeto neste caso, sendo o destino para o afeto a via da já conhecida concepção do recalque (*Verdrängung*), enquanto que para a ideia faz-se necessário o uso de uma nova palavra: desmentido³ (*Verleugnung*). É interessante notar que a ideia dessa percepção é desmentida, recusada, mas não completamente. É como se houvesse uma formação de compromisso entre o percebido, altamente desagradável, e a força exercida contrariamente pelo desejo de que isso não existisse, tudo obedecendo às leis do processo primário. O resultado desse compromisso funciona como uma espécie de triunfo sobre a ameaça de castração, além de uma forma de defesa contra ela: o fetiche. O indício da parte que foi recalçada é detectado pela aversão que os fetichistas sentem dos órgãos genitais femininos.

Outra questão abordada por Freud (1927/1974) é relativa ao motivo que faz de um objeto o fetiche, em um caso específico. Postula que há uma interrupção da memória diante do evento traumático e a última impressão anterior à memória traumática é retida, na condição de tornar-se o fetiche. Então, o fetiche é sempre uma cristalização, um congelamento do último momento em que a mãe podia ser tida como fálica.

³ Neste trabalho, optamos preferencialmente pelo uso da tradução “desmentido” para *verleugnung*, por entendermos que seu sentido se aproxima mais da ideia freudiana de que há uma recusa seguida de algo a ser colocado no lugar do que foi recusado, a saber, o fetiche. Neste sentido, o fetiche desmente a castração da mãe. Entretanto, será respeitado o termo escolhido por cada autor, quando citado.

No fetichismo, pode-se supor que há sempre um duplo movimento, uma afirmação seguida de uma rejeição, algo que remete a uma divisão. Afinal, a percepção da castração feminina permanece consciente, o fetichista sabe muito bem que não há falo na mulher. Entretanto, há uma outra corrente que nega isso veementemente, a ponto de necessitar de que algo esteja ali, no lugar do que falta.

4.1.2 – Clivagem do Eu (*Ichspaltung*) e fetichismo

Em “Divisão do ego no processo de defesa” (1940b/1975), texto extremamente rico, apesar de inacabado, Freud retoma a questão do fetichismo, porém a partir da perspectiva do eu. Interessante notar que essa ideia já estava, em essência, presente na obra freudiana, quando na Conferência XXII (1917e/1976) ele discute sobre uma certa complacência do eu nos casos de perversão, no sentido de não levar ao recalque, como se não existisse conflito psíquico entre pulsões sexuais e pulsões do eu. Volta a desenvolvê-la aqui, ao postular a existência de uma espécie de fenda ou divisão no eu (*Ichspaltung*).

Trata-se do seguinte: o eu de uma criança, sob influência de exigência pulsional forte, acostumado a satisfazê-la, de forma súbita constata que há perigo real caso continue permitindo esse tipo de satisfação. Restam duas possibilidades: renunciar à satisfação pulsional, ou rejeitar a realidade, de forma a permanecer promovendo a satisfação. Podemos supor que no primeiro caso, teríamos uma neurose; no segundo, uma psicose.

Porém, a atenção de Freud volta-se aos casos em que o eu da criança não opta por nenhuma das soluções em específico, mantendo as duas reações de forma eficaz. Parte do eu reconhece o perigo e outra parte recusa-se a ceder diante de uma proibição. Ou seja, parte da pulsão se satisfaz diretamente, porém outra parte recua diante da realidade ameaçadora. Esse tipo de “solução engenhosa” (Freud, 1940b/1975, p. 309) só se sustenta devido a uma divisão no eu, que não se cura, apenas aumentando com o passar do tempo.

São duas reações contrárias ao conflito e simultâneas, possíveis graças a essa fenda no eu. Freud (1940b/1975) utiliza o exemplo de um menino que esteve em contato com a visão dos órgãos genitais femininos em torno de 3 ou 4 anos de idade, por meio de “(...) sedução por menina mais velha.” (p. 310). Permaneceu em suas práticas masturbatórias após a interrupção das relações com a menina, mas foi ameaçado de castração por sua babá quando surpreendido, ameaça essa que foi atribuída ao pai enquanto agente castrador.

Diante desse susto, e sabendo da existência dos órgãos femininos (já castrados), era de se esperar que o menino cedesse de sua habitual forma de satisfação e obedecesse à proibição. Entretanto, isso não aconteceu, pois o menino criou um substituto para o pênis feminino – um fetiche – rejeitando a realidade, poupando-se, assim, da ameaça contra o próprio órgão. Prosseguiu com suas práticas masturbatórias, não renunciando à sua forma usual de satisfação.

Nesse caso, apesar de parecer algo da exclusão da realidade, mecanismo da psicose, há algo de diferente: o fetiche não é uma alucinação positiva, não é da ordem da percepção. O que acontece com o fetiche é um deslocamento de valor, de importância do pênis para qualquer outro objeto ou parte do corpo, o que é efetivado com o auxílio da regressão. O fetiche, entretanto, não o protegeu da formação do sintoma: passou a sentir medo de ser punido pelo pai. Esse último trecho do incompleto texto de Freud nos deixa uma importante dica sobre a compreensão do mecanismo de defesa da perversão fetichista frente à castração: há uma divisão do ego, parte cedendo aos perigos da realidade, abrindo mão de certa cota de satisfação pulsional direta; outra parte não cede aos apelos da realidade, não abrindo mão da satisfação direta, criando um substituto para o pênis faltoso da mãe como prova de que a castração é desmentida.

Queiroz (2004) propõe a noção de dupla negação na neurose, a partir da assertiva “a neurose é o negativo da perversão”. Se o mecanismo da *Verleugnung* é da

percepção, pode ser entendido como anterior ao recalque. Na perversão, há uma primeira negação – que também é o que a diferenciaria do mecanismo da forclusão (*Verwerfung*), típico da psicose, segundo a leitura lacaniana. Porém, na neurose, há também uma segunda negação, que seria o recalque da ideia, o que justifica, inclusive, o fato de as fantasia neuróticas serem tipicamente perversas.

Ainda sobre esse caso de fetichismo citado por Freud para exemplificar a fenda no eu, Valas (1990) enfatiza que há, sim, um recalque na perversão. “A regressão tópica designa que o fetiche é apenas o retorno de uma representação recalçada no próprio movimento do desmentido” (p. 103). Tomando a proposta do autor, pode-se supor que há o recalque da castração materna, desmentida. Mas quanto à própria (possibilidade de) castração, houve um mascaramento: a angústia de ser castigado pelo pai, por meio do medo de ser por ele devorado – claramente um componente oral - dá indícios de que houve uma regressão.

Essa interpretação de Valas parece problemática e necessitaria ser desenvolvida, já que não há possibilidade de se tomar a regressão enquanto prova da existência de um recalque. Conforme discutido no primeiro capítulo, a regressão está presente também na perversão, em que os pontos de fixação libidinal são ainda mais fortes e atraentes, e a proposta de Freud é a de que o recalque é o principal fator diferencial entre neurose e perversão. Além disso, o texto freudiano não trata o fetiche como retorno de uma representação recalçada, o que o aproximaria muito de um sintoma. É importante ressaltar que ao mencionar a regressão neste caso específico, Freud não a relaciona à produção do fetiche, mas sim à produção do sintoma fóbico na criança.

Contudo, no “Fetichismo” (1927/1974), Freud admite que o destino do afeto diante da castração materna é o recalque, ainda que o da ideia seja o desmentido. Diante dessa lacuna deixada pelo texto incompleto de Freud, e longe de uma pretensão de resolvê-la por completo, nossa hipótese é de que há uma parte da corrente sexual submetida ao recalque, que

é a responsável pela formação sintomática no sujeito fetichista. Porém, no que se refere ao fetiche, este corresponde à parte de representação da castração materna, submetida ao mecanismo do desmentido, funcionando sempre como a prova de que não há castração feminina e, portanto, não há possível castração para o sujeito. Se na neurose há também o recalque dessa representação, o destino é outro no fetichismo. Por isso o argumento freudiano (Freud, 1927/1974) de que o fetiche, na situação de análise, será sempre uma descoberta subsidiária, no sentido de que nunca é sintomatizado pelo perverso – dele, do fetiche, o perverso nunca se queixará.

O fetiche não é um sintoma, não é o retorno do recalcado, e nisso há uma diferença radical entre o fetichismo, enquanto uma perversão, e a neurose. Não há conflito em relação ao fetiche, muito pelo contrário: ele é a garantia de que a realidade pôde ser, em certa medida, recusada, desmentida. O fetiche é a prova de que não houve renúncia pulsional diante da proibição, mas sim, deslocamento do objeto de satisfação. É um triunfo no sentido de não ter se submetido completamente em termos de finalidade pulsional.

Na Parte III, Capítulo VIII de “Esboço de Psicanálise”, Freud (1940a/1975) retoma a questão do eu enquanto desenvolvido na medida em que precisa se relacionar com a realidade externa. Quando há um afrouxamento dessa relação, é sinal de que o eu se reaproximou do isso, algo como se a diferenciação que deu origem à unidade egoica tivesse sofrido um abalo. Menciona alguns casos de psicose para se referir à divisão do eu, no sentido de que passam a existir duas correntes: uma que leva em conta a realidade e outra que atende às pulsões, desligando o eu da realidade. Caso a segunda corrente esteja mais forte, há um caso de psicose.

Entretanto, tal mecanismo de divisão do eu também se encontra presente na neurose e na perversão. Para falar sobre isso, novamente Freud usa a perversão fetichista. Há uma negação da percepção da ausência de pênis nas mulheres, constatação que remeteria,

inevitavelmente, à sua própria possível castração. Porém, não há uma completa ausência de influência dessa negação nesses casos, já que parte do corpo ou outro objeto passam a obter o valor simbólico do pênis, sendo tais objetos sempre algo que realmente foram vistos no momento em que houve o trauma da visão dos órgãos genitais femininos. Foram esses objetos vistos que se tornaram apropriados à substituição simbólica.

Aqui, Freud apresenta um desenvolvimento relevante para a separação dos conceitos de divisão do eu e de fetiche. Segundo as palavras de Freud (1940a/1975, p. 232):

“Ora, seria incorreto descrever este processo, quando o fetiche é construído, como divisão do ego [eu]; ele é uma conciliação formada com a ajuda do deslocamento, tal como aquela com que nos familiarizamos nos sonhos.”.

O fetiche, então, é construído com o objetivo de proteger do temor da possibilidade da castração, na medida em que destrói a prova de sua existência nas mulheres. Está ali, presente, no lugar da falta, no lugar do falo ausente. Ou seja, a divisão do eu no fetichismo não é relativa à construção do fetiche. Nisso, propriamente na construção do fetiche, não há divisão, mas sim deslocamento.

A fenda egoica aparece quando se nota a ação de duas premissas contrárias que atuam simultaneamente, sem se influenciarem. Essas duas correntes são: negar o que se percebe, a saber, que falta o pênis à mulher; e reconhecer a percepção dessa ausência e tirar conclusões corretamente. Há uma recusa e um reconhecimento, o que é indicativo de uma divisão do eu. O grau da importância do fetiche para o indivíduo será relativo à força maior de uma ou outra corrente.

Freud (1940a/1975), neste momento, aproxima essa questão da divisão egoica também das neuroses, quando há duas atitudes contrárias em relação a um comportamento específico. Uma das atitudes pertence ao eu, e a contrária é recalcada, passando ao isso. Em relação ao fetichismo, a “(...) diferença é topográfica ou estrutural” (p. 234). Se há uma negação de parte do mundo externo percebido (desmentido?) ou se há a rejeição de um

impulso pulsional (recalque?), nunca há completo sucesso na defesa do eu. Afinal, sempre se tratam de atitudes contrárias que atuam simultaneamente, sendo que a mais fraca, apesar de aparentemente ter se submetido à ação da mais forte, continua levando a complicações psíquicas.

Safatle (2010), a partir do conceito freudiano de divisão do eu, enfatiza que a clivagem a que se refere Freud não é em relação às instâncias psíquicas, mas sim de uma instância específica: o eu. São, então, dois tipos de organização dentro de uma única instância, que atuam concomitantemente, rompendo com a unidade imaginária do eu. Deve-se ressaltar que não se pode tomar a clivagem do eu somente em termos de “parte consciente” e “parte inconsciente”. Inclusive, o fato de o eu ter partes conscientes e inconscientes foi percebido por Freud mais precocemente, o que foi declaradamente um dos motivos que o impulsionou para a elaboração da segunda tópica.

A divisão do eu de que se trata é de outra ordem. É de grande importância a diferenciação feita por Freud, ressaltada por Green (2010), de que, no desmentido, o eu se divide porque parte dele cede à vontade de ignorar a percepção de uma informação de origem externa, que é a castração materna. Então, é diferente da divisão do eu que ocorre a propósito da neurose, que implica uma reação a um estímulo interno, e diferente da divisão do eu na psicose, relativa ao rechaço à realidade. Valas (1990) sugere que o que Freud visava, para além da clivagem do eu, era a dimensão da divisão subjetiva que é, justamente, efeito da castração. Essa perspectiva será discutida adiante, levando em consideração as elaborações lacanianas.

O que se pode concluir, apesar das lacunas que o tema apresenta, é que Freud postula que há divisão do eu nos casos de psicose, de neurose e de perversão, justamente porque as defesas egoicas não conseguem abolir completamente as ameaças ao eu. De alguma maneira, há sempre uma parte do eu que se rende à ameaça e a ela se junta, retornando à vida

psíquica de outra forma. Entretanto, são divisões diferentes, que remetem a organizações distintas. No caso da psicose, a divisão é relativa à perda da realidade, com a tentativa de restabelecê-la por meio de delírios e alucinações. Na neurose, relaciona-se ao recalque, com a formação do sintoma, que é claramente uma formação de compromisso. E não é diferente na perversão fetichista: a clivagem está relacionada ao desmentido, o que é seguido pela formação do fetiche. Em todos os casos, o isso aparece enquanto vitorioso absoluto, provando que a suposição egoica de unidade organizadora nada mais é do que ilusória. No final das contas, o eu é uma instância sempre cindida.

4.2- Desenvolvimentos posteriores a partir das ideias de Freud acerca da *Verleugnung*

4.2.1 – A *Verleugnung* como desautorização

Figueiredo (2003) aborda a questão da *Verleugnung* pela via da dimensão temporal e processual do psiquismo, mecanismo não exclusivo da perversão fetichista. Isso significa que o que se recusa não é exatamente a percepção, mas o que viria depois dessa percepção, em termos de simbolização, o que está bastante de acordo com a proposta freudiana de *Verleugnung* da ideia. O desmentido não se dá em relação ao fato percebido e ao seu significado, mas sim em relação ao que se poderia concluir a partir do percebido. Para o autor, esse mecanismo é uma forma de manutenção de uma certa posição subjetiva da qual não se abre mão.

A percepção permanece, mas é desmentida, no sentido de recusar, ou negar, a simbolização do que foi percebido. O autor sugere que o termo “desautorização” transmite bem essa noção, pois tal artifício consiste em romper com a continuidade de novas percepções, a partir daquela percepção especial. Então, quando uma percepção é

desautorizada, é porque perde sua eficácia enquanto aquela que levaria a uma determinada cadeia perceptiva, o que ocasiona um prejuízo na capacidade de metaforização.

Na verdade, Figueiredo (2003) relaciona essa desautorização a uma esquiva da percepção de ordem traumática, porém, no sentido da desautorização dessa transitividade perceptiva, há uma tendência de retorno aos antecedentes da experiência traumática sem que possam ser elaborados, já que não passaram por simbolização. O autor propõe algo que vai além da proposta freudiana, que essa desautorização acontece não apenas para os fetichistas, mas também em casos em que, na prática clínica, percebe-se que o sujeito sabe, porém não consegue operar uma retificação de posição, o que é ilustrado pelo exemplo da posição subjetiva assinalada por Mannoni (1969/1973): “Eu sei, mas mesmo assim...” . Segundo Mannoni (1969/1973), só pode haver o “mas mesmo assim” porque antes houve um “eu sei”, ou seja, há a percepção do fato, porém uma espécie de negação da crença no fato, o que está completamente de acordo com a conceituação freudiana de *Verleugnung*.

O interessante dessa perspectiva é a ênfase ao fator da transitividade como sendo desautorizado, mais do que a percepção em si. A defesa constitui-se, então, em um congelamento, com aspecto de “superpercepção”, porém sem a significância, a exemplo das lembranças encobridoras de Freud. Ou seja, são “pseudopercepções”, pois escondem e mantêm escondido o que é realmente relevante, como ocorre com o fetiche, que esconde a falta do pênis materno, interrompendo, assim, a cadeia que levaria à percepção da ausência do pênis na mulher e antecipação da própria castração. O fetiche, no lugar do que preenche a falta, supõe um excesso de percepção, de modo a funcionar como aquele que obtura, que completa. Daí sua função de fixar a atenção, segundo o autor. Ao fixar no fetiche, desvia a atenção do principal, no sentido de impedir que haja a progressão das correntes de percepções implicadas no caso.

Essa perspectiva fornece uma contribuição ao que se discutiu sobre o termo freudiano “fixação”. Para Freud, a fixação refere-se a um resto pulsional parcial que permaneceu noutra fase, anterior, servindo de ponto de atração para os movimentos de regressão das correntes que prosseguiram, e tais pontos são muito mais intensos na perversão do que na neurose (Freud, 1917e/1976). Mas Freud (1917b/1976) também aborda a fixação pela via do trauma, que igualmente põe em jogo o aspecto econômico, aqui muito mais vinculado à experiência de “excesso” (p. 325) vivenciado em determinada situação ou cena do que no primeiro sentido, de fixação em fases de desenvolvimento libidinal. Ainda, segundo Celes (1995), a experiência de excesso de que se trata no trauma é essencialmente de ordem sexual.

A cena da percepção da castração feminina é, sem dúvida, traumática para o fetichista e isso o leva a repeti-la, de maneira diferente da do neurótico. Isso porque a intensidade desse trauma gera, nas palavras de Freud, o horror e a necessidade de comprovar sempre, a cada nova ameaça, que há algo (o fetiche) no lugar daquilo que falta à mãe (o falo). Além disso, há de se considerar que isso se dá por um deslocamento de valor, nos termos de Freud, do pênis materno ao fetiche, o que Lacan (1956-1957/1995) aborda sob o conceito de metonímia.

Então, trata-se aqui de uma fixação a uma determinada cena traumática, cuja repetição na vida do sujeito não tem como objetivo elaborar ou tentar controlar, como sugere Freud em relação à repetição neurótica: aqui, a repetição é para triunfar sobre a falta, desmenti-la. E Figueiredo (2003) enfatiza bastante essa questão da inviabilidade de elaboração neste mecanismo usado por Freud para explicar o fetichismo, pois elaborar implica simbolizar, metaforizar, assumir a ausência da coisa. Como há essa divisão do eu, parte dele reconhece, porém parte não. O processo não se dá de forma completa, há o tamponamento da falta com a presença do fetiche, logo a função da elaboração será para sempre comprometida.

Daí a fixação tão rígida na cena, intimamente relacionada à pulsão de morte, no sentido de promover simplesmente repetição, retorno ao que já aconteceu, sem possibilidade de construção de algo novo. Por causa disso, serão discutidas as possibilidades de análise de um sujeito perverso no próximo capítulo.

4.2.2 – Contribuições lacanianas sobre a *Verleugnung*

Lacan (1956-1957/1995), no seminário em que aborda a relação de objeto, retoma o fetichismo a partir da perspectiva freudiana no que diz respeito à ambiguidade que o fetiche representa: a castração feminina assumida e, ao mesmo tempo, negada. E o horror frente à castração faz da criação do fetiche um triunfo, ou mesmo um troféu. Acrescenta a noção de metonímia enquanto intimamente relacionada à estrutura perversa, já que é da dimensão histórica, por meio da fixação em uma imagem, que o sujeito retira o fetiche. Neste momento, Lacan (1956-1957/1995, p.148) define por metonímia “(...) dar a escutar alguma coisa falando de uma coisa completamente diferente.” Daí a relação deste conceito laciano com o conceito de deslocamento em Freud. A eleição do fetiche se dá por um congelamento imediatamente anterior ao que a criança busca na mãe, presença-ausência do falo, semelhante à lembrança encobridora de Freud enquanto algo que congela e interrompe a cadeia histórica, velando aquilo que ficou ausente a partir de então. Ao se pensar no fetiche, é necessário se pensar nesse ponto de interrupção na história capturado em uma imagem. Mais uma vez, a proximidade da perversão com o imaginário na teoria laciana é ressaltada.

Neste momento de sua teorização, Lacan traz uma questão de extrema importância: como articular o que se sabe sobre o fetichismo, sobre estar intimamente relacionado ao complexo de castração, mas, ao mesmo tempo, estar tão vinculado às questões pré-édipicas, no sentido de que a criança percebe a mãe enquanto fálica justamente nesses momentos anteriores ao Édipo? Lacan (1957-1958/1999) responde retomando a importância

da relação imaginária que a criança tem com sua mãe nos períodos primitivos, momento em que a mãe é Outro todo-poderoso, onipotente, sem falta.

Então, na perversão, trata-se de saber sobre o falo, sobre como a criança se dá conta da falta dele em sua mãe, supostamente onipotente, sempre tendo em vista que o eu da criança está ligado a essa onipotência materna. Trata-se, na perversão, de um profundo conflito narcísico, que marcará a criança de forma que a castração retroaja sobre isso. Segundo a proposta lacaniana, conforme discutido no capítulo 2 do presente trabalho, a questão da perversão tem sua origem nos períodos pré-edípicos, já que esse é o momento em que o falo, enquanto objeto do desejo materno, vale mais. Além disso, não se pode deixar de ressaltar a posição de Lacan de que a angústia de castração marca todas as etapas de desenvolvimento da libido, já que há sempre um mau encontro, no sentido de traumático, do sujeito com a sexualidade. É justamente sobre isso, sobre esse encontro traumático com a sexualidade, que a castração retroage, de acordo com Lacan (1964/1998).

Aulagnier-Spairani (1967/2003), inspirada pela interpretação lacaniana, resalta que a recusa é uma solução dada pelo perverso frente à configuração edípica, sendo que o quê é recusado é a dimensão do horror frente à castração materna. O perverso transforma o horror em gozo. É como se demonstrasse, a cada repetição da cena perversa, essa cena inicial traumática, transformando o que foi da ordem do horror em fascinação, nem que para isso precise colocar o próprio corpo em jogo, ou o corpo do parceiro. A recusa é também uma recusa da realidade da diferença entre os sexos. Há uma reencenação na relação sexual da recusa dessa diferença sexual, o que denuncia um paradoxo: é justamente a castração que é preservada e invocada em cena na perversão e é por meio dessa encenação da castração que o perverso a anula.

Ainda segundo a autora (Aulagnier-Spairani, 1967/2003), há outra dimensão a ser abordada na perversão, que vai além de um mecanismo inconsciente da recusa: é a noção

do desafio, parte visível de todo o arranjo perverso. Esse comportamento consciente, que visa muitas vezes o escândalo, traz à tona o desvelamento daquilo que na neurose seria fantasia. E a questão do desafio está intimamente relacionada à lei, muitas vezes violada pela prática perversa. O perverso atribui a lei ao pai e, como recusa a palavra do pai, acaba por recusar também a lei. É como se a ineficácia da lei fosse, na verdade, uma ineficácia paterna, sendo que a única transmissão de saber ocorrida pela via da paternidade fosse sobre o gozo.

Aqui percebemos que a dimensão da herança filogenética do supereu, relativa à força do pai da horda, já abordada no capítulo 3, é retomada, porém sob uma perspectiva relacionada à perversão. O perverso, identificado ao pai primevo, gozador de todas as mulheres e proibidor do gozo dos filhos, é aquele que encarna a lei e, ao mesmo tempo, é exceção a ela, na medida em que não é submetido à castração. Então, o perverso, ocupando esse lugar daquele que não assume a castração tal qual o neurótico, não é afetado pela lei do desejo, reeditada, singularmente, na história edípica particular.

E, tendo em vista que o Nome-do-Pai é o organizador simbólico, via pela qual o sujeito neurótico se insere na dimensão da lei, Lacan atribui o funcionamento perverso a uma falha da metáfora paterna, o que deixa o sujeito imerso na dimensão imaginária (Queiroz, 2004). Isso é o que favorece a ação da tirania do supereu na perversão, devido ao efeito de enfraquecimento da função simbólica. Segundo a autora, Lacan mantém a *Verleugnung* enquanto mecanismo central, na medida em que promove o fetiche enquanto protetor contra a angústia de castração, já que faz parte de solução para a recusa da dimensão da falta materna ao presentificar um objeto ali onde não deveria haver nenhum.

Nota-se que Lacan faz uso do mecanismo do desmentido, próprio ao fetichista na concepção freudiana, como paradigma para todas as perversões sempre que as aborda de maneira claramente relacionada à castração: “(...) direi que o perverso é aquele que se consagra a tapar o buraco do Outro. (...) É um defensor da fê.” (Lacan, 1968-1969/2008, p.

245). Isso quer dizer que o perverso se esforça muito para continuar acreditando que não existe a castração e todo o seu trabalho se dá para manter a completude e consistência do Outro. É justamente esse raciocínio lacaniano, obtido a partir da tese freudiana do desmentido da castração materna, que subverte completamente a lógica popularmente atribuída à perversão, até mesmo entre correntes psicanalíticas, de que o perverso relaciona-se com o outro com desprezo, tratando o outro como objeto. Muito pelo contrário. Vejamos o porquê dessa subversão.

Todo o trabalho do perverso consiste em restituir o objeto ao Outro, na medida em que toma o outro por sujeito dividido. Isso nos dá a dimensão da resposta ambígua da perversão à castração: ao mesmo tempo em que a admite, a recusa, desmentindo-a. Então, se o perverso constata que algo falta ao Outro, imediatamente tampona essa falta. E se pressupomos que a falta é constituinte, comum a todos os sujeitos, percebe-se que o que o perverso recusa é justamente que é um sujeito.

Na medida em que desmente a falta no Outro, a recusa em si. E o seu desmentir consiste na tarefa árdua de tamponar essa falta do Outro, se colocando enquanto objeto. Reconhece a falta no Outro, coloca-se enquanto objeto para tamponá-la, supostamente restituindo, assim, a completude. Neste sentido, tomando o sadismo como exemplo, Lacan (1966[1963]/1998, p.789) diz: “(...) o sadismo rechaça para o Outro a dor de existir, mas sem ver que, através disso, ele mesmo se transmuda num ‘objeto eterno’ (...)”. Ou seja, coloca-se enquanto objeto visando suplementar o Outro que, na fantasia do perverso, é aquele que ocupa o lugar de sujeito.

Tudo isso, entretanto, não nos autoriza a concluir que o perverso abandona a condição de sujeito; apenas interroga o gozo porque acredita que pode restituí-lo a partir do lugar de objeto *a*, e faz isso somente na condição de sujeito. (Lacan, 1967 *apud* Fleig, 2008). Pode-se perceber certa continuidade, ou mesmo repetição, da posição do perverso em suas

parcerias com a posição que ocupou primordialmente na relação com a mãe, a de objeto complementar a mãe.

O perverso não admite que o Outro permaneça no campo do desejo, que é essencialmente insatisfeito; ele precisa que o Outro goze na completude, apagando a dimensão da falta, tão essencial ao desejo. Quinet (2004) ressalta a importância de que o perverso acredite que o Outro não sabe gozar, pois é justamente isso que o faz colocar-se no lugar daquele que, tanto sabe como, quanto o fará gozar, ao tentar restituir-lhe o objeto. Alberti (2005, p. 355) complementa: “(...) o perverso se utiliza do parceiro para mantê-lo no lugar do sujeito que padece enquanto ele se livra da divisão”. Essa manobra perversa se trata de um recurso frente ao intolerável da castração: o perverso, diante do horror do perigo da castração, precisa desmenti-la.

Daí a possibilidade de inversão para a fantasia: na neurose, a fantasia articula o sujeito dividido ao objeto, que sempre escapa, sendo uma fantasia de completude ($\$ \diamond a$), responsável pela sustentação do desejo. É a busca incessante do neurótico pelo objeto, que está para sempre perdido. Na perversão, a fantasia passa a associar o perverso na posição do objeto que se articula ao sujeito barrado, que é o Outro ($a \diamond \$$). Nas próprias palavras de Lacan (1964/1998), em um de seus momentos teóricos estruturalistas:

“(...) ao que chamei estrutura da perversão. É propriamente falando um efeito inverso da fantasia. É o sujeito que se determina a si mesmo como objeto, em seu encontro com a divisão da subjetividade.” (p.175).

Ou seja, mediante o encontro com a angústia de castração, que aterroriza o sujeito perverso, ele a rechaça completamente por meio de uma manobra que implica transferir toda a angústia para o Outro. Por isso é tão necessária a dimensão da divisão do Outro, para que o sujeito possa dela se livrar. É importante ressaltar que esse horror, para ele, é da ordem do insuportável, estando além da angústia de castração neurótica. Ou seja, o perverso precisa livrar-se dessa angústia a qualquer preço.

É por meio dessa perspectiva que Quinet (2004) explica que se pode diferenciar um neurótico, em ato perverso, de um perverso propriamente dito. O neurótico permanece um sujeito dividido, pois não visa causar divisão à vítima, enquanto o perverso precisa livrar-se dessa divisão, atribuindo-a ao Outro, para que assim possa tamponá-la. Então, o sujeito perverso faz-se de objeto, para que possa atribuir a divisão ao Outro, que nessa relação adota a posição de sujeito. Tudo isso para que possa restituir o objeto a esse Outro que, na condição de sujeito dividido, denuncia o insuportável: a castração. Restituindo o objeto, o perverso põe em ação o desmentido.

É importante ressaltar que, segundo Dor (2011), Lacan atrela a divisão subjetiva ao termo *Spaltung*, não se tratando do mesmo sentido atribuído por Freud, de uma divisão ou clivagem egóica. A divisão do sujeito em Lacan é referente à ordem simbólica, aquela que articula as relações do sujeito com o imaginário e suas questões egóicas, e com o real e suas questões pulsionais. Indo além dessa diferença entre clivagem do eu ou divisão do sujeito, Fleig (2008) propõe que é justamente por causa da modalidade de clivagem presente na perversão, a *Verleugnung*, que se torna possível esse efeito semelhante a uma dessubjetivação, que é essa habilidade de colocar-se na posição de objeto. Restituir esse gozo perdido ao Outro, fazendo-se de instrumento, é o que o perverso realiza.

Interessante notar que, para André (1995), essa restituição também pode ocorrer no âmbito da escrita ou da fala, na medida em que o sujeito quer “dizer tudo”, ou escrever tudo. Nesse sentido, visa ultrapassar a barreira daquilo que não se diz ou que se deixou de dizer, sempre perseguindo “(...) *um dito que não deixe nenhum resto.*” (p. 25). Dessa maneira, há uma tentativa de restabelecer um gozo, visando que o excesso deixe de existir enquanto esse resto que não foi dito. O autor aponta para isso ao citar Sade e sua relação com a escrita, que chega a levar seus leitores ao tédio diante das extensas narrativas, refletindo essa ânsia de dizer tudo, sem deixar sobras.

Ainda sobre o efeito entediante que a obra de Sade muitas vezes tem sobre seu leitor, Lacan (1959-1960/1997), usando os termos freudianos, assinala ser este tédio um indício da proximidade com a tendência ao zero do psiquismo, quando não está sob funcionamento do princípio de prazer, mas sim sob efeito daquilo que Freud propôs como estando além do referido princípio.

Os efeitos desse desmentido aparecem também na transferência, quando acontece de o perverso procurar uma análise. Afinal, como pode ser possível análise para aquele que não sintomatiza o fetiche, no sentido de não fazer enigma sobre sua possível significação? E mais: como estabelecer a transferência, já que o perverso apresenta-se como aquele que sabe sobre o gozo? E os riscos de uma transferência que faz um empuxo à divisão do analista? Afinal, “É em sua fala que o perverso começa a atuar”, (André, 1995, p. 43), e quanto a isso o analista deve estar advertido.

Para uma ilustração de como pode ser um perverso fetichista em análise, e como todo o seu “arranjo” se manifesta na relação transferencial, discutiremos um caso clínico publicado por Serge André (1995).

Aproveitaremos a discussão do caso clínico para abordar a dimensão da singularidade na perversão, já que, até então, traçamos o percurso do geral da categoria, passando pelas contribuições específicas do masoquismo e do fetichismo enquanto paradigma. Entretanto, quando o perverso procura análise, é necessário que se leve em conta a sua posição de sujeito e, portanto, aquilo que há de mais singular. Inclusive, propomos que a decisão de aceitar ou não um perverso em análise se sustentará, em muito, a partir dessa singularidade. É o que discutiremos a seguir.

CAPÍTULO 5

CLÍNICA E PERVERSÃO: ENTRE O UNIVERSAL DA CATEGORIA E A SINGUARIDADE

5.1- A perversão e a clínica psicanalítica

Freud (1927/1974) é direto ao dizer que, comumente, a descoberta do fetichismo é subsidiária em um tratamento psicanalítico. Isso abre para uma pergunta: se o perverso não procura um tratamento para seu fetiche, já que isso não lhe gera sofrimento diretamente, quando é que chega a procurar análise?

Toda a construção teórica aqui retomada, iniciada por Freud e continuada por grandes psicanalistas posteriormente, explica o porquê de toda essa dificuldade de se encontrar perversos em análise. Pode-se pensar, inicialmente, pela perspectiva da ausência de mal estar frente ao próprio modo de gozo, por exemplo. Ou mesmo pelos reflexos práticos desse *modus operandi* oriundo da relação do perverso com a castração, que o faz lutar eternamente para sustentar que não é um sujeito dividido, conflituoso. Pode-se até relacionar que o já referido “eu complacente” do perverso o isenta de ao menos tentar se responsabilizar pelo seu modo de gozo, na medida em que este é tido como irresistível, mais forte do que, muitas vezes, qualquer mínimo desejo que seja contrário ao imperativo a que está submetido.

Entretanto, não é possível esgotar a questão da perversão somente pela via de uma generalização, por aquilo que há de universal na categoria. Antes, há de se supor que algo da singularidade está presente em cada sujeito. Há, sim, algo do universal, ressaltado neste trabalho nas perspectivas desenvolvidas pela teoria psicanalítica para dar conta de um determinado modo de se posicionar frente às questões do desejo e do gozo, arranjo esse que

chamamos de perversão pelo que apresenta em comum com outros casos. É justamente esse modo de se posicionar, ou esse arranjo psíquico típico da perversão, que nos leva a considerá-los, todos os perversos, como integrantes de um só grupo, diferenciado do da psicose e do da neurose.

Entretanto, há de se levar em consideração a importância da questão da singularidade, do caso a caso. Afinal, não são incomuns situações em que se detecta toda uma combinação de fatores que poderiam favorecer o aparecimento de uma perversão, mas algo acontece e rompe com as expectativas teoricamente estabelecidas. Ou mesmo o contrário, há casos de perversão que aparecem em situações que poderiam, teoricamente, ser originárias de uma neurose.

Lacan (1956-1957/1995), por exemplo, ao se referir ao caso do pequeno Hans, de Freud, em determinado momento aponta para uma possível “escolha” do sujeito entre neurose e perversão fetichista: Hans se interessa pela calcinha da mãe somente na medida em que a mãe a usa, mas poderia muito bem ter passado a se interessar pela calcinha enquanto fetiche, já que, em termos edípicos, apresentava uma estrutura que poderia levar a uma perversão, mas que, por razões insondáveis, o levou a uma fobia. O próprio Freud (1940b/1975) discute essa questão do artigo sobre “A divisão do ego no processo de defesa”, quando aponta para uma saída esperada para aquela criança diante da ameaça de castração, saída tipicamente neurótica de renunciar, ao menos em parte, à antiga forma de satisfação. Entretanto, Freud enfatiza, a criança não cedeu de sua posição e encontrou outra saída, se tornando fetichista.

São exemplos que demonstram a importância de se creditar valor ao que há de relativo à singularidade, ao caso a caso. Há que se levar em consideração que há algo da “insondável decisão do ser” (Lacan, 1966 [1946]/1998, p.179) em um momento crucial para o psiquismo, respeitando a noção de que não se trata de uma escolha consciente, mas sim de

algo que se aproxima de uma escolha forçada. Um exemplo dessa perspectiva encontra-se na triangulação edípica, como demonstram as palavras de Lacan (1957-1958/1999):

“Vocês sempre constatarão, na experiência, que o sujeito posicionou-se de uma certa maneira, num momento de sua infância, quanto ao papel desempenhado pelo pai no fato de a mãe não ter o falo. Esse momento nunca é elidido.” (p. 191).

E isso também deve se aplicar à prática clínica com a perversão, na medida em que se pode escutar, pela própria posição singular do sujeito, o que ele pretende obter de uma análise. É pela forma com que o sujeito se posiciona frente à própria perversão, o que não deixa de ser relativo ao tanto que o sujeito se responsabiliza ou não por ela, que se pode ter uma resposta a ele frente a uma demanda de análise.

Sobre isso, Miller (1989/1997) propõe que há uma dimensão ética, singular, portanto, envolvida na procura de um perverso por análise: “O perverso vem à análise quando ele não se desculpa daquilo que não pode se impedir de fazer” (p.338). Ou seja, Miller defende que há casos em que, por mais que o perverso obtenha satisfação no seu modo de gozo, estritamente sexual, obtém também um mal estar, justamente porque apresenta consigo a questão de ser responsável, em alguma medida, por ceder ao imperativo ao qual não consegue resistir. Não resiste, executa, porém sente-se mal.

Não seria esse mal estar justamente o que testemunha a presença de uma divisão egoica como fonte de um conflito que pode ser muito mais intenso do que aparece no neurótico, por exemplo? Pensando sob esse aspecto, poderia um analista estabelecer enquanto regra sempre negar receber em análise um perverso, mesmo quando há sofrimento com o seu próprio modo de gozo? Discutiremos a questão por meio do exemplo do caso clínico a seguir.

5.1.1 - O fetichismo de Blaise

Trata-se de um caso publicado por Serge André (1995) de uma perversão fetichista que, entretanto, chegou à análise pela via de um sintoma tipicamente neurótico: uma

conversão. No entanto, o fetiche acabou sendo, como alertou Freud, “uma descoberta subsidiária”.

Blaise procurou a análise por ter duas queixas: uma dor oriunda de uma nevralgia facial, no lado esquerdo do rosto, e uma angústia invasiva. O analista resolveu aceitar a demanda, tendo em vista o imenso sofrimento pelo qual Blaise passava e somente cerca de um ano depois foi constatado o fetichismo.

De antemão, André (1995) relata a imensa dificuldade do tratamento, relativa às questões transferenciais oriundas da forma característica de um perverso se relacionar. Além disso, questiona os efeitos de uma análise para um perverso, já que, no caso em questão, houve uma espécie de cristalização ou, pode-se mesmo dizer, de aceitação sem conflitos de um *modus operandi* perverso.

Blaise apresentou, a princípio, uma transferência maciça em relação ao analista, o que acabava o deixando em pânico durante as sessões, marcadamente sofridas. Uma possível razão para tanto talvez esteja no fato de o perverso acreditar na existência de um Outro consistente, sem falhas. O analista, além de ocupar a posição de alguém a quem Blaise supunha um saber, ocupava, naquele início de análise, um lugar bem próximo à onipotência, imagem essa que aterrorizava o já angustiado Blaise.

A história da infância foi a seguinte: filho nascido tardiamente, quando o casal parental já tinha outros vários filhos adolescentes, e morte do pai quando tinha cinco anos de idade. Com a morte do pai, os irmãos acabaram saindo de casa e coube à Blaise permanecer com sua mãe. Uma crise financeira acabou os deixando numa relação de cumplicidade muito mais forte. Aqui temos indícios de uma triangulação edípica tipicamente atribuída a um fator importante na etiologia do surgimento de uma perversão: um filho em relação íntima e quase inseparável da mãe, e um pai que pouco fez enquanto portador da interdição para essa relação.

Em relação à morte do pai, de causa velada, foi uma descoberta analítica que a causa havia sido o suicídio. Interessante ressaltar que um dos medos que Blaise relatava sentir, quando chegou à análise, era o de se matar, diante do insuportável de sua dor. Aqui, André aponta para uma possível busca por uma identificação paterna. Percebe-se, entretanto, que essa identificação era frágil e ineficaz, porém, em algum grau, existente. O pai não cumpre a função simbólica completamente, mas algo dele está presente, marcando esse sujeito. Segundo a escuta de seu analista, o suicídio não estava de fato em seus planos.

A nevralgia facial foi tomada enquanto um sintoma conversivo diante da ausência de um diagnóstico preciso, mesmo com a investigação criteriosa de diversas especialidades médicas. Além disso, a dor evoluiu, durante a análise, para um “caminho” que não tinha correspondência com nenhum trajeto nervoso. Este era um dos principais critérios que auxiliava Freud (1893/1990) a diagnosticar conversões histéricas, em uma época em que pouco se tinha em termos de tecnologia aplicada à medicina. Conhecedor de anatomia que era, percebia que as manifestações histéricas eram somáticas, porém não orgânicas. Talvez influenciado pela concepção de que uma conversão, na condição de sintoma, aparece enquanto o retorno de um recalque, o analista tentou iniciar um trabalho de decifração, ao perguntar sobre a origem e possíveis causas do sintoma. Blaise, então, estabeleceu uma relação de causalidade entre o conteúdo das fantasias masturbatórias que tinha e as dores.

Isso aconteceu quando Blaise relatou a cena que originava tais fantasias, que o acometiam e o deixavam em ereção, de forma a não conseguir evitar a masturbação. A cena ocorreu quando Blaise tinha em torno de sete anos e assistiu uma menina de uns 10 anos de idade urinar. Ficou obcecado pela linha da genitália feminina sem pelos. A partir de então, bastava ver algo que se assemelhasse a tal linha para que se sentisse na urgência de se masturbar, algo da ordem de uma obrigação. Sua vida sexual, em termos de satisfação, se resumia a isso, à exigência da presença deste fetiche. A esposa cedeu às exigências de manter-

se sem pelos em sua genitália e de ter que submeter ao olhar de Blaise a linha unida de seus lábios, porém sequer podia se excitar, já que isso os entreabria, o que fazia perder a característica de brilho específico do fetiche. A abertura dos lábios provocava em Blaise um “nojo assustador” (p.40).

Foi essa a declaração que permitiu ao analista constatar que se tratava de um fetichista. A linha unida dos lábios foi efeito de um deslocamento da cena principal, recusada: a ausência de pênis na menina, na mãe, nas mulheres. Houve, assim, um reforçamento da cena de modo a disfarçar o que de fato era importante, a constatação da castração materna, da diferença dos sexos, da possibilidade da castração em si. Como característica do mecanismo de defesa fetichista frente à castração, o desmentido, Blaise precisava sempre recorrer ao fetiche para recusar essa angustiante possibilidade. Um detalhe da cena explicava a origem de sua dor: ao assistir a menina urinar, Blaise manteve-se deitado sobre o lado esquerdo, sob a porta do banheiro, que era vazada na parte inferior.

A grande surpresa dos efeitos da análise começou a partir da enunciação dessa fantasia que, na verdade, não era uma fantasia neurótica, sustentadora de desejo. Tratava-se de uma cena traumática na qual Blaise permaneceu fixado, algo sem o qual sua sexualidade não encontrava satisfação, para o qual não havia interdição: era submetido àquela necessidade irresistível de se masturbar, ao imperativo superegoico de gozo. Em nome desse imperativo, que aprisionava sua sexualidade exclusivamente ao fetiche, Blaise tinha uma série de restrições em sua sexualidade que acabavam prejudicando outros aspectos de sua vida, tais como o seu casamento.

A partir dessa “confissão”, houve uma mudança drástica em sua transferência. No lugar de pânico e vergonha, apareceram provocações, numa postura repleta de ironias, que desafiavam e desautorizavam o analista. Em pouco tempo, livre dos incômodos decorrentes dos sintomas que apresentava antes, Blaise tornou-se eufórico, sentindo-se bem o suficiente

para dar sua análise por encerrada. O analista foi contrário ao término precoce do tratamento, enunciando a sua posição ao analisando, o que não teve efeitos. Blaise, então, fez uma tatuagem:

“Tratava-se de uma mulher-dragão virada para trás, com as pernas afastadas. Ele pretendia carregar essa máscara de carne nas costas, de tal modo que a fenda do sexo dessa mulher se confundisse com a linha que separava suas próprias nádegas. Era assim que procurava realizar em seu próprio corpo a essência do desmentido perverso: menino na frente e menina nas costas, um sendo apenas o prolongamento do outro, e vice-versa. (...) bastava que ele lhe virasse as costas, para lhe mostrar que já era mulher e, portanto, castrado, ao mesmo tempo saboreando em segredo o engodo dessa castração como imagem que dava ilusão de realidade.” (p. 42).

Pode-se notar que a clivagem do eu, neste caso, apresentava-se também em relação à transferência. Se no início, sob efeito das dores que sentia, Blaise pôde supor que poderia obter algum saber do tratamento analítico, uma posição bastante parecida com a de um neurótico, no final desqualificou todo o saber construído, sentindo-se livre para vivenciar sua perversão.

Parece que a interpretação analítica para o sintoma apresentado colocou em movimento o paradoxo do desmentido, de conjugar “aceito a castração” e “não aceito a castração”, simultaneamente. Pode-se supor que as dores funcionavam, de certo modo, enquanto barra a todo aquele gozo fetichista, enquanto a falta que, justamente por não ter sido devidamente simbolizada, aparecia no próprio corpo. A partir do momento em que há algo que se aproxima de um levantamento de recalque, Blaise pôde livrar-se dessa barra, que aparecia enquanto dor, efeito dessa divisão do eu tipicamente perversa. A parte do eu que estava em consonância com o “aceito a castração” sofria de forma muito semelhante a uma neurose; entretanto, a parte da corrente do “não aceito a castração” estava ali, vinculada à sua

sexualidade clandestina, fetichista. No momento em que há a intervenção sobre o aparente sintoma, é como se houvesse um enfraquecimento do “aceito a castração” e um conseqüente fortalecimento do movimento do desmentido, o que ficou bastante claro em termos transferenciais.

A questão colocada por André é em relação ao efeito analítico que chamou de “cristalização da perversão em análise” (p. 36). Afinal, o efeito analítico foi justamente contrário ao esperado: tirou o resto da dimensão da falta, questão própria de um sujeito dividido e orientado por seu desejo, e possibilitou a assunção de uma posição orientada para o gozo.

Por meio desse exemplo, pode-se propor uma possível problematização à questão de André: parece que não há análise possível para a perversão pela via da interpretação do sintoma. Afinal, não se deve esquecer que o eu do perverso fetichista conta, em sua defesa, para além do recalque, com outro mecanismo, a saber, o desmentido.

Aquilo de que realmente se trata não é que a análise pode “fabricar” uma perversão, no sentido de favorecer sua consolidação. É importante que se questione sobre a eficácia da interpretação analítica, quando realizada pela perspectiva da elaboração, ou do levantamento de recalques. Esse processo de decifração, que tão bem funciona para a neurose, parece promover o fortalecimento do mecanismo de defesa perverso, ao enfraquecer o que restava de indícios de que houve uma aceitação da castração, a saber, uma formação sintomática de conversão.

Uma importante questão a se fazer é, em termos freudianos: se a *Verleugnung* supõe um eu dividido, à medida que há um tratamento possível da parte que sintomatiza, parte essa resultante do recalque, pode-se supor um conseqüente fortalecimento da parte que desmente? Aqui deparamo-nos com uma questão que não pode ser respondida somente em termos de defesa egoica. Há de se estabelecer uma relação desses mecanismos com a questão

pulsional. Ao liberar a libido que estava se satisfazendo de forma desviada com o sintoma, qual passa a ser, então, o seu destino, no caso de uma perversão?

Diante do que já foi discutido sobre a intimidade da perversão com o supereu e deste com a pulsão de morte, podemos supor que, tal qual acontece no masoquismo, há uma erotização da pulsão de morte aqui? Liberar um neurótico de seu sintoma implica deixar libido disponível para que o eu realize novos investimentos, o que está de acordo com o funcionamento de Eros. E na perversão, seria essa libido liberada do sintoma colocada à disposição da pulsão de morte, no sentido de fixar ainda mais o sujeito nessa eterna negativa, nesse desmentido?

Não se trata de questionar se há ou não possibilidade de se realizar análise em perversos; a questão deve ser muito mais relativa a como proceder, enquanto analista, diante de um caso de perversão. Sem a eficácia da interpretação, o que resta ao analista? E mais: cabe ao analista simplesmente negar a análise a um perverso, ainda que se esteja frente a um sofrimento humano grave?

5.1.2- A posição subjetiva é da ordem da singularidade

Um caminho possível para o início dessa discussão, que certamente merece destaque e continuidade, é pela via da ética dentro da própria perspectiva psicanalítica, que para Lacan (1959-1960/1997) é a via do desejo, ou seja, está intimamente relacionada à forma como o sujeito lida com a castração.

Uma boa pergunta a se fazer, diante de uma demanda de análise de um sujeito perverso, é sobre o que ele busca, exatamente, ao procurar um analista. Aqui, o analista deve-se atentar para o que ultrapassa o universal: há análise possível para um perverso, na medida em que ele está, em algum nível, implicado enquanto sujeito na própria perversão. Há de se supor benefícios analíticos somente àquele perverso que sofre de um conflito diante da própria divisão do eu. Não que se possa esperar o fim do mecanismo do desmentido com a

análise, já que é um mecanismo de defesa prematuro na história do sujeito, organizador do psiquismo frente àquilo que lhe foi excessivo, traumático. Mas a questão da responsabilização do sujeito precisa estar presente para que a análise possa acontecer, dentro das especificidades de cada caso, para um perverso.

No caso de Blaise, percebe-se que havia um sofrimento, mas somente enquanto barra ao gozo. Nesse sentido, oferecer interpretação para esse sofrimento contribuiu para o estabelecimento da perversão justamente porque não era um sofrimento ético. Blaise não se queixava dos problemas que seu fetiche trazia para sua vida, muito pelo contrário: era a sua vida que trazia problemas para o seu fetiche. Radicalmente, posição oposta a de um sujeito responsável, talvez um possível motivo pelo qual a análise acabou servindo enquanto lugar privilegiado de confirmação do desmentido da castração.

Miller (1989/1997) destaca que os perversos são éticos quando se colocam enquanto sujeitos de direito, ou seja, enquanto sujeitos responsáveis pelo próprio desejo, no sentido de que podem, dessa posição, fazer escolhas. Isso nos aponta para um caminho que não pode ser ausente na análise de um perverso: a dimensão da subjetividade, ou seja, a dimensão da castração, porém não enquanto causa exclusiva de sofrimento, mas sim enquanto proteção para o perverso, na medida em que a castração é o que preserva o funcionamento psíquico dentro dos limites do princípio de prazer.

Lacan (1974/1993) propõe que se deve negar a aceitação dos sujeitos que denomina “canalhas” em análise, já que são aqueles cuja posição subjetiva é a de jamais se responsabilizar pelo que fazem. Segundo Miller (1989/1997), os canalhas são sujeitos que se desculpam por tudo, que não se implicam na própria história. E isso está muito mais próximo de uma questão ética do que de um modelo próprio à neurose ou à perversão. Ainda sobre isso, Alberti (2005) destaca que as perversidades não são exclusivas ao perverso e nem todos

os perversos cometem as perversidades. Não se deve confiar no fenômeno, na perversidade de um ato, para se chegar à conclusão de que se trata de uma perversão.

Então, uma perspectiva que se abre quanto ao que se pode propor enquanto possibilidade de análise para um perverso é que o sujeito seja eticamente orientado, ou seja, que em seu sofrimento esteja implicada a dimensão da responsabilidade. Diante disso, o analista deve guiar-se sempre pela via da castração, para que consiga efeitos protetores, barrando a potência mortífera presente em tais casos. É enfatizando a dimensão da falta, da castração, que pode emergir a possibilidade de escolha entre obedecer ou não aos imperativos de gozo, gozo este de que o perverso costuma se colocar como refém. É justamente na medida em que pode escolher resistir às demandas pulsionais é que se pode ser sujeito.

A pouca esperança que se costuma ter em relação ao tratamento analítico na perversão é reflexo de uma dedução que se tem de que o mecanismo do desmentido é sempre preponderante e implacável. De fato, esse é um obstáculo, mas somente quando o analista tem a expectativa de uma mudança desse arranjo psíquico próprio à categoria da perversão, ou mesmo quando espera alcançar resultados pela via tradicional da interpretação do sintoma neurótico. Entretanto, se o analista pode acolher os sujeitos pela via da diferença e da singularidade, abre-se aí a possibilidade de realização de um trabalho analítico na perversão, desde que a dimensão do desejo esteja preservada para ambos, analista e analisando.

Sobre isso, a posição do analista é de real importância na decisão de aceitar ou não um sujeito em análise, já que não poderá ceder de seu desejo em momento algum. A dimensão da falta deve ser especialmente preservada, pois é de se esperar que o mecanismo do desmentido apareça também na relação transferencial. Além disso, é somente na medida em que o analista assume a própria castração que poderá se negar a compactuar com o gozo. Afinal, segundo Castro & Rudge (2003), o analista, diante da perversão, é convidado a sair do lugar daquele a quem se supõe um saber, sendo logo jogado para o lugar de quem deve gozar,

o que é característico da posição de objeto que o perverso visa ser para o Outro. Por isso, o analista, em sua posição ética, deve estar especialmente advertido quanto a não abrir mão de sua posição desejante e faltosa, única posição que poderá protegê-lo da angústia ou mesmo do gozo neste tipo de atendimento. É assumindo o “não” em sua própria atuação que o analista poderá limitar os efeitos do gozo a ele proposto, nem que para isso tenha que reconhecer os limites de sua atuação com determinados sujeitos.

Neste sentido, conforme defendido por Queiroz (2004), a clínica da perversão exige que o analista consiga conceber a análise além de seus padrões clássicos, já que a demanda de um perverso por análise se apresenta de formas diferentes das demandas neuróticas, que segundo a autora categoriza, variam entre: demanda desmentida (a partir da *Verleugnung*), demanda enganchada a um sintoma neurótico – que parece ser o caso de Blaise – e demanda que vem a partir de uma queixa externa, tendo em vista o incômodo que a perversão causa nos laços sociais. A posição do analista parece ser a de escutar qual é a demanda e como ela se constitui na singularidade daquele sujeito.

É fato incontestável que a questão da perversão na clínica psicanalítica é da ordem do desafio para o analista. Afinal, por todas as razões aqui expostas, caberá ao analista manter-se longe de uma posição acrítica: aquela que simplesmente exclui radicalmente o perverso da clínica, somente por se tratar de uma perversão; ou aquela que aceite todos os casos em nome de uma suposta atuação exemplar.

O analista também precisa estar devidamente advertido de que é pela via da singularidade de cada caso, da posição subjetiva de cada um, que poderá decidir sobre sua atuação. Isso sem perder de vista o aparato teórico que, em psicanálise, tem íntima e indissociável relação com a prática, no sentido de mantê-lo, o analista, longe de uma posição de ingenuidade, que certamente comprometeria todo o processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o percurso realizado para a construção deste trabalho, são possíveis algumas reflexões relevantes, conforme a seguir.

Freud (1905/1989), ao estabelecer bases para uma teoria sobre a perversão, o fez partindo do geral da categoria, estabelecendo características de funcionamento psíquico específicas à perversão. Por diversas vezes, utilizou-se da comparação com a neurose, por meio de aproximações e diferenciações entre ambas. E outra comparação relevante utilizada por Freud foi entre a perversão adulta e a sexualidade infantil, o que permitiu a constatação de que a sexualidade nos seres humanos, em sua origem e essência, é perversa.

A partir dessa premissa freudiana, de que a perversão está universalmente na origem da sexualidade e, portanto, na origem da subjetivação, Freud pôde constatar que a vicissitude da perversão na neurose é ser recalçada. Isso explica o fato de as fantasias neuróticas apresentarem conteúdos perversos: “a neurose é o negativo da perversão”, (Freud, 1905/1989, p.155); portanto, a perversão originária é recalçada na neurose. Quando esse recalque não acontece, por razões tais como vivência prematura de um excesso pulsional, o que gera uma fixação libidinal intensa, atraente a movimentos regressivos, trata-se de uma perversão não recalçada, ou simplesmente perversão positiva. Então, ao invés de o recalque favorecer a primazia genital, como ocorre na neurose, no caso de uma perversão haverá uma tendência à realização pulsional direta e essa corrente será dominante sobre as demais, inclusive sobre a genital (Freud, 1917d/1976). São fatores que estão de acordo com outra propriedade defendida por Freud (1905/1989) como ligada à perversão: a exclusividade de obtenção de satisfação sexual pelas chamadas vias paralelas.

Para uma melhor compreensão dessas premissas iniciais de Freud, é necessário que se entenda como o indivíduo vivenciou a sexualidade infantil, o que será, em grande

escala, influenciado pelo complexo de Édipo. As relações da criança com a mãe e com o falo materno determinarão a vivência edípica. Segundo Lacan (1957-1958/1999), o perverso foi aquela criança que permaneceu atribuindo a lei à mãe, o que configura uma entrada paterna ineficaz enquanto metáfora. Por estar fortemente ligada às relações imaginárias de completude com a mãe, a criança, no caso de uma perversão, não obtém de forma exitosa a metáfora paterna, já que não assume o desejo materno enquanto relacionado àquilo que só o pai pode dar e posiciona-se enquanto o falo imaginário da mãe. Essa posição se torna um obstáculo para que o Nome-do-Pai compareça enquanto organizador simbólico, já que seria necessário que o filho assumisse a castração materna para que o simbólico moderasse o gozo.

Tudo isso se torna ainda mais claro quando se integra à teoria da perversão o que Freud (1927/1974) estabeleceu para o fetichismo. É diante da castração materna que a criança se depara com o horror e se defende, no caso de uma perversão, com o mecanismo do desmentido (*Verleugnung*). Este mecanismo, paradigmático para a categoria como um todo, explica o que promove a falha na simbolização: há a constatação da castração materna, que é seguida por uma recusa, de forma a desmenti-la. E o perverso, apesar de não delirar a existência do pênis materno, não abre mão de sua existência ao se tornar um fetichista. Necessitar de um objeto enquanto símbolo real do pênis materno é o indício de que não houve uma construção simbólica completa, mas sim um deslizamento: do pênis ao fetiche.

O masoquismo, tipo específico de perversão, também pode ser tomado como paradigmático para a categoria das perversões. Isso porque, a partir do estabelecimento do dualismo “pulsão de vida x pulsão de morte” e da proposta de uma segunda tópica, Freud (1924a/1976) utiliza o masoquismo erógeno enquanto prova de uma fusão pulsional originária. E é por meio do conceito de masoquismo moral que Freud (1924a/1976) chega a uma importante conclusão: há, nesses casos, uma erotização da pulsão de morte. Dando continuidade a esse raciocínio, Lacan (1966[1963]/1998), utilizando-se de seu conceito de

gozo, estabelece, de forma clara, uma relação íntima entre o supereu e a perversão. Quando não se está funcionando sob o princípio de prazer, pela via da falta, é porque se está obedecendo ao supereu, cuja parceria com a pulsão de morte está estabelecida desde Freud (1923a/1976). E na perversão, a tirania superegoica se torna ainda mais implacável justamente por causa da falha na simbolização, ocorrida pelo modo particular com que o perverso vivencia o Édipo e o complexo de castração.

Conforme o caminho teórico foi sendo percorrido, percebeu-se que as três perspectivas freudianas sobre a perversão são suplementares e necessárias em seus detalhes para a compreensão do arranjo psíquico do perverso, principalmente quando se tem como objetivo uma reflexão sobre a atuação na clínica psicanalítica. Porém, há o fator da singularidade, que está além das concepções sobre a categoria. Há *um* sujeito perverso, e a forma como esse sujeito lida com a própria perversão deverá ser levada em consideração, sempre. Ser perverso não indica necessariamente praticar perversidades, ou mesmo se sentir bem ao praticá-las, o que aponta para a questão da posição ética de cada sujeito. É por essa via, de compreensão teórica como um todo, e também compreensão da posição subjetiva de cada um, que o analista poderá decidir por analisar ou não um perverso.

Grande parte do desafio clínico sobre o que se esperar da análise de um perverso está diretamente relacionada à forma como os processos psíquicos se dão na perversão e de como eles aparecem na demanda de análise ou mesmo na transferência. Por um lado, há a fixação a uma determinada cena traumática, sustentada pelo imperativo superegoico de gozo, que funciona além do princípio de prazer enquanto um empuxo à repetição de um modo exclusivo de se obter satisfação sexual. Tudo isso sustentado pela presença de uma defesa psíquica tão radical, que promove a incessante necessidade de desmentir a castração, recusar as dimensões da falta e do desejo. Por outro lado, há um sujeito que entrou, sim, em contato com aquilo que precisa sempre desmentir. Essa dubiedade

relaciona-se a uma divisão no eu, nas palavras de Freud (1940b/1975, p.309) “(...) a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa.”.

Então, parte do eu aceita a castração, mas parte do eu desmente. Está justamente aí a possibilidade de compreensão de que uma perversão não necessariamente produz somente satisfação prazerosa ao sujeito. Muitas vezes, provoca mal estar no próprio sujeito perverso, chegando mesmo a gerar sofrimentos de ordem ética ou oriundos das inúmeras concessões que o sujeito precisa realizar para sustentar a própria sexualidade. Nesses casos, claramente se percebe que a divisão subjetiva e seu respectivo conflito psíquico, tão típicos das neuroses, estão presentes também, porém com uma manifestação distinta, oriunda da diferença do tipo de cisão, ainda mais marcante no mecanismo do perverso. O princípio de prazer ainda prevalece enquanto um regulador pulsional, porém apenas em parte. Entretanto, se essa divisão egoica é reduzida e a parte que recusa a castração prevalece, é sob o domínio de uma erotização da pulsão de morte que o sujeito estará, tomando o gozo pelo desejo, ou, segundo Lacan (1966[1963]/1998), tornando-se representante do desejo puro.

Pelo fato de o desmentido ser um mecanismo de defesa em que a cisão torna-se determinante, não parece ser possível que o tratamento analítico tradicionalmente aplicado a outro tipo de mecanismo, a saber, o recalque, tenha efeitos analíticos. A via interpretativa clássica parece não intervir sobre as questões da perversão de forma eficaz, não sendo efetiva quanto aos seus efeitos, podendo mesmo incorrer na acentuação de um funcionamento pautado pelo gozo desmedido.

Portanto, sobre a clínica da perversão, muito ainda se tem a discutir. Como foi questionado em nosso último capítulo, qual seria a forma de tratamento analítico para um mecanismo tal qual o desmentido? Sabendo-se dos riscos de se generalizar a prática interpretativa, que tão bem cabe à neurose, como poderia ser pensada a prática com os perversos? Além disso, em relação ao desmentido, o que se pode esperar? Sabe-se, pela

clínica da neurose, que o material recalado pode ser tornado consciente e ter um novo lugar na vida do sujeito, por meio das elaborações. E quanto ao desmentido? Certamente, são perguntas de extrema importância, que merecem destaque e estudos rigorosos, e que não se esgotaram com as investigações do presente trabalho. São questões que, por sua relevância clínica, devem permanecer enquanto indicações para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Sonia. A perversão, o desejo e a pulsão. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v.5, n. 2, set. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482005000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2012.
- ANDRÉ, S. **A impostura perversa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- AULAGNIER S., P. (1967) A perversão como estrutura. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, VI, 3, 43-69, 2003.
- CASTRO, S.L.S. & RUDGE, A.M. Perversão e ética na clínica psicanalítica. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. III, n.1, p.78-95, mar 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482003000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 mar. 2013.
- CELES, L.A.M. **Sexualidade e subjetivação: um estudo do caso Dora**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **Ética e estética da perversão**. Tradução de Vera Jacques. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise**. Tradução de Dulce Duque Estrada. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FERRAZ, F.C. **Perversão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- _____. **Tempo e ato na perversão**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- FIGUEIREDO, L.C. Verleugnung. A desautorização do processo perceptivo. **Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2003.
- FLEIG, M. **O desejo perverso**. Porto Alegre: CMC, 2008.
- FREITAS, A. L.; RUDGE, A. M. O supereu entre o amor e o gozo. **Tempo psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010148382011000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 mar. 2013.
- FREUD, S. (1893) Algumas considerações para o estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1896/1950a) Rascunho K. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. (1896/1950b) Carta 52. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. (1897/1950a) Carta 55. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. (1897/1950b) Carta 57. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. (1897/1950c) Carta 69. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. (1910a) Cinco lições de psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____. (1910b) Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

_____. (1913) Totem e Tabu. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1915) Os instintos e suas vicissitudes. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1917a) Luto e melancolia. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1917b) Conferência XVIII: Fixação em Traumas – o inconsciente, conferências introdutórias em psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1917c) Conferência XX: A vida sexual dos seres humanos, conferências introdutórias em psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1917d) Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais, conferências introdutórias em psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1917e) Conferência XXII: Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia, conferências introdutórias em psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1919) Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1920) Além do princípio do prazer. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1921) Psicologia de grupo e a análise do ego. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1923a) O ego e o id. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1923b) A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1924a) O problema econômico do masoquismo. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1924b) A dissolução do complexo de Édipo. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1925) Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1927) Fetichismo. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1930) O Mal-Estar na Civilização. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1933a) Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica, novas conferências introdutórias em psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1933b) Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual, novas conferências introdutórias em psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1940a) Esboço de Psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. (1940b) A divisão do ego no processo de defesa. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

GEREZ-AMBERTÍN, M. **As vozes do supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização**. Tradução de Stella Chebli. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009.

GEREZ-AMBERTÍN e col. *Supereu: clínica diferencial neurose – perversão (masoquismo)*. **Letra Freudiana**. Ano XI, n. 10/11/12, p. 189-194. Rio de Janeiro : Dumara, 2012.

GREEN, A. **O trabalho do negativo**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LACAN, J. (1953-1954) **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1986.

_____. (1956-1957) **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

_____. (1957-1958) **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

_____. (1959-1960) **O seminário, livro 7: A ética da psicanálise**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

_____. (1962-1963) **O seminário, livro 10: A angústia**. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

_____. (1946/1966) *Formulações sobre a causalidade psíquica*. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. (1963/1966) *Kant com Sade*. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. (1964) **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

_____. (1968-1969) **O seminário, livro 16: de um Outro ao outro**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2008.

_____. (1969-1970) **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão Brasileira de Ary Roitman, consultor Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1992.

_____. (1971) **O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

_____. (1972-1973) **O seminário, livro 20: Mais, ainda**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de M. D. Magno. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

_____. (1974) **Televisão**. Versão brasileira de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MANNONI, O. (1969) **Chaves para o imaginário**. Tradução de Lígia Maria Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1973.

MILLER, J.-A. (1985) Sobre Kant com Sade. **Lacan elucidado: palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

_____. (1989) Patologia da ética. **Lacan elucidado: palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

_____. (1989) Fundamentos de la perversión. **Perversidades**. Colección Orientación Lacaniana, Buenos Aires, Barcelona, México: Eol, Paidós, 2001.

_____. Clínica y superyó. **Conferencias porteñas: tomo I Desde Lacan**. Buenos Aires: Paidós, 2009.

MOREIRA, J.O. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. 2004

QUEIROZ, E. F. **A clínica da perversão**. São Paulo: Editora Escuta, 2004.

QUINET, Antônio. **Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.

RUDGE, A.M. Versões do supereu e perversão. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, vol. 12, n.3, 1999. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721999000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 06 set. 2012.

SAFATLE, V. **Fetichismo: colonizar o Outro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

VALAS, P. **Freud e a perversão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.